Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Sara Dias Salvati

Masoquismo: uma linha tênue entre a busca pela morte e a sustentação da vida

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Monah Winograd

Rio de Janeiro,
Maio de 2025.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Sara Dias Salvati

Masoquismo: uma linha tênue entre a busca pela morte e a sustentação da vida

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC- Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Profa. Monah Winograd
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Daniela Romão Barbuto Dias
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Mônica Medeiros Kother Macedo
UFRGS

Rio de Janeiro,12 de maio de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Sara Dias Salvati

Graduou-se em Psicologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2022. Desenvolve pesquisa sobre o masoquismo e sua relação com a pulsão de morte, com ênfase nas dimensões estruturantes e destrutivas do sofrimento psíquico, a partir da teoria freudiana. Atua em consultório como psicóloga com escuta clínica voltada aos impasses subjetivos.

Ficha Catalográfica

Salvati, Sara Dias

Masoquismo: uma linha tênue entre a busca pela morte e a sustentação da vida / Sara Dias Salvati ; orientadora: Monah Winograd. – 2025.

121 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Masoquismo. 3. Pulsão de morte. 4. Sofrimento psíquico. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

A todos que me impulsionam para a vida.

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo apoio e incentivo no que eu amo fazer. Agradeço a escuta atenta, respeitosa e despida de quaisquer convicções. Seu cuidado e seu apoio nesta jornada foram essenciais.

Ao Luís, por me proporcionar um lugar seguro que me acolhe e me impulsiona. Sua companhia foi empuxo para que meu barco pudesse flutuar.

À Vitória e à Marcelle, porque a solidão do ambiente acadêmico não me assolou nos momentos em que vocês estiveram comigo.

À Ruth, que me proporcionou um espaço de escuta e de muitas e-labor-ações.

Aos meus pacientes, que me ensinam sobre os fenômenos psíquicos e as subjetividades, fomentando em mim o desejo de seguir aprendendo e atendendo. E à sustentação da dor, que nos permite viver a dor e a delícia de ser quem somos.

À Monah, pela orientação suficientemente boa, que não sufoca e não abandona, tornando o processo da escrita o menos angustiante possível nos momentos difíceis.

À Daniela e à Mônica, pela orientação e conhecimentos preciosos que enriqueceram esta pesquisa antes e durante o seu processo.

Ao Programa Universidade para Todos, que me possibilitou um lugar na graduação, o que tornou possível um espaço para avançar para novos caminhos.

À PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Salvati, Sara Dias. Winograd, Monah. **MASOQUISMO: uma linha tênue entre a busca pela morte e a sustentação da vida**. Rio de Janeiro, 2025. 121p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação investiga o conceito de masoquismo na teoria freudiana, analisando seu desenvolvimento, reformulações e implicações teóricas e clínicas. Partindo da formulação inicial do masoquismo como perversão sexual, o estudo percorre as transformações conceituais até sua articulação com a pulsão de morte e a compulsão à repetição. A pesquisa propõe uma distinção entre o masoquismo estruturante, que sustenta a dor sem levar à destruição psíquica, e o masoquismo enquanto adoecimento, relacionado à culpa, ao Supereu punitivo e à submissão ao outro. Além das formulações de Freud, são discutidas contribuições posteriores, como o masoquismo guardião da vida e o masoquismo mortífero de Rosenberg. A dissertação também explora representações do masoquismo na cultura e utiliza referências cinematográficas para ilustrar suas manifestações subjetivas. A partir desse raciocínio de pesquisa, busca-se evidenciar a complexidade do masoquismo, mostrando como ele pode operar tanto na sustentação psíquica quanto na repetição destrutiva do sofrimento.

Palavras-chave

Masoquismo; pulsão de morte; sofrimento psíquico.

Abstract

Salvati, Sara Dias. Winograd, Monah (Advisor). **MASOCHISM: a fine line between the pursuit of death and the sustaining of life**. Rio de Janeiro, 2025. 121p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation investigates the concept of masochism within Freudian theory, analyzing its development, reformulations, and theoretical and clinical implications. Starting from the initial formulation of masochism as a sexual perversion, the study traces the conceptual transformations leading to its articulation with the death instinct and the compulsion to repeat. The research proposes a distinction between structuring masochism, which sustains pain without leading to psychic destruction, and masochism as pathology, linked to guilt, the punitive Superego, and submission to the other. In addition to Freud's formulations, later contributions are discussed, such as Rosenberg's notions of life-preserving masochism and deadly masochism. The dissertation also explores cultural representations of masochism and uses film references to illustrate its subjective manifestations. Based on this line of inquiry, the study aims to highlight the complexity of masochism, showing how it can operate both in psychic support and in the destructive repetition of suffering.

Keywords

Masochism; death instinct; psychic suffering.

Sumário

1 Introdução 10
2 A Construção do Masoquismo na Teoria Freudiana 18
2.1 Da pulsão ao masoquismo 21
2.2 1905: o surgimento do par sadismo-masoquismo 27
2.3 1915: o masoquismo como destino da pulsão 32
2.4 1919: o masoquismo como fase da fantasia infantil 37
2.5 A caminho da pulsão de morte 40
3 O Masoquismo Enquanto Estruturante 46
3.1 Abrindo caminho para o masoquismo 46
3.2 A origem do masoquismo erógeno 51
3.3 Prazer e desprazer lado-a-lado 52
3.4 O masoquismo como sustentação da dor 54
3.5 Glamourização do sofrimento 62
3.6 Sustentar a dor para sustentar a si mesmo 63
3.7 *Turning Red*: honrar a si mesmo 66
4 O Masoquismo Enquanto Adoecimento 72
4.1 O surgimento do masoquismo secundário 72
4.2 Masoquismo mortífero 77
4.3 Masoquismo moral 81
4.4 Masoquismo feminino 94
5 Considerações Finais 109
6 Referências Bibliográficas 114

Vani: “Sabe que às vezes eu acho uma
sacanagem eu ter de ser do jeito que eu sou?
Rui: Você não tem que ser. Você pode ser de
outro jeito, se você quiser.
Vani: Você pensa que eu não tento,
meu amor?
Eu tento o tempo todo.
Por isso que a minha vida é tão difícil,
com uma luta constante, sabe?
Rui: Sei, de você contra você.
Vani: Exatamente! Sou eu,
aliada a mim mesma,
contra mim, entendeu?
Sempre ali me puxando o tapete,
me puxando o tapete...
(diálogo em: Os Normais, 2001-2003,
Diretor José Alvarenga Júnior).

1 Introdução

O sofrimento psíquico, ainda que de maneiras e intensidades diferentes, atinge todos os indivíduos, uma vez que o mal-estar não se restringe às psicopatologias (Freud, 1930/2010). Não há um "escudo impenetrável" (Freud, 1930/2010, p. 36) que proteja o psiquismo dos excessos intensivos que o atingem. A liberdade e a felicidade plenas não existem (Jimenez, 1988), mas, a partir da fragilidade derivada da dor, se pode escoar o sofrimento e subjetivá-lo (Fortes, 2012).

Freud (1920/2020; 1924/2011) se deparou com sofrimentos persistentes que, por isso mesmo, denotavam uma outra dinâmica do par prazer-desprazer desenvolvido por ele até então. Ao ser confrontado em seu exercício clínico com situações que lhe pareciam contradizer o princípio do prazer – a lógica de que o aparato psíquico sempre buscaria por prazer e evitaria o desprazer –, Freud (1920/2020) recuou na teorização feita até então e a reformulou. Ao se ver de frente com quadros clínicos que claramente eram situações de grande desprazer, que jamais foram prazer e que ainda assim eram repetidas pelo sujeito, percebeu algo que pareceu agir independente do princípio do prazer. A este algo, ele qualificou como demoníaco, pois eram situações em que o sujeito se colocava repetidamente em profunda destruição.

Como veremos mais a fundo neste trabalho, em "Além do princípio do prazer", Freud (1920/2020) formulou a existência da pulsão de morte a partir de quadros de compulsão à repetição e em 1933, na Conferência 32, ele colocou o masoquismo e o sadismo como grandes vetores da nova teoria pulsional. O campo pulsional percorreu um longo caminho de desenvolvimento e reconstruções na obra freudiana e, em paralelo, o par sadismo-masoquismo. Nesse sentido, chegamos ao ponto de maior interesse deste trabalho: o masoquismo.

A psicanálise se constituiu historicamente, como saber e como clínica, na medida em que deu enfoque à dor psíquica. Mais especificamente, destaca-se aqui a violência psíquica advinda da pulsão de morte (Costa, 1986). Somado à literatura psicanalítica, a motivação para esta pesquisa surgiu a partir de um contato direto com a clínica, a qual lançou luz sobre a dor psíquica do sujeito e as variadas formas de se experienciar o sofrimento. Dentre elas, observou-se este quadro clínico de sofrimento insistente e de caráter destrutivo. À vista disso, a presença maciça da

pulsão de morte observada nos pacientes, suas diversas manifestações e seu caráter destrutivo insistente foram a primeira motivação de estudo da pesquisa aqui proposta. O recorte do tema conduziu a uma das formas de expressão da pulsão de morte, o masoquismo, tendo essa escolha sido pautada pela relevância desse conceito, a partir das teorizações de Freud elaboradas com a segunda tópica, por sua relação fundamental com outras noções-chave da psicanálise, assim como, ainda, pela presença do masoquismo em diversos quadros clínicos. Partindo dos estudos sobre as noções de pulsão de morte e de compulsão à repetição em minha monografia de conclusão de curso, cheguei a esta expressão tão peculiar delas. Naquele trabalho, cujo tema era pensar alguns casos de abuso psicológico vivenciado por mulheres, percorri noções como pulsão de morte, trauma, compulsão à repetição e masoquismo feminino. Nesse sentido, em um esforço de circunscrição visando o aprofundamento, cheguei atualmente a um percurso mais específico do estudo da noção de masoquismo.

O masoquismo, em especial, apresenta um desafio à lógica do prazer e da evitação do desprazer, uma vez que implica buscar por e suportar situações que geram dor e sofrimento. Inicialmente concebido como uma expressão da sexualidade infantil, o masoquismo foi gradativamente reposicionado na teoria freudiana, ganhando um estatuto mais amplo, atravessando a organização pulsional e a constituição do psiquismo. Esse paradoxo manifesta-se de diversas formas na clínica e na cultura. Em alguns casos, indivíduos repetem padrões destrutivos, perpetuando situações de sofrimento e fracasso, mesmo quando parecem querer o oposto. Em outros, a dor psíquica se torna um elemento fundamental na estruturação da subjetividade, permitindo atravessar experiências angustiantes sem sucumbir completamente a elas. Nesse sentido, podemos destacar as duas faces do masoquismo, uma destrutiva e uma estruturante.

A interseção entre masoquismo e pulsão de morte nos convida a uma reflexão sobre a natureza das repetições patológicas e os mecanismos psíquicos que sustentam a busca pela dor. Entender essas questões é essencial para a psicanálise, não apenas no que diz respeito à teoria, mas também na dimensão clínica, onde a repetição do sofrimento pode aparecer como obstáculo ao tratamento ou como elemento importante no processo analítico.

Freud se deparou com uma característica enigmática, sombria e intensa (Hasky, 2016) das pulsões desde 1895, quando em “Projeto para uma Psicologia

Científica" (Freud, 1895/1990) o autor já falava em uma "mola pulsional do mecanismo psíquico (*die Triebfeder des psychischen Mechanismus*" (Freud, 1895/1950, p. 395) que poria o aparato (neuronal, no caso) em movimento. Caropreso e Simanke (2016) destacam que, no Projeto, Freud ainda não utilizava explicitamente o conceito de pulsão (*Trieb*), que só viria a ser formalizado mais tarde em sua obra (como veremos neste trabalho). Ele concebe inicialmente a repetição como um mecanismo relacionado à tendência do sistema psíquico a buscar a redução da excitação. No entanto, certas experiências não são simplesmente descarregadas, mas retornam de forma insistente, especialmente aquelas associadas a vivências de dor e desamparo. Esse aspecto antecipa, de maneira embrionária, o conceito de compulsão à repetição, que seria desenvolvido mais tarde. Além disso, Caropreso e Simanke (2016) ressaltam que Freud, nesse período, trabalha com a noção de quantidade de excitação e sua distribuição pelo aparelho psíquico, o que mais tarde será abordado no conceito de pulsão. A relação entre prazer e desprazer, fundamental na teoria freudiana das pulsões, já se esboça no Projeto por meio da ideia de que o sistema nervoso busca reduzir a excitação (o que antecipa o princípio do prazer), mas ao mesmo tempo se vê preso a experiências que não podem ser simplesmente dissipadas. Isso sugere uma tensão entre a busca pela descarga e a permanência de certas representações, algo que, posteriormente, será discutido na teoria das pulsões de vida e de morte.

Assim, embora já tivesse algum solo, o conceito de pulsão propriamente surgiu somente em 1905, ao mesmo tempo em que a teoria pulsional foi sofrendo alterações, contribuições e impasses ao longo dos anos. Esses impasses se deram muito a partir do contato com a clínica, na qual a escuta dos pacientes exigia uma reavaliação constante da teoria proposta. Dessa mesma maneira, Freud chegou à pulsão de morte, a partir de casos clínicos onde podia ser observada a presença de uma compulsão à repetição, conceito que ganhou extrema relevância para a clínica psicanalítica e que se relaciona diretamente com a pulsão de morte. Somado a isso e sendo destaque de nosso tema, o masoquismo esteve sempre atrelado à noção de pulsão nos textos freudianos, sendo citado pela primeira vez no texto em que a primeira definição de pulsão também foi postulada (Freud, 1905/2016). Além disso, sendo uma forma de expressão da pulsão de morte, que só foi postulada em 1920, pode-se dizer que o masoquismo, juntamente com o sadismo, também foi uma noção nebulosa e que tomou seu tempo para chegar a uma maior especificidade

teórica na obra de Freud. Dessa forma, tendo o masoquismo sofrido diversos impasses em sua teorização, sendo um tema que, em comparação a tantos outros, é menos explorado na academia e sendo um fenômeno clínico recorrente, esta pesquisa percebe sua relevância tanto clínica quanto teórica. Clínica, uma vez que, sobretudo, o masoquismo enquanto adoecimento psíquico se apresenta na vida de um sujeito e na própria análise (Freud, 1924/2011); e teórica, visto que se propõe uma revisão sistemática que englobe as principais teorizações dessa noção.

Assim, a relevância deste estudo reside (1) em ter um estudo teórico que aglomere a teoria do masoquismo, este em suas três modalidades e suas duas facetas; (2) quanto a suas facetas, na possibilidade de pensar o masoquismo para além de seu aspecto destrutivo, identificando sua presença no psiquismo de maneira constitutiva. Freud (1924) propõe, por fim, a existência de três tipos de masoquismo: erógeno, moral e feminino, sendo que, no decorrer de sua obra, ele reformula suas teorias e ressignifica o papel do masoquismo na economia psíquica. Essa abordagem permite compreender como a experiência da dor, pode operar como uma expressão de autodestruição ou no processo de elaboração psíquica.

Esta dissertação tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre o masoquismo e sua relação com a pulsão de morte, destacando suas dimensões destrutivas e seu potencial de sustentação da dor de forma não patológica. Assim, também visa apresentar uma revisão sistemática das noções de masoquismos na teoria freudiana, colocando em evidência as reformulações que o conceito sofreu ao longo da obra de Freud e as contribuições de autores posteriores que se alinharam a essa perspectiva. Tendo os seguintes objetivos específicos, esta dissertação se propõe a: (1) Investigar a noção de masoquismo na obra de Freud, suas reformulações e impasses; (2) Fazer uma distinção e aprofundamento das noções de masoquismo erógeno, moral e feminino; (3) Investigar e descrever o masoquismo enquanto estruturante; (4) Investigar e descrever o masoquismo enquanto adoecimento psíquico.

Para atingir tais objetivos, propomos fazer uma revisão da noção de masoquismo, tanto na própria obra freudiana quanto em teorias posteriores que se mantêm em uma perspectiva também freudiana do masoquismo. Nesse sentido, faremos uma revisão da noção de masoquismo nos ensaios de Freud, buscando as definições, mudanças e impasses percorridos pelo autor ao longo dos anos. Somado a isso, como novas contribuições à teoria formulada por Freud, as noções de

masoquismo guardião da vida e masoquismo mortífero de Benno Rosenberg também será discutida nesta revisão. Assim, propomos uma pesquisa que reúna grandes trabalhos do masoquismo, fazendo uma revisão sistemática conceitual.

Para que nossos objetivos sejam atingidos, no primeiro capítulo teórico, passaremos por uma revisão do conceito na obra freudiana, na qual revisitaremos textos e conferências em que a noção é citada ou desenvolvida, marcando as mudanças na definição dela entre os textos e os impasses enfrentados por Freud. Assim, começaremos com uma breve recapitulação do período pré-psicanalítico, no qual Freud se aprofunda na ideia de excitação no aparelho psíquico, o que foi o primeiro chão para a teoria das pulsões. Depois disso, seguiremos para entender o par sadismo-masoquismo em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905) e em seu contexto da época. Após percorrê-lo, passaremos para "Pulsão e seus destinos" (Freud, 1915), no qual Freud discorre sobre o masoquismo e sadismo como destinos da pulsão. A partir disso, Freud avança e em "Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais" (Freud, 1919) entende o masoquismo como fase da fantasia infantil, a qual percorreremos em suas fases. Por fim, chegaremos ao período da grande virada no que tange à teoria das pulsões, 1920. Assim, entraremos na reformulação das pulsões, uma vez que Freud (1933) afirma que o masoquismo foi fundamental para a postulação da pulsão de morte. Com isso, costurando com diversos outros textos freudianos, que dialogam e enriquecem a pesquisa nesta revisão, teremos percorrido o caminho até 1924, quando Freud escreve um ensaio especificamente sobre o masoquismo e seu problema econômico que agora pode ser pensado a partir da noção de pulsão de morte e compulsão a repetição discutidos em 1920. Como nos debruçaremos com mais detalhes nas três modalidades do masoquismo trabalho em "O problema econômico do masoquismo" (Freud, 1924), o dividiremos em dois capítulos: o masoquismo erógeno no segundo capítulo e o masoquismo moral e o feminino no terceiro capítulo – separando-os por suas consequências construtivas ou destrutivas para o psiquismo.

No segundo capítulo teórico, então, trabalharemos a noção de masoquismo estruturante e, juntamente com o masoquismo erógeno postulado por Freud, discutiremos a noção de masoquismo guardião da vida (Rosenberg, 2003) e a positividade da pulsão de morte a ele relacionada. Como veremos, Freud (1924/2011) reformulou sua compreensão sobre o prazer e o desprazer,

evidenciando que ambos podem coexistir e que, longe de ser apenas um fator patológico, o masoquismo erógeno primário desempenha um papel essencial na constituição do psiquismo. A partir da fusão entre Eros e pulsão de morte, ocorre uma transformação do princípio do prazer, permitindo que o sujeito tolere a tensão e o desprazer sem sucumbir à autodestruição.

Entraremos no surgimento do masoquismo e como sua constituição e definição permitem-nos pensar sua capacidade de sustentação da dor. A noção de "masoquismo guardião da vida" (Rosenberg, 2003) é central para essa discussão, pois, a partir do masoquismo erógeno de Freud, aponta para um funcionamento masoquista que, em vez de aniquilar o sujeito, possibilita a continuidade da vida psíquica. Ao longo do capítulo, discutiremos como essa sustentação do desprazer permite que o indivíduo atravesse experiências dolorosas, elaborando-as em vez de ser aprisionado pela compulsão à repetição. Diferenciaremos, assim, o masoquismo estruturante do masoquismo patológico. Para ilustrar, utilizaremos a animação "*Turning Red"*, que apresenta uma narrativa simbólica, sob nossa perspectiva, sobre o masoquismo enquanto sustentação da dor para fins transformadores. Por fim, destacaremos a relevância do masoquismo erógeno na análise, considerando que a possibilidade de sustentar algum sofrimento psíquico é uma condição indispensável para a travessia da dor no processo analítico. Se um masoquismo patológico resiste à mudança, um masoquismo estruturante sustenta a tensão necessária para que novas elaborações sejam possíveis. Dessa maneira, este capítulo busca contribuir para uma leitura ampliada do masoquismo, deslocando-o do campo exclusivo da patologia para um funcionamento fundamental na constituição subjetiva.

No terceiro capítulo, após percorrer a noção de masoquismo em Freud, chegando às definições finais das três modalidades de masoquismo, traremos a noção de masoquismo enquanto adoecimento psíquico. Trabalharemos as noções de masoquismo moral e masoquismo feminino desenvolvidas por Freud, somadas à noção de masoquismo mortífero de Rosenberg. Para isso, será utilizado o trabalho "Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida" (Rosenberg, 2003), no qual o autor destrincha esta e outras noções da temática que serão também exploradas.

Neste capítulo, investigaremos as formas patológicas do masoquismo e sua relação com o dualismo pulsional, explorando seus efeitos no psiquismo e na vida

do sujeito. Partindo da diferenciação entre o masoquismo primário e secundário, discutiremos o retorno da agressividade para o próprio Eu quando a pulsão destrutiva é reprimida pela cultura, possivelmente podendo (ou não) formar o masoquismo secundário. Este fenômeno é central para a compreensão de um sofrimento autoproduzido.

O capítulo aprofunda a noção do masoquismo mortífero (Rosenberg, 2003), que diz respeito ao masoquismo patológico, isto é, ao masoquismo moral e feminino (Freud, 1924/2011). Discutiremos, ainda que brevemente, a título de elucidar o estudo, como esse masoquismo pode se manifestar nos casos clínicos e na teoria, evidenciando suas características destrutivas. Além disso, desenvolveremos a discussão do masoquismo moral, cuja base é o sentimento de culpa inconsciente que leva o sujeito a não só estar à mercê da punição, mas buscá-la. Discutiremos como o Supereu punitivo, e sua relação com o Eu, opera nesse processo. Somado a isso, como o Eu se posiciona em relação à punição e a relação dessas instâncias com o sentimento de culpa inconsciente e a reação terapêutica negativa, que são fenômenos fundamentais no masoquismo moral. Para ilustrar essa dinâmica, usaremos o filme "A Baleia", evidenciando como seu protagonista encarna o extremo do masoquismo moral ao se autodestruir em um ciclo de culpa e punição.

Por fim, abordaremos o masoquismo feminino, enfatizando seu papel na relação com o outro e sua função defensiva contra a angústia do desamparo. Diferente do masoquismo moral, que pode se manifestar independentemente de uma pessoa amada ou não, o masoquismo feminino ocorre na relação direta com um outro amado, ao qual o sujeito se submete de maneira servil. Exploraremos como essa submissão funciona como um meio de proteção contra o abandono e a solidão, garantindo a presença do outro, ainda que ao custo da própria anulação. Discutiremos, ainda, como essa dinâmica pode se articular culturalmente e como o social investe e perpetua padrões de servidão e sofrimento. Além disso, também percorremos pelo papel da culpa no masoquismo feminino, que fomenta o aprisionamento ao outro e a destruição de si mesmo.

Para ilustrar esse funcionamento, usaremos o filme "Eu, Tonya", que exemplifica a dinâmica do masoquismo feminino na relação da protagonista com a mãe e o marido. Tonya Harding se mantém submissa a figuras carrascas, estando em posição passiva à violência e à humilhação como parte inevitável da relação,

sustentando a posição de servidão que caracteriza o masoquismo feminino. A personagem evidencia como a repetição desse padrão reforça a submissão e como o medo do abandono perpetua a entrega ao sofrimento.

Assim, ao percorrermos as diversas ramificações do masoquismo, buscamos ampliar a compreensão desse fenômeno, explorando suas múltiplas dimensões — teórica, clínica, cultural e ilustrativa. Ao reunir e aprofundar as principais formulações sobre o tema, esta pesquisa pretende contribuir para os estudos dentro da psicanálise. Além de revisitar as formulações freudianas e suas reformulações, buscamos evidenciar como a noção de masoquismo permanece um desafio teórico e clínico na contemporaneidade, tendo em vista suas manifestações nos mais variados contextos. Dessa forma, acreditamos que este trabalho não apenas propõe um resgate conceitual, mas também abre espaço para provocar reflexão sobre as implicações do masoquismo no sofrimento psíquico e na possibilidade de transformação, oferecendo subsídios para novas investigações e intervenções no campo psicanalítico.

2 A Construção do Masoquismo na Teoria Freudiana

Para iniciar este capítulo, no qual trabalharemos o caminho percorrido por Freud no que diz respeito ao masoquismo, pensemos antes, brevemente, a visão sobre este fenômeno pelo social e por outros autores, a fim de entender o contexto no qual o masoquismo estava inserido socialmente. Foucault, em suas obras como "A História da Loucura" (1978) e "O Nascimento da Clínica" (1980), explora como as sociedades definem o que é considerado normal e patológico, e como essas definições estão intimamente ligadas às estruturas de poder e de conhecimento. Ele argumenta que, no contexto capitalista, a medicina e a psiquiatria se tornam instrumentos de controle social. Assim, em suas obras, discorre sobre como as sociedades definem e controlam a noção de patológico, especialmente no capitalismo. A partir disso, podemos pensar como isso impacta diretamente a sexualidade, incluindo a forma como o masoquismo foi inicialmente concebido no discurso psiquiátrico.

O capitalismo exige um corpo trabalhador saudável e eficiente. Com isso, as instituições médicas e psiquiátricas surgem como mecanismos para normalizar comportamentos e corpos que se desviam da norma produtiva. A noção de patológico, então, é construída a partir da necessidade de manter a ordem e a produtividade dentro da sociedade capitalista. Aqueles que não se conformam com essas normas – os loucos, os doentes – são segregados e tratados, em um processo que Foucault chama de biopoder. Foucault introduz o conceito de biopoder para descrever as práticas e estratégias utilizadas pelos estados modernos para controlar e regular os corpos das populações. No contexto do capitalismo, o biopoder se manifesta através da medicalização da sociedade, onde a saúde dos indivíduos se torna uma questão de interesse estatal e econômico. A saúde é essencial para manter uma força de trabalho eficiente e produtiva, o que é crucial para a economia capitalista. A sexualidade, como parte fundamental da vida humana, não escapa desse processo, sendo alvo de regulação e normalização.

A medicalização refere-se ao processo pelo qual aspectos da vida humana passam a ser considerados questões médicas. A partir do século XVIII, há uma crescente tendência de categorizar comportamentos e condições como patologias que necessitam de intervenção médica. No capitalismo, isso se intensifica, pois a capacidade de trabalho dos indivíduos é de extrema importância. A noção de saúde

no capitalismo é intimamente ligada à produtividade. Indivíduos saudáveis são vistos como mais capazes de contribuir para a economia, enquanto os doentes são vistos como um fardo. Assim, a definição de patológico muitas vezes inclui qualquer condição que reduza a capacidade de trabalho. As normas de saúde são estabelecidas com base em critérios que favorecem a manutenção da ordem econômica e social. Isso significa que comportamentos, condições ou subjetividades que desviam da norma são rapidamente medicalizados e tratados como patologias.

A normalização é um processo central no pensamento de Foucault, onde as sociedades estabelecem normas que definem o que é considerado normal e anormal. Essas normas não são naturais, mas construídas socialmente, e servem para manter a ordem e o controle. Dessa forma, as instituições, como hospitais, escolas e prisões, desempenham um papel crucial na imposição dessas normas. Elas funcionam como mecanismos de vigilância e controle, normalizando os comportamentos e patologizando os desvios. Com isso, a psiquiatria, em particular, se torna uma ferramenta poderosa para normalizar comportamentos. Comportamentos considerados desviantes, como a rebeldia ou a incapacidade de se adaptar às exigências do trabalho, são patologizados e tratados como doenças mentais.

Assim, Krafft-Ebing concretiza uma posição poderosa ao escrever com um teor muito específico sobre os desvios sexuais, tendo um papel central na construção da psiquiatria sexual do século XIX. Sua inclusão neste estudo se justifica por representar um dos momentos mais marcantes da patologização da sexualidade. Ao categorizar o masoquismo como uma perversão sexual, Krafft-Ebing não apenas reflete o paradigma médico de sua época, mas também ilustra como o biopoder operava na regulação da sexualidade. A normatização da vida sexual servia aos interesses do capitalismo ao reforçar modelos de família e reprodução que buscavam garantir a continuidade da força de trabalho e a estabilidade social.

Freud (1905/2016), por sua vez, propõe um deslocamento fundamental. Ele entende o desvio sexual como parte da sexualidade, dando outro caráter à aberração sexual da época, como veremos mais a frente. A abordagem de Krafft-Ebing é o biopoder em ação, uma vez que patologizou a sexualidade que não se encaixava nas normas heterossexuais reprodutivas. A categorização e a patologização dos desvios sexuais refletem essa tentativa de regular e de normalizar a sexualidade para

alinhar-se com os objetivos do capital. Enquanto Krafft-Ebing via o masoquismo como uma aberração, Freud (1905/2016) o insere no simples funcionamento do psiquismo, sendo um fenômeno que, dependendo de sua organização, pode ser parte da sexualidade dita normal ou se transformar em algo patológico. Dessa forma, Freud ressignifica a perversão ao interpretá-la não como um erro da natureza ou uma degeneração, mas como um modo de funcionamento pulsional.

Canguilhem, no "O Normal e o Patológico" (1966/2011), oferece uma perspectiva profunda sobre como a noção de patológico é construída e como ela se relaciona com a normatividade vital. No contexto do capitalismo, suas ideias ajudam a entender como as definições de saúde e doença são influenciadas pelas necessidades econômicas e sociais. Ele introduz o conceito de normatividade vital para argumentar que o que é considerado normal ou patológico depende de variações na vida biológica e nas condições de existência, desafiando a visão de que a saúde e a doença são estados absolutos e universais.

Para Canguilhem, saúde não é simplesmente a ausência de doença, mas a capacidade de um organismo se adaptar ao seu ambiente e superar adversidades. Nesse sentido, a saúde é uma expressão da normatividade vital, onde cada organismo estabelece suas próprias normas de vida. Assim, qualquer incapacidade de adaptação é vista como patológica. Canguilhem propõe que o normal e o patológico não são categorias fixas, mas contínuos. O que é considerado patológico em um contexto pode ser normal em outro, dependendo das condições e das normas sociais e econômicas. A doença é uma variação da normatividade vital, uma expressão de vida sob condições diferentes. No capitalismo, essas variações são interpretadas em termos de sua capacidade de contribuir para a produção econômica.

Canguilhem, ao partir das falas de Leriche, – como "a saúde é a vida no silêncio dos órgãos" e "a doença é aquilo que perturba os homens no exercício normal de sua vida e em suas ocupações e, sobretudo, aquilo que os faz sofrer" (Leriche, 1936) –, elabora uma perspectiva sobre saúde e doença que privilegia a experiência subjetiva do indivíduo. Em outras palavras, saúde é a inconsciência do corpo, sendo a consciência somente despertada quando a saúde é comprometida, ou seja, pela presença da doença, suas dores e sofrimentos. Assim sendo, é uma definição de doença que deriva do doente, não do médico (Serpa Jr., 2003).

Freud e Canguilhem parecem estar alinhados em suas perspectivas. Dessa forma, recapitulemos até aqui o patológico para Freud no que tange ao masoquismo. Para Freud, o patológico "é o próprio 'normal' em outra configuração, a configuração do avesso, do fragmento, da evidenciação daquilo que a configuração dita 'normal' tem precisamente por função de esconder. A aberração é, portanto, a única via de acesso à verdade do sujeito" (Ellia, 1995, p. 44). Para Freud, o patológico na perversão – até aqui (1905/2016) – somente se dá nos casos em que o coito é substituído, acompanhado de duas características essenciais: a exclusividade e a fixação (Freud, 1905/2016). Como veremos, essa formalização se dá com as facetas ativa e passiva da pulsão sexual. Assim, o sintoma patológico se apresenta quando há uma ação das forças psíquicas do aparelho psíquico. É a partir do estudo dessas forças que surge, mais à frente, o problema econômico observado no masoquismo, o qual leva às formas de masoquismo patológicas. A partir desse embasamento teórico, podemos observar em que contexto Freud começa a trabalhar com a noção masoquismo, trazendo sua própria interpretação e estudo sobre. Essa trajetória teórica será explorada ao longo deste capítulo, com foco nas diferentes formulações freudianas sobre o masoquismo e seus desdobramentos clínicos e metapsicológicos. Assim, adentremos agora no caminho percorrido por Freud até 1924.

2.1 Da pulsão ao masoquismo

Neste capítulo, revisitaremos os textos de Sigmund Freud que marcaram a construção teórica sobre a pulsão e o masoquismo, conceitos profundamente entrelaçados em sua obra. O objetivo é traçar o percurso que culmina na formulação do masoquismo como estruturante e patológico, como discutiremos nos capítulos posteriores. Para isso, partiremos das ideias pré-psicanalíticas de Freud, onde o autor começou a delinear noções de excitação e regulação de energia no aparelho psíquico. Em seguida, exploraremos como essas ideias evoluíram para os conceitos de pulsão e prazer/desprazer em "Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (Freud, 1905). A partir desse marco inicial, seguimos com a introdução do primeiro dualismo pulsional (Freud, 1910) e o aprofundamento das dinâmicas sadismo-masoquismo enquanto destinos pulsionais (Freud, 1915). O percurso avança para 1919, quando Freud investiga a fantasia infantil e o prazer associado ao masoquismo em "Bate-se em uma criança". A transição para a segunda teoria

pulsional, com a formulação da pulsão de morte em Além do Princípio do Prazer (Freud, 1920), será destacada como essa grande virada na teoria pulsional que muito se relaciona com a reformulação do masoquismo em 1924. Faremos essa caminhada para que, mais a frente neste trabalho, possamos discutir sobre o papel do masoquismo e sua relação com as pulsões de vida e de morte no psiquismo, situando sua importância tanto no funcionamento psíquico quanto nas manifestações patológicas. Pensamos que essa trajetória permitirá compreender o desenvolvimento do pensamento freudiano sobre o masoquismo como uma força estruturante, ao mesmo tempo em que investiga sua dimensão clínica e patológica.

Começando pelo final, a teoria psicanalítica de Freud evoluiu significativamente ao longo do tempo, incorporando novos conceitos e expandindo seu alcance. Um dos desenvolvimentos cruciais nessa trajetória foi a compreensão do masoquismo e do sadismo não como expressões de uma sexualidade desviada, mas como parte dela, retirando o caráter patológico e de aberração. Além disso, os colocou como elementos fundamentais na construção da teoria da agressividade e da pulsão de destruição. Freud observou que esses fenômenos estavam fortemente interligados com o erotismo, refletindo uma pulsão de destruição direcionada tanto para fora quanto para dentro do sujeito[1]. No entanto, ele reconheceu a necessidade de ir além dessa perspectiva e considerar a agressividade e a destrutividade como forças não eróticas na vida humana. Essa mudança de entendimento levou à formulação do conceito de pulsão de morte. Freud, ao refletir sobre sua própria resistência inicial à ideia de um instinto de destruição e sobre a dificuldade geral de aceitar sua existência, destacou a importância dessa aceitação para uma interpretação mais completa do aparato em sua perspectiva econômica. Assim, ele afirma em 1933, após anos percorridos na teorização do par sadismo-masoquismo e do campo das pulsões:

> Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. [...] Recordo a minha própria atitude defensiva, quando a

[1] Autores como André Green e Benno Rosenberg ampliam a compreensão freudiana da pulsão de destruição ao destacarem sua relevância para os processos de subjetivação e simbolização. Green desenvolve o conceito de trabalho do negativo e explora a função desobjetalizante da pulsão de morte, enquanto Rosenberg insere o masoquismo como um mediador que articula destrutividade e reparação, ambos trazendo contribuições fundamentais à psicanálise contemporânea (Green, 1980; Rosenberg, 2003). Suas reflexões serão abordadas adiante neste trabalho, com ênfase no trabalho de Rosenberg.

> ideia do instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo durou até que eu me tornasse receptivo a ela. O fato de outros haverem mostrado e ainda mostrarem a mesma rejeição não me surpreende. Pois as crianças não gostam de ouvir, quando se fala da tendência inata do ser humano para o "mal", para a agressão, a destruição, para a crueldade, portanto. Deus as criou à imagem de sua própria perfeição; ninguém quer ser lembrado o quanto é difícil conciliar a irrefutável existência do mal [...] (Freud, 1933/2010, p. 56).

Durante sua obra, Freud desenvolveu e, posteriormente, reformulou o conceito de pulsão – o que já ilustra sua complexidade. As mudanças na sua conceituação, a serem perpassadas no decorrer deste capítulo, influenciaram o aparecimento da primeira teoria sobre o masoquismo e, posteriormente, a sua modificação. Segundo Hasky (2016), foi mais tardiamente em sua obra que Freud passou a estabelecer a teoria clínica por uma via pulsional, sempre tentando tratar seus pacientes pela via da significação. A hipótese levantada por Hasky (2016) é a de que o teórico tenha recuado da via energética devido ao seu caráter enigmático, investindo, assim, no campo das representações.

No período pré-psicanalítico, em "As neuropsicoses de defesa", Freud (1894/1969, p. 34) menciona que, nas funções psíquicas, encontrou algo que "possui todas as características de uma quantidade [...] algo que é passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo". Ainda neste período, em "Projeto para uma Psicologia Científica" (Freud, 1895/1990), ele já falava em "excitações" que mais tarde denominaria de pulsão. Tendo como finalidade "prover uma psicologia que seja uma ciência natural" (Freud, 1895/1990, p. 223), buscou "representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição" (Freud, 1895/1990, pp. 223-224). São palavras curiosas estas que Freud escolhe para caracterizar esses processos na pré-história da psicanálise, uma vez que estava trabalhando com o pouco mensurável e bem nebuloso aparelho psíquico, o qual não possui realidade ontológica e que lhe rendeu décadas de pesquisa para destrinchar seu caráter enigmático. Todavia, declaradas suas limitações quanto a mensuração do psiquismo, Freud não propõe uma explicação quantitativa e anatômica, mas uma nova formulação — a metapsicologia.

A partir de princípios da termodinâmica, Freud pensará o princípio de constância, que diz respeito à regulação da intensidade. Desde o início do Projeto,

há uma certa indefinição quanto às noções de quantidade e de intensidade, que são definidas com mais clareza ao longo de toda sua obra. Segundo Garcia-Roza (1991), a quantidade refere-se ao que é mensurável (mas não numericamente), enquanto a qualidade diz respeito aos aspectos sensíveis da percepção. Já a intensidade é referente aquilo que está sujeito ao aumento ou à diminuição, e que implica quantidade, embora não seja redutível a ela. Assim, Freud propõe uma teoria que diga respeito ao funcionamento de regulação da intensidade no aparato – e não de conservação, como na termodinâmica.

Freud, em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), propõe um modelo do funcionamento do aparelho psíquico baseado na circulação de quantidades de excitação (*Q*), organizadas em três sistemas distintos: φ, ψ e ω.

No primeiro tempo (φ), o aparelho psíquico opera de maneira primitiva, permitindo a livre passagem da excitação. O sistema φ, vinculado à percepção sensorial imediata, é formado por neurônios que "deixam passar a Qn como se não tivessem barreiras de contato" (Freud, 1895/1990, p. 179). Nesse nível, os estímulos externos são registrados de forma passiva, sem resistência, o que possibilita a recepção de novas excitações a cada instante.

No segundo tempo (ψ), o funcionamento do aparelho psíquico se torna mais complexo, pois a energia não pode mais ser descarregada livremente. A necessidade de uma organização interna para lidar com os estímulos leva à formação de um sistema capaz de reter e processar a excitação antes de sua descarga. O ψ é composto por neurônios "cujas barreiras de contato se fazem sentir, de modo que só permite a passagem da Qn com dificuldade ou parcialmente" (Freud, 1895/1990, p. 179). A diferenciação das vias de condução ocorre à medida que os traços mnêmicos são estabelecidos pela passagem repetida da excitação, possibilitando a construção de associações entre estímulos.

Por fim, o terceiro tempo (ω) refere-se à necessidade de um sistema que forneça informação qualitativa sobre os estímulos externos. Enquanto φ e ψ lidam exclusivamente com quantidades de excitação, ω está associado à percepção consciente, permitindo que o aparelho psíquico reconheça a qualidade dos estímulos e avalie sua adequação para a ação. Freud distingue os neurônios do sistema perceptivo, que deixam passar todas as quantidades, dos neurônios do sistema mnêmico, que "só permitem a passagem de Q com dificuldade ou parcialmente" (Freud, 1895/1990, p. 227).

Para ele, o funcionamento do sistema nervoso baseia-se na transmissão de quantidades de excitação (*Q*) entre os neurônios, seguindo o princípio da inércia neuronal. Esse processo pode ser comparado a um mecanismo reflexo, no qual a excitação percorre vias neurais em busca de descarga. Ele denominou esse fenômeno quantitativo de *quantidade de excitação* (*Q*), entendendo-a como uma força transmitida pelos neurônios e sujeita a resistência nas barreiras de contato. Embora a excitação possa ser descarregada no sistema nervoso periférico, resultando em ações motoras, Freud enfatiza que parte dessa energia é retida e processada internamente, formando traços mnêmicos e influenciando o funcionamento psíquico. Ele descreve esse processo com base em sua teoria dos sistemas φ (perceptivo), ψ (mnêmico) e ω (relacionado à consciência). Diferentemente do que ocorre em um simples arco reflexo, a excitação pode ser desviada, armazenada ou transformada antes da descarga. Ao propor esse modelo, Freud distingue os neurônios do sistema perceptivo (*φ*), que recebem passivamente os estímulos externos, dos neurônios do sistema mnêmico (*ψ*), que organizam a excitação de forma mais complexa, permitindo a formação de associações. Assim, a percepção não depende da ativação dos neurônios motores, mas da recepção e modulação da excitação dentro do aparelho psíquico.

Como abordam Lagoas & Chatelard (2016), o surgimento de cada uma das funções do sistema "φ ψ ω" não representa simplesmente um acréscimo em relação à anterior, mas, ao contrário, quando surge uma nova função, as anteriores são alteradas.

> A hipótese da inibição (o segundo tempo), descrevendo os modos pelos quais o aparelho retém energia ao invés de descarregar, flexiona a tendência à descarga (o primeiro tempo) em tendência à constância. Por sua vez, a hipótese da informação (o terceiro tempo), explicando que os processos secundários (a inibição) só se articulam aos processos primários (a descarga) através de uma referência extrínseca a ambos, transforma a tendência à constância em tendência ao adiamento. E desta última, é preciso dizer que, ao contrário de sintetizar as duas tendências anteriores (descarga e constância), nomeia a existência de um impasse no cerne do aparelho psíquico, literalmente alguma coisa que não passa no circuito inibição-descarga, e que, nesse sentido, encontra-se aí interditada. Aos processos correspondentes às duas primeiras tendências – descarga e constância –, Freud chamará de "primários". Aos correspondentes a essa "nova" tendência, e para indicar a posteridade de seu surgimento, designará como "secundários" (Lagoas & Chatelard, 2016, p. 2).

Destacamos isso, uma vez que tais excitações, essa energia que transita pelo aparelho, já é descrita por Freud em termos de retenção em detrimento de descarga, em adiamento em detrimento de liberação. No Projeto, Freud (1895/1990) fala do

princípio de inércia neurônica e da lei da constância. A inércia tenderia a reduzir *Q* a zero, todavia isso não é viável porque entra em conflito com a tendência do psiquismo de tolerar um certo acúmulo de *Q* para que seja possível satisfazer-se também. Com isso, o sistema neurônico trabalha mantendo uma certa porcentagem de *Q*, no nível mais baixo possível, tentando se proteger do aumento dela – isto é, mantendo-a constante (lei da constância). Essa lei não é, no projeto, tratada como um princípio e só virá a ser em "Além do princípio do prazer" quando Freud (1920/2020) determina o princípio de constância.

No Projeto, energia livre e ligada já aparecem com os processos primário e secundário que Freud descreve. Sendo a energia livre a que tende à descarga da forma mais direta possível, enquanto ligada é adiada ou controlada. Somado a isso, o par prazer-desprazer ganha espaço, a partir da dinâmica do aparato que se vê em conflito entre descarga e adiamento. Assim, ao tratar do sistema ω, Freud aborda a questão prazer-desprazer, que mais tarde abordará com o princípio do prazer: "Nesse caso, o desprazer teria que ser encarado como coincidente com um aumento do nível de Q ou com um aumento da pressão quantitativa [...]. O prazer corresponderia à sensação de descarga" (Freud, 1895/1990, p. 236). Freud (1895/1990, p. 224) define o princípio de inércia neuronal como "os neurônios tendem a se livrar de *Q*", assim como, mais a frente, falará que o princípio do prazer tende a se livrar da tensão.

Vale destacar que, ainda no Projeto, a partir de suas observações clínicas sobretudo com os casos de histeria e neurose obsessiva mais representativos dessa intensidade observada, Freud (1895/1990) levanta a hipótese de uma proporcionalidade entre a intensidade dos traumas e a intensidade dos sintomas por eles produzidos. Outros autores, como Weber e Fechner, já buscavam uma relação entre a magnitude do estímulo e de sua resposta, mas Freud amplia o pensamento para a metapsicologia e, sobretudo, para o campo da psicopatologia.

Tendo isso em vista, neste momento, 25 anos antes da postulação do segundo dualismo pulsional, estava já se apresentando sutilmente o caráter tão enigmático das pulsões. Lagoas & Chatelard (2016, p. 2) brevemente sinalizam a tendência ao adiamento da satisfação perante o fenômeno qualitativo descrito por Freud: "[...] essa impossibilidade que, inaugurando a tendência ao adiamento da descarga, e, consequentemente, deixando a satisfação suspensa ao surgimento de um "signo qualitativo [...]". Este signo (ω) é justamente a informação no e do

mundo externo que permite uma descarga, a partir de suas limitações. Esse raciocínio é muito similar ao mecanismo do princípio do de realidade que age sobre o princípio do prazer que Freud discutirá mais a frente, bem como o é quando o autor avança para discutir a ação das pulsões de vida agindo sobre a pulsão de morte em 1920 – sem ignorar o aprofundamento destas noções e seus mecanismos, mas notando suas similaridades nos primórdios da teoria freudiana. Nesse sentido, *Q* é a primeira pista para as trilhas da teoria pulsional que iniciaria, oficialmente, em 1905.

Em 1900, com "A Interpretação dos Sonhos", Freud apresenta o "esquema pente" e nele, os sistemas perceptivo, mnêmico e motor são representados. Como marca Ricoeur (1977), o capítulo VII deste texto é herdeiro do Projeto de 1895, uma vez que Freud retoma uma argumentação metapsicológica, ainda que aborde a temática de maneira diferente. Garcia-Roza (1985) destaca duas mudanças importantes introduzidas por esta obra em relação ao Projeto. A primeira mudança é que, em "A interpretação dos sonhos", Freud (1900/2019) abandona o uso do conceito de energia e adota a noção de desejo. A segunda mudança é que as referências anatômicas são substituídas por referências metafóricas e topográficas.

É neste texto que a psicanálise nasce, com a primeira tópica, sobretudo, com a postulação do inconsciente psicanalítico. Freud "revelou o inconsciente, tal como era, como funcionava, como diferia de outras partes da mente, e quais eram suas relações recíprocas com elas" (Strechey, 1996, p. 168).

Aqui não nos compete destrinchar este momento da teoria freudiana, mas marcar mais um passo durante o seu desenvolvimento que se aproximava da via pulsional, a partir da noção de excitação e dos processos que percorre (adiamento e descarga).

2.2 1905: o surgimento do par sadismo-masoquismo

Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1905/2016), pulsão (sexual) e masoquismo são estabelecidos dentro da psicanálise pela primeira vez; contudo, no projeto, Freud, já trabalhava com uma concepção embrionária do que mais tarde seria desenvolvido como teoria das pulsões, quando fala da mola pulsional do aparelho neuronal: "a principal característica das excitações endógenas (pulsões) consiste em que elas fornecem à atividade do sistema uma mola pulsional, e que sua ação sobre o sistema é continua" (Freud, 1895/1990, p. 394). No Projeto,

ele fala da "mola pulsional" (*Triebfeder*), descrevendo-a como um fator interno que excita a necessidade, o que antecipa a ideia da pulsão como força constante que exige satisfação. No entanto, ele ainda está preso a um modelo neurológico e não diferencia claramente pulsões de outras excitações fisiológicas. Somente em "Pulsões e seus Destinos" (1915/2013) é que Freud formaliza a noção de pulsão (*Trieb*) como um conceito central e independente da fisiologia.

Assim, em 1905, Freud postula a pulsão sexual e, em um item intitulado "Sadismo e masoquismo", começa a destrinchar tais noções. Aqui, então, a via pulsional aparece e, com ela, é possível pensar o par sadismo-masoquismo. Neste primeiro trabalho, o masoquismo não recebe um caráter patológico, mas apenas de uma condição da sexualidade humana. Freud (1905/2016) descreve o sadismo e o masoquismo como uma tendência a infligir dor e recebê-la, sendo "a mais frequente e mais significativa de todas as perversões" (Freud, 1905/2016, p. 51), bem como afirma que toda dor, em si mesma, já contém a possibilidade de uma sensação de prazer.

Em seu texto, Freud inicia trazendo outros autores, suas contribuições e definições. Krafft-Ebing é quem nomeia as formas ativa e passiva da perversão enquanto uma inclinação a infligir dor ao objeto sexual como sadismo e masoquismo, respectivamente. Em "*Psychopatia Sexualis: with especial reference to contrary sexual instinct; a medico-legal estudy*", Krafft-Ebing (1894/2012) refere ao sadismo o fenômeno de implicar dor e humilhação ao outro, sendo um "impulso voluptuoso combinado com representações de crueldade" (Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 7). Já ao masoquismo, por sua vez, atribui o prazer de se submeter ao outro, sendo submetido a essa dor. Somado a isso, faz uma descrição psicopatológica:

> Por masoquismo eu entendo uma perversão peculiar da vida sexual na qual o sujeito afetado está preso à ideia de ser completamente e incondicionalmente submetido à vontade de uma outra pessoa, de ter esta pessoa como seu mestre, de ser por ela humilhado e abusado (Krafft-Ebing, 1894/2012, p. 89, tradução nossa).

Para Krafft-Ebing (1894/2012), todo o jogo masoquista é baseado nas fantasias do sujeito, o qual cria situações dessa ordem e tenta realizá-las. O fenômeno foi circunscrito enquanto aberração no campo da sexualidade para a comunidade científica. Em seu trabalho, Krafft-Ebing (1894/2012) discute práticas do ato sexual que saem da norma, patologizando, assim, o fenômeno masoquista e sádico. Com a argumentação que defendia um desvio sexual enquanto tudo aquilo

que fugisse da preservação da espécie, tudo o que estava de fora desse eixo era uma patologia sexual (Pereira, 2009; Ferraz, 2008). Desse modo, o masoquismo "compõe uma gradação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos (a busca de castigos corporais, humilhações de todo tipo, flagelação passiva etc.)" (Krafft-Ebing, 1886/2000, p. 8). Assim, não é somente atribuído ao masoquismo o status patológico, mas o julgamento moral que gera a desqualificação e a degradação da pessoa masoquista perante o outro.

O caminho descritivo que Krafft-Ebing tomou para o par sadismo-masoquismo (e todos os outros termos catalogados em "*Psychopatia Sexualis*") foi de considerar esses fenômenos enquanto "perversões da vida sexual psíquica" (Krafft-Ebing, 1894/2012, p. 121) e isso é muito bem explicado por Foucault (1976/2020) em "A história da sexualidade I: a vontade de saber". Ele aborda o século XIX e a implementação das perversões, isto é, um conjunto do que se denominou patológico e que foi definido como práticas sexuais incompletas, que não abarcavam o coito, tornando-se, assim, aberrações sexuais e morais.

Freud (1905/2016) também cita o termo "algolagnia" (usado por outros autores) que, sendo mais restritivo, refere-se mais ao prazer com a dor e com a crueldade, todavia Krafft-Ebing não só nomeia de outra forma, como significa enquanto prazer como toda maneira de humilhação e submissão. Nesse sentido, Freud se aproxima mais da definição de Krafft-Ebing.

O sadismo, para Freud (1905/2016), corresponde a um "componente agressivo" (p. 52) da pulsão sexual que ganhou maiores proporções, se tornando independente, por meio do deslocamento (p. 52). O sadismo somente seria considerado perversão para Freud se no seu caso extremo, isto é, com vínculo exclusivo de satisfação com a subjugação e o mau tratamento do objeto. Ao abordar o par sadismo-masoquismo, Freud (1905/2016) já aborda o sadismo enquanto primário ao masoquismo – este sendo uma transformação daquele. Nesse texto, Freud também relaciona à pulsão sexual, enfim nomeando a excitação que começou a discutir anos antes, o caráter agressivo observado no par de fenômenos – agressividade esta que mais tarde será atrelada à pulsão de morte. Com a força de movimento e caráter agressivo da pulsão, Freud pôde então chegar a sua primeira teorização do par sadismo-masoquismo.

Ao abordar sadismo e masoquismo dentre as perversões discutidas por Krafft-Ebing, Freud (1905/2016) os coloca enquanto "posições especiais" (p. 54)

dentre as perversões, uma vez que a atividade e passividade seriam “características gerais” (p. 54) da sexualidade. Enquanto Krafft-Ebing abordou a perversão pela perspectiva da reprodução, isto é, um comportamento com o objetivo de reproduzir, Freud desqualificou a ideia de que um fenômeno qualquer deveria ser tomado psicopatologicamente e moralmente como um perverso por não buscar a reprodução. O referencial de Freud ao olhar a perversão é da pulsão sexual, assim, “o fundamental é o prazer e não a reprodução” (Garcia-Roza, 2009, p. 97). Como exemplo, a prática do sexo oral, a partir do século XIX, passou a ser considerada como perversão sexual, se tornando moralmente rejeitada. Esse ato foi abordado por Freud (1905/2016) como um ato sem o objetivo de reprodução, mas de prazer – no movimento de retirar o caráter asqueroso que foi a ele associado.

Para Laplanche (1987), Freud desenvolve uma nova visão sobre a perversão discutida em seu tempo, sem isso ser seu objetivo ou estar em seu interesse. Ao abordar fenômenos considerados perversos por outros autores e indo na contramão, Freud abre uma nova discussão, sem demonstrar apetite em desconstruir a teoria que Krafft-Ebing desenvolveu. Assim, seus estudos começam a partir de Krafft-Ebing, mas ao longo do caminho vão ganhando outra perspectiva. Enquanto Krafft-Ebing e Havelock Ellis consideram o par sadismo-masoquismo enquanto desvios da sexualidade e tratavam tais quadros enquanto perversões, fazendo a análise a partir de casos clínicos específicos, Freud busca as “estruturas subjacentes” (Laplanche, 1987, p. 277) desses quadros no plano inconsciente e na historicidade da infância. Afinal, seu interesse principal é decifrar as questões subjetivas que possam elucidar seus estudos sobre o aparato psíquico.

Neste texto, Freud também aborda as posições ativa e passiva referentes ao sadismo e masoquismo, respectivamente. Segundo o autor, é notável que a perversão apresente a característica de ter suas formas ativa e passiva coexistindo na mesma pessoa, indicando que aqueles que têm prazer em causar dor também são capazes de desfrutar da dor que tais relações proporcionam. Assim, conclui-se que um sádico é sempre, ao mesmo tempo, um masoquista, e vice-versa, embora um dos lados da perversão é mais proeminente e constitui sua atividade sexual predominante. Aqui há o que Freud (1905/2016) nomeou como pulsões parciais, as quais estão articuladas com os pares de opostos da pulsão sexual.

As formas passiva ou ativa do fenômeno em questão constituem as pulsões parciais, estando sempre presentes no sujeito, mesmo que uma forma esteja,

digamos, adormecida. Em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud define a pulsão como uma força constante que atua no organismo sem depender diretamente de estímulos eternos, diferenciando-se de um simples reflexo. Como representante psíquico das excitações corporais, a pulsão se caracteriza por sua plasticidade, podendo modificar-se ao longo do desenvolvimento psicossexual – algo que adentraremos mais a frente neste capítulo.

2.2.1 Entraves na teoria da sexualidade

Freud, em um primeiro período de sua obra, entende que a origem da neurose está relacionada a um evento traumático que aconteceu no mundo externo e de ordem sexual. Na década de 1890, Charcot na França e Freud com Breuer em Viena chegaram a parecidas formulações sobre a histeria enquanto uma condição causada por um trauma psíquico. Para os autores, a reação não adequada a eventos traumáticos produziria um estado alterado de consciência, que por sua vez resultaria nos sintomas histéricos. Charcot nomeia tal alteração enquanto dissociação, enquanto Breuer e Freud nomeiam como dupla consciência. Charcot e Freud reconheciam que os sintomas somáticos da histeria se davam a partir de eventos intensos que foram banidos da consciência ou, como Freud dirá mais a frente em seus estudos, recalcados. Para Charcot, as histéricas sofriam sendo governadas por "ideias fixas subconscientes" (Herman, 1992, p. 8, tradução nossa) das memórias relativas aos eventos traumáticos. Enquanto para Breuer e Freud, as pacientes sofriam de reminiscências. Em meados da década de 1890, concluíram que os sintomas histéricos podiam ser aliviados quando as memórias traumáticas e os afetos eram colocados em palavras. Charcot chamou este método de análise psicológica e Breuer e Freud chamaram de ab-reação ou catarse – ou, como dito por Anna O., paciente de Breuer, cura pela fala.

Freud observa que a histeria fundada em traumas sexuais advinha de impressões na criança que permaneceram sem efeito, mas que depois adquiriram uma força traumática como lembranças – as reminiscências. O trauma aqui está posto enquanto um fator surpresa e um evento intenso que rompe as barreiras protetoras do aparato psíquico, impossibilitando a representação simbólica. Isso se dá pela dificuldade do psiquismo em metabolizá-lo. Dessa maneira, com a ideia de uma dor enquanto excesso de estímulos para os quais não há recursos psíquicos para elaborá-lo, Freud formula a primeira teoria do trauma. Em seus atendimentos,

observa que o trauma na histeria apresenta ideias incompatíveis com a consciência, as quais são afastadas – recalcadas. O ataque histérico seria o retorno das impressões traumáticas, portanto. Nessas ideias repelidas e convertidas, Freud percebe um conteúdo sexual e declara que no âmago de todo caso de histeria há uma ou mais ocorrências de uma experiência sexual na infância.

Todavia, a atenção voltada para o abuso sexual é socialmente repelida, pois apontava para um grande tabu da época, a sexualidade vivida com violência. Após publicar "Estudos sobre a histeria" (Breuer & Freud, 1893-1895/2016), Freud se afasta da então nomeada teoria da sedução, a qual relacionava o trauma observado nas pacientes histéricas ao abuso sexual. Isso porque a estrutura histérica era tão comum entre as mulheres que, se as histórias de suas pacientes fossem verdadeiras e sua teoria estivesse correta, ele teria que concluir que atos de perversão contra crianças eram endêmicos. Dessa maneira, Freud abandona esta linha de pensamento, dando lugar à teoria da fantasia.

Assim, estabelece a relação entre o fator traumático e a fantasia das histéricas (Freud, 1897/1996). Embora Freud tenha abandonado a relação entre o trauma da histérica e o abuso sexual, direcionar os estudos pela teoria da fantasia possibilitou a descoberta do papel da fantasia no psiquismo e da sexualidade infantil. Como aponta Garcia-Roza (2009), essas duas descobertas representam a descoberta do Édipo.

2.3 1915: o masoquismo como destino da pulsão

Com o avanço na teoria, masoquismo e sadismo vão ganhando um lugar mais central e importante no funcionamento psíquico, sobretudo a partir de 1920. Em "Novas conferências introdutórias à psicanálise", especificamente na Conferência 32, Freud (1933/2010) discute como os fenômenos de sadismo e masoquismo foram essenciais para a elaboração e construção do caráter agressivo e destrutivo da pulsão na segunda teoria pulsional. Ele afirma que os fenômenos de sadismo e de masoquismo foram o caminho que o levou a pensar a pulsão de morte[2], sobretudo quando enfatiza o papel essencial do masoquismo que foi a "pedra angular" (Freud, 1933/2010, p. 253) do segundo dualismo pulsional.

[2] Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). p. 253.

Freud (1915/2013) pensa na inibição que a civilização faz na agressividade, fazendo com que a pessoa controle sua agressividade, interiorizando-a, a reenviando ao ponto de onde partiu, ou seja, voltando-se contra o próprio Eu[3]. Em "O Eu e o Id" (1923/2010), Freud realça que, quanto mais a agressividade é rejeitada no mundo externo e necessita ser inibida, mais aumenta a inclinação agressiva perante o Eu. Isso ocorre porque a pulsão agressiva, quando impedida de se expressar diretamente, é redirecionada para dentro, tornando-se uma força intensificadora desse externo agora internalizado. Essa dinâmica está relacionada ao funcionamento do supereu, o qual veremos melhor no quarto capítulo, que internaliza as proibições e exigências da cultura, podendo assumir um caráter severo e punitivo. Como resultado, a agressividade que não encontra um alvo externo pode ser deslocada para o próprio sujeito. Nesse sentido, o masoquismo, em 1915, é entendido como finalidade da pulsão, o que veremos a seguir.

Como falamos, o conceito de pulsão trilha um longo caminho de descobertas e alterações ao longo da obra freudiana. Em "Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão", Freud (1910/2013) estabelece o primeiro dualismo pulsional – pulsão sexual e pulsão de autoconservação. Freud concentrou-se em descobrir uma força contrária à pulsão sexual. Ele começou postulando uma oposição entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação, com o objetivo de abordar o conflito entre a sexualidade e o Eu, que neste momento foi concebido como uma instância psíquica desvinculada da sexualidade. O caráter disruptivo da sexualidade foi logo reconhecido por Freud e, de acordo com essa linha de raciocínio inicial, a pulsão sexual é percebida como uma força disruptiva em relação ao Eu.

Embora tenha postulado o primeiro dualismo em 1910, o texto em que se dedica a definir a pulsão e destrinchá-la mais a fundo é em "Instintos e seus destinos" (1915/2013). Ainda caracterizando as pulsões, Freud (1915/2010) estipula quatro termos: força, finalidade, fonte e objeto. A força ou pressão refere-se à exigência de trabalho, a quantidade de força que representa. A finalidade da pulsão é sempre a satisfação, por meio da descarga. A fonte é o processo somático que acontece em algum órgão ou parte do corpo. O objeto, por sua vez, é aquilo o qual ou pelo qual a pulsão atinge sua finalidade. Aqui é importante destacar que a pulsão não tem objeto fixo para alcançar sua finalidade, tendo a possibilidade de

[3] Isso será retomado e mais discutido no terceiro capítulo teórico.

diferentes caminhos para satisfação. Os objetos são o que há de mais variável na pulsão, apontando para a inespecificidade e para a multiplicidade dos objetos. Por fim, Freud demarca a impossibilidade de satisfação absoluta enquanto estejamos vivos, o que impõe uma busca infinita por satisfações – sempre parciais.

Conforme Freud vai avançando com a teorização da pulsão, também o faz com o masoquismo. Assim, em 1915, Freud descreve a pulsão e apresenta o par sadismo-masoquismo enquanto destinos dela. Ele elege quatro destinos possíveis para a pulsão: o recalque, a reversão ao seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa e a sublimação. O masoquismo e o sadismo aparecem referentes às finalidades passiva e ativa, respectivamente, da pulsão e aparecem nos destinos de reversão ao seu contrário e retorno em direção à própria pessoa.

Primeiro, falemos sobre o masoquismo e o sadismo enquanto finalidades. O sadismo e o masoquismo representam duas expressões possíveis da pulsão, correspondendo às suas finalidades ativa e passiva, respectivamente. No sadismo, a pulsão busca satisfação ao infligir dor ou exercer domínio sobre um objeto externo, configurando uma finalidade ativa, na qual o sujeito é o agente da ação. No masoquismo, por outro lado, a pulsão encontra satisfação ao sofrer dor, humilhação ou submissão, assumindo uma finalidade passiva, em que o sujeito se coloca como receptor da ação.

Quanto aos destinos da pulsão, como falamos, o masoquismo e o sadismo, aparecem na reversão ao seu contrário e no retorno em direção à própria pessoa. A reversão em seu contrário se divide em dois processos: a mudança da finalidade, necessariamente de ativa para passiva, e a inversão de conteúdo. A reversão refere-se à meta da pulsão, assim há a passagem da meta ativa, o sadismo, para a meta passiva, o masoquismo. Já a inversão de conteúdo é descrita por Freud (1915/2013, p. 37) “no caso único da transformação do amar em um odiar”. Aqui volta-se ao que foi construído em 1905, às finalidades da pulsão a partir do sadismo e do masoquismo.

O retorno em direção à própria pessoa é o movimento pulsão feito a partir de um sadismo que se volta contra a própria pessoa, tornando-se masoquismo. Lembremos que o sadismo neste momento ainda é primário para Freud, logo o masoquismo necessariamente é definido como seu retorno ao Eu. Aqui, há a troca de objeto da pulsão, deixando de ser o outro para se voltar contra a própria pessoa.

Para tais destinos, Freud (1915/2013) também cita o par voyeurismo-exibicionismo, que aqui não serão discutidos, uma vez que fogem do escopo do presente trabalho. Ainda no retorno à própria pessoa, Freud (1915/2013, pp. 47-48) descreve três etapas:

> a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto.
>
> b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva.
>
> c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de sujeito.

Destacamos aqui o caso c, que se refere ao masoquismo. A satisfação aqui ocorre ainda pelo sadismo primário, visto que o Eu passivo coloca-se em seu lugar de antes. Com essa afirmação, Freud fortifica a teoria do sadismo primário, neste momento.

No segundo movimento, o objeto de substituição é o próprio Eu, de acordo com a meta, agora, passiva. No terceiro, um objeto é eleito para o lugar de sujeito – de pulsão ativa –, uma vez que o sujeito assumiu o papel de objeto do sadismo. Assim, o Eu passivo se satisfaz a partir do sadismo. No segundo, há um movimento de autopunição da pulsão sádica. Já no terceiro, o masoquismo propriamente, há o apontamento de um sujeito para exercer o sadismo sobre o Eu, este que se colocou no lugar de objeto.

É a partir disso que Freud utiliza, no alemão, o termo *Subjekt*. Ele refere-se ao objeto que foi eleito para o papel de sujeito que empregará o sadismo sobre o masoquista (terceiro momento). Assoun (1996) explica que essa escolha se dá na medida em que o sujeito escolhido é objeto escolhido, isto é, um objeto com papel ativo. *Subjekt* carrega o tom de um outro eu, o eu estranho, ativo.

Além da mudança da finalidade, Freud (1915/2013) considera uma mudança de conteúdo de uma pulsão na transformação do amor em ódio. O amar tem três formas de oposição, sendo elas: amar-odiar; amar-ser amado; e amar/odiar-indiferença. No que nos compete no tema do masoquismo, amar-ser amado corresponde a passagem da atividade para passividade e pode ser associada a uma

condição primordial, a de amar a si mesmo, que diz respeito a uma característica do narcisismo. Assim, tendo a substituição do objeto ou do sujeito, a finalidade ativa de amar ou passiva de ser amado, esta se aproximando do narcisismo, se apresenta. Para Freud (1915/2013), o sujeito busca ser amado pelo outro – atitude passiva – e isso ocasiona na busca ou no retorno de seu narcisismo.

No seu texto, Freud (1915/2013) identifica três dualidades simultâneas na vida psíquica dos sujeitos. A primeira diz respeito à interação entre o sujeito (Eu) e o entorno (objeto); a segunda refere-se aos polos prazer e desprazer; e a terceira polaridade aborda a dicotomia entre atividade e passividade. Para Freud (1915/2013), o Eu é imbuído pelas pulsões autoeróticas, em uma condição autoerótica, assim, é capaz de atingir satisfação sem o contato com o mundo externo. Dessa maneira, ao entrar em contato com o mundo externo, o Eu inevitavelmente experimenta o desprazer. Segundo Freud (1915/2013), esse desprazer decorre do fato de que a realidade impõe limites à satisfação autoerótica, introduzindo a necessidade de lidar com a falta, a espera e a frustração. Seguindo o princípio do prazer e orientado pelas pulsões de autopresevação, o Eu busca um modo de minimizar essa experiência aversiva: ele incorpora os objetos que proporcionam prazer e elimina aqueles que geram desprazer.

É nesse contexto que Freud (1915/2013, p. 55) introduz a noção do "Eu do prazer purificado", um Eu que se organiza em torno da busca pela satisfação irrestrita, priorizando o prazer e tentando excluir qualquer elemento que cause desprazer. No entanto, como aponta Garcia-Roza (1991a), essa dinâmica não se sustenta indefinidamente, pois o princípio do prazer precisa enfrentar a resistência da realidade externa e das próprias transformações internas do aparelho psíquico. Garcia-Roza (1991a) observa que, ao tentar eliminar tudo que ameaça o prazer, o Eu do prazer purificado entra em um paradoxo: na tentativa de afastar o desprazer, ele inevitavelmente encontra a repetição do que deseja evitar. Isso ocorre porque a exclusão do desprazer não o faz desaparecer, mas sim deslocá-lo para outras formas de expressão, como sintomas ou compulsões. Dessa forma, o Eu, ao tentar se livrar do desprazer, pode acabar reforçando sua presença, o que evidencia a impossibilidade de um estado puramente prazeroso. Portanto, o Eu do prazer purificado representa um ideal impossível de se manter, pois, como Freud desenvolverá em sua segunda teoria pulsional, o aparato psíquico não se orienta apenas pelo princípio do prazer. A própria estrutura psíquica não pode sustentar

uma organização exclusivamente voltada para o prazer, pois o desprazer é constitutivo do funcionamento psíquico.

2.4 1919: o masoquismo como fase da fantasia infantil

Em “Bate-se uma criança”, Freud (1919/2010) dedica-se mais uma vez ao estudo das perversões, dando continuidade e complementando seus estudos dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Em 1919, ele percorre por novas perspectivas que serão fomentadores da reformulação da primeira teoria pulsional e da noção de masoquismo até então. Isso porque nesse texto que antecede a grande virada de 1920, Freud (1919/2010) investiga o prazer da fantasia infantil e a satisfação na masturbação que a fantasia incita, uma vez que a questão em aberto é se tal movimento é de caráter masoquista. O que é explorado em “Bate-se em uma criança” soma-se para a edição da primeira teoria pulsional e formulação da segunda. Além disso, o conteúdo desse texto trabalha o chão para a construção da noção de masoquismo feminino que será discutida nos próximos capítulos.

Freud (1919/2010) reconhece a fantasia de espancamento como primária na perversão e que pode se estender por toda a vida de um sujeito. Nesse caso, há uma fixação, isto é, um dos componentes do polo sadismo-masoquismo ganha maiores proporções e se torna independente. Em 1919, Freud busca os destinos que a perversão infantil pode ter e que podem desviá-la para uma “aberração sexual” (Freud, 1905/2016, p. 20), sendo esta, para Freud, quando há fixação e exclusividade em relação ao objeto sexual, não havendo também o ato sexual propriamente dito. Os destinos que Freud encontra são: o recalque, a formação reativa e/ou sublimada. Assim, o desvio sexual se dá quando não é possível percorrer por tais destinos e há uma fixação.

Freud (1919/2010) analisa seis casos que atendia que estavam circunscritos na fantasia de espancamento infantil e que, somado a isso, tal fantasia provocava no paciente o sentimento de vergonha e de culpa. Neste período, a criança busca a sensação de prazer obtida nas primeiras experiências de satisfação e com isso sente um prazer concomitante com a fantasia de espancamento e punição. Enquanto, simultaneamente, tem o sentimento de recusa, da ordem do intolerável.

A origem dessas fantasias se dá entre dois e cinco anos de idade, mas essas cenas podem permanecer, ainda que sofrendo alterações, ao longo da vida adulta, seja na relação do sujeito com objeto, no significado ou no conteúdo (Freud,

1919/2010). Essas fantasias são geradoras de muito prazer e podem vir acompanhadas de um ato autoerótico. Para Freud (1919/2010), não advêm de um trauma real, isto é, o sujeito não teve necessariamente esta experiência fantasiada.

2.4.1 As três fases da fantasia

Em 1919, Freud começa suas investigações a partir de casos femininos e estipula, então, três fases da fantasia de espancamento. Para entender se o caráter da fantasia é sádico ou masoquista, Freud (1919/2010) vai buscar responder três questões, sendo elas: (1) se a criança que estava na cena da fantasia era a própria criança que criava a fantasia; (2) se a posição da criança era de quem batia ou espancava; (3) e quais eram as pessoas que compunham a cena.

Nas três fases da fantasia, o sadismo aparece como a primeira e terceira fase e o masoquismo como a segunda de três fases da posição libidinal da criança em relação ao objeto de desejo. Nesse sentido, aqui é interessante adentrar às três etapas, sádica, masoquista e impessoal (Andrade, 2011). Ademais, Freud, em 1919, não tinha investigado a origem do sentimento de culpa, o qual é crucial para a discussão do masoquismo patológico. Após 1919, essa noção (culpa) será mais bem discutida no seu ensaio "O Eu e o id" (Freud, 1923/2011) como sentimento inconsciente de culpa[4]. Por fim, esta noção será retomada e discutida amplamente em 1924 para ser pensada em conjunto com o masoquismo já na construção com fenômeno enquanto adoecimento psíquico. Com isso, dos textos trabalhados até aqui, o que se repete sobre o masoquismo é a via da intensidade, é o prazer entrelaçado com o desprazer, além da posição de passividade que o sujeito ocupa.

A primeira fase é a sádica, nela a criança espancada nunca é a criança que está fantasiando, assim, não é masoquista. Todavia, nesta fase, a criança que fantasia também não é a que bate. Não é clara a revelação de quem bate neste momento, podendo somente se afirmar que é um adulto que espanca uma criança. Mais tarde, o adulto sem identidade se revela enquanto o pai da criança. Assim, "meu pai bate na criança" (Freud, 1919/2010, p. 226) é a primeira fase da fantasia.

Já na segunda fase, o pai continua sendo quem bate, mas agora a criança espancada é a que fantasia. Como Freud (1919/2010) descreve, essa fantasia é permeada pelo prazer e possui um caráter masoquista, sendo "sou castigada por

[4] A qual será retomada e discutida no terceiro capítulo teórico.

meu pai" (Freud, 1919/2010, p. 227) a segunda fase, portanto. "Essa segunda fase é a mais importante e mais prenhe de consequências" (Freud, 1919/2010, p. 227). Todavia, jamais se tornou consciente, sendo a descrição dessa fase uma construção da análise.

A terceira fase, por sua vez, tem semelhanças com a primeira e ela [a terceira], sim, possui seu conteúdo na consciência, sendo comunicada pela paciente. A pessoa que bate aqui nunca é o pai, ela é sem identidade – assim como no primeiro momento – ou pode vir a ser uma figura representante do pai. A criança que fantasia não aparece, também, nesta fase como quem apanha. Pelo contrário, é apenas uma observadora. Já quem apanha são várias crianças, com maior frequência, meninos (na fantasia das meninas). Aqui, a surra pode ser também castigos e humilhações de outra ordem. O que há de essencial é que esta fantasia carrega uma intensa excitação sexual que possibilita satisfação autoerótica.

A pulsão sexual e os objetos (o pai, a outra criança ou a criança que fantasia) nos quais ela investe são importantes nessa fantasia. Na primeira fase, a pulsão se manifesta por meio do investimento da criança na cena em que outra criança é espancada, o que implica uma posição ativa (da criança) em relação ao objeto. Já na segunda fase, ocorre uma reorganização desse investimento: a criança que fantasia está na posição de quem recebe o castigo, direcionando a energia pulsional para si mesma. Esse deslocamento permite que a fantasia seja interpretada como "meu pai me ama". Na primeira fase, "o pai bate na criança" (p. 36) que se torna "o pai bate na criança que *eu* odeio" (p. 36) que mais adiante se torna "o pai bate na outra criança, ama apenas a mim" (p. 44). Na segunda fase há essa passagem da atividade para passividade e, como Freud expõe, essa é a fase mais importante (Freud, 1919/2010). Isso porque permite a própria elaboração teórica da fase masoquista da fantasia e a ocultação da ferida narcísica, uma vez que ao ser espancado há um sinal de privação de amor e uma humilhação (Freud, 1919/2010).

O masoquismo aqui torna-se um meio pelo qual o processo de reparação narcísica (iniciado nas marcas de diversas significações que o espancamento deixou) pode acontecer (Andrade, 2011). Assim, em um primeiro momento, se o pai não bate na criança que fantasia, é porque a ama e lhe protege do sofrimento. Aqui o sadismo é investido na outra criança que apanha, mas que é neutralizado pelo masoquismo que somente desaparece no final da fantasia. Todavia, antes de chegar ao final, na passagem da atividade para passividade, o masoquismo se

apresenta com a ideia de que o pai que bate na criança que fantasia, bate porque a ama e, se assim o é, que bata sempre e somente na criança que fantasia. O sadismo é gradualmente neutralizado pelo masoquismo, que emerge como uma solução psíquica para lidar com a perda do amor exclusivo do pai. Com a reformulação da fantasia, o espancamento passa a ser entendido como uma prova de amor: se o pai bate, é porque ama. Dessa forma, o masoquismo é estruturado a partir da tensão entre desejo e privação, prazer e dor.

A conclusão de Freud para esta fantasia é esta: a criança ser amada pelo pai com exclusividade. Amor e dor são associados e uma dinâmica sado-masoquista aparece: o pai ama quando bate, seja no outro odiado (sadismo) ou na criança que fantasia (masoquismo). Para além disso, Freud busca entender por que se dá a própria passagem da atividade para passividade. Ele percebe dois movimentos no psiquismo, a culpa pelo prazer com outra criança sendo espancada e, com a fase masoquista, a culpa por desejar o pai (análise situada no contexto edípico que também acontece nessa idade). Dessa forma, o sentimento de culpa e a operação de recalque são os operadores da transformação do sadismo em masoquismo[5]. Aqui Freud entende que o Complexo de Édipo ganha um reforço em seu investimento pulsional. Isso ocorre porque tanto o desejo incestuoso quanto o desprazer decorrente de sua privação tornam-se mais intensos, sendo posteriormente reprimidos pelo sentimento de culpa. O tema da culpa e que atrai a noção de Supereu será mais explorado em 1923. Assim, continuemos navegando por sua teoria.

2.5 A caminho da pulsão de morte

É impossível – ou ao menos superficial – estudar sobre a temática do masoquismo em Freud sem passar pelo caminho percorrido por ele sobre pulsão. O masoquismo só aparece a partir da pulsão, como vimos, e um dos nossos eixos a serem discutidos aqui – o masoquismo patológico – somente foi elucidado a partir da pulsão de morte. Como Hasky (2016) discute, Freud faz um longo caminho pela trilha pulsional, desviando dela em um primeiro momento. Embora tenha proposto o conceito de pulsão e um primeiro dualismo pulsional no início da psicanálise,

[5] Uma vez que o recalque possui como função, além de tornar inconsciente os destrinchamentos do Complexo de Édipo e de regredir ao estádio anal-sádico, também transforma esse estádio em masoquismo, este sendo passivo e narcísico.

demorou a estabelecer a teoria clínica por uma via pulsional, sempre tentando tratar as questões de seus pacientes pela via da significação. A hipótese levantada por Hasky (2016) é a de que Freud tenha recuado da via energética devido ao seu enigma, investindo, assim, no campo das representações.

Durante sua obra, Freud modificou e, posteriormente, reformulou o conceito de pulsão – o que já mostra a complexidade e obscuridade na investigação de tal noção. Como vimos, ainda no período pré-psicanalítico, em "Projeto para uma Psicologia Científica" (Freud, 1895/1990), o autor já falava em "excitações" que mais tarde denominaria de pulsão. Já em 1905, nos "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (Freud, 1905/2016), descreve a pulsão sexual e privilegia tal conceito neste trabalho, uma vez que dele derivam os demais conceitos trabalhados no ensaio. Cinco anos depois, Freud (1910/2013) estabelece o primeiro dualismo pulsional – pulsão sexual e pulsão de autoconservação – em "Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão". Vimos que em "Os instintos e seus destinos" (Freud, 1915/2010) pulsão e masoquismo estão entrelaçados, mas esse texto dedica um trabalho inteiro à definição, à caracterização e aos destinos da pulsão – ainda se deparando com empasses quanto à sua característica enigmática, os quais impediam o avanço na sua teorização. Portanto, Freud de fato reconheceu a existência do pulsional no início da psicanálise, formulando uma teoria, mesmo que nebulosa, mas ainda assim enfatizava o campo das representações na sua clínica.

Todavia, o campo pulsional ganhará mais sua atenção na teoria e na clínica. A partir de 1914, em "Introdução ao Narcisismo" (Freud, 1914/2010), o primeiro dualismo pulsional começa a perder sua sustentação, a partir da constatação de que há libido no Eu. Ao mesmo tempo, o campo representacional e interpretativo é enfraquecido, uma vez que em "Repetir, Recordar e Elaborar", Freud (1914/2010) se vê de frente com a "contra-força à semantização" (Hasky, 2016, p. 50) presente nos casos clínicos. Somado a isso, Freud se atenta aos casos que parecem não obedecer à hegemonia do princípio do prazer, os quais discutirá, então, na grande virada de 1920. Dessa forma, ao se confrontar com empasses e discrepâncias da teoria e no tratamento de seus pacientes, o autor faz um longo caminho do representacional ao pulsional (Hasky, 2016).

Nesse sentido, ainda que se deparasse e se desviasse do campo pulsional, como aponta Hasky (2016), Freud se viu às voltas com a insistência da pulsão na

clínica. Como ele mesmo nos diz, ao caracterizar a pulsão enquanto força insistente que exige trabalho e da qual não se pode fugir, pode-se dizer que Freud também não pôde escapar da exigência pulsional observada em seus pacientes e, então, revisita o campo pulsional em 1920.

Com uma característica enigmática, sombria e insistente em certos casos clínicos, Freud (1920/2020), enfim, volta sua atenção para as situações repetidamente desagradáveis e que parecem jamais terem sido prazerosas. Em "Além do Princípio do Prazer", Freud (1920/2020) analisa situações que parecem desbancar a hegemonia do princípio do prazer, uma vez que são repetidamente desagradáveis. Na construção de sua argumentação, analisa o princípio de realidade, o sintoma neurótico, os sonhos traumáticos, as brincadeiras infantis e a repetição na transferência. Ao analisar um a um, Freud constata que o princípio de realidade, o desprazer neurótico e as brincadeiras infantis (o caso em particular conhecido como *Fort-Da*) não contradizem o princípio do prazer, cada um por sua especificidade trabalhada no artigo de 1920. Já os sonhos traumáticos, analisados a partir das neuroses de guerra, de fato, são constatados pelo autor como repetições desagradáveis que contradizem ao princípio do prazer, mas ainda não foram o exemplo decisivo que fomenta a formulação apresentada por ele nesse texto: a pulsão de morte.

O exemplo decisivo para a postulação da pulsão de morte é o fenômeno da compulsão à repetição. Desde 1914, Freud reconhecia a impossibilidade do paciente de tudo recordar. Em 1920, retoma o fato de se repetir ao invés de se recordar, mas agora afirmando pela primeira vez que essa compulsão à repetição se dá pelo recalcado inconsciente (Hasky, 2016). A isso, acrescenta um "fato novo e digno de nota" (Freud, 1920/2020, p. 91) que será chão para toda a reviravolta:

> [...] a compulsão à repetição também traz de volta aquelas experiências do passado que não contêm nenhuma possibilidade de prazer e que mesmo naquela época não puderam ser satisfações, nem mesmo de moções pulsionais recalcadas desde então (Freud, 1920/2020, p. 91).

Como destaca Hasky (2016), não é a repetição que abala o princípio do prazer, mas o que está na natureza daquilo que se repete. Freud encontra uma situação que de fato coloca em questionamento a dominância do princípio do prazer, encontrando no fenômeno da repetição experiências sempre desagradáveis e a insistência no desprazer e no sofrimento – isto é o que há de mais fundamental na compulsão à repetição. O "além de", presente no título da obra, pode ser

entendido como um ponto fora do universo do princípio do prazer (Vidal, 1992) ou como algo que escapa em obedecer exclusivamente à busca por prazer (Roudinesco, 1998). Em 1924, Freud repensará o par tensão-distensão enquanto desprazer-prazer, remanejando a reflexão do que é prazer e desprazer para o psiquismo, algo que trabalharemos melhor mais adiante. O que nos importa neste momento, ao pensar o que está para além do princípio do prazer, é que "é inegável" (Hasky, 2016, p. 66) que a lógica de funcionamento da compulsão não objetiva a evitação de desprazer ou a produção de prazer.

A pulsão é aquilo que "espicaça o sujeito" (Hasky, 2016, p. 48), aquilo que coloca em movimento, que impulsiona, que empurra. Hanns (1997) ressalta que a pulsão é agradável inicialmente, mas que seu acúmulo, devido a impossibilidade de descarga, a transforma "em um imperativo que impele maciçamente" (Hasky, 2016, p. 48). As pulsões são estímulos internos de força constante que regem o psiquismo, e, por isso, não se pode fugir delas (Freud, 1915/2010). A pulsão é uma força disruptiva que pressiona o aparelho psíquico ao trabalho. Nesse sentido, "o Trieb os futuca mais, meus amiguinhos, é toda diferença para com o instinto, o assim dito" (Lacan, 1963-1964/1985, p. 51).

De origem inconsciente e sendo difícil de obter controle sobre, a compulsão movimenta o sujeito a se colocar repetidamente em uma posição dolorosa (Roudinesco, 1998). Freud (1920/2020) observa tal fenômeno no cotidiano: o fracasso e a perda do amor, situações de insucesso, a decepção e a vã expectativa de satisfação. O que conclui dessas experiências é que não proporcionam prazer atualmente e não proporcionaram no passado, acreditando que o desprazer seria menor se emergissem no presente, não como ato, mas como lembranças ou sonhos. Assim, por outras vias que não a repetição, o sujeito seria poupado de tanto desprazer, todavia a economia pulsional "não tem como parâmetro a redução de danos" (Hasky, 2016, p. 65). "Ela [a ação] é repetida, apesar de tudo; uma compulsão pressiona a isso" (Freud, 1920/2020), isto é, as situações são repetidas sob a pressão de uma compulsão. Portanto, a partir do conjunto pressão-compulsão-repetição, pode-se lembrar da definição dada por Freud (1915/2010) às pulsões para pensar que a compulsão à repetição tem características da pulsão.

2.5.1 Pulsões de vida e de morte

Assim, com o fato de que a compulsão tem características da pulsão, o desenvolvimento teórico dela é o que torna a via da representação – da recordação e da interpretação – insuficientes para a análise dos pacientes, dando lugar à construção na análise (Freud, 1937/2021). Portanto, na impossibilidade de encontrar sentido para certos quadros de prazer e desprazer, Freud (1920/2020) volta a uma explicação econômica, iniciada em "Projeto para uma Psicologia Científica" (Freud, 1895/1990). Ao perceber o que há de pulsional na compulsão, Freud trilha o caminho que o levará ao segundo dualismo pulsional, sempre ressaltando que a sua argumentação tem caráter especulativo, devido a nebulosa questão que é a pulsão de morte.

A pulsão de morte é silenciosa e só é percebida por seus efeitos (Hasky, 2016). Suas manifestações, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, apresentam-se enquanto forças demoníacas (Freud, 1920/2020). A compulsão à repetição é uma forma de expressão da pulsão de morte e é aquela que trilha o caminho para a postulação desta. A pulsão como força constante demonstra seu caráter repetitivo, sendo a repetição "a característica própria da pulsão" (Garcia-Roza, 2003, p. 25) e ela "persiste porque a pulsão insiste" (Garcia-Roza, 2003, p. 59). Assim, segundo Freud (1920/2020), a pulsão de morte é esta pressão que leva à repetição. É um impulso, de caráter conservador, que visa restaurar um estado anterior. Ela impele para um retorno ao inorgânico, ao zero de tensão absoluto, mas o faz querendo que o organismo morra à sua própria maneira. Nesse sentido, a pulsão de morte é regida pelo princípio de Nirvana[6], o qual é a tendência em levar a zero ou em reduzir o máximo de tensão interna possível. Dessa forma, a pulsão de morte tem três registros: a compulsão à repetição (nosso foco), o retorno ao inorgânico e o morrer por seus próprios meios.

Tendo em vista a inegável força pulsional de caráter demoníaco e o enfraquecimento do primeiro dualismo pulsional, Freud (1920/2020) contrapõe à pulsão de morte uma outra força que denomina como Eros e, assim, estabelece o segundo dualismo: pulsões de vida e pulsão de morte. As pulsões de vida – que agora são o conjunto das pulsões sexuais e pulsões de autoconservação – são

[6] Estabelecido em 1920, somando-se ao grupo dos outros princípios econômicos citados anteriormente, que então conflituam, mas não se anulam.

responsáveis pela ligação. Sendo de caráter aglutinador, podem neutralizar a pulsão de morte, quando há fusão pulsional. Ademais, como toda pulsão, são conservadoras, porém são resistentes às influências externas e tendem a preservar a vida por mais tempo, opondo-se à pulsão de morte. Assim, em uma união vital, essas pulsões conservam o organismo, neutralizando parcialmente a ação da pulsão de morte, podendo ser descritas como "construtivas ou assimilatórias" e a pulsão de morte, "destrutiva e dissimilatória" (Hasky, 2016, p. 72-73). Com isso, Eros tem a função da preservação da vida, mas não tem como interesse ir contra a morte. Uma de suas ações é não permitir que o organismo morra de maneira precipitada, transpassado pela intensidade da pulsão de morte. Eros preserva a vida para que o organismo morra à sua própria maneira, mostrando tanto em vida como em morte a sua singularidade (Fortes, 2012). Essa valorização da morte possibilita um paradoxo no qual "morrer a nossa própria maneira é também viver a nossa própria maneira" (Fortes, 2012, p. 113). Como salienta Fortes (2012), nesse estranho equilíbrio, o sujeito encontra-se entre a vida e a morte.

A luta entre Eros e pulsão de morte é constante, confrontando-se desde o início da vida e por isso seu caráter dualista. Essa mescla pulsional é permanente e, nesse sentido, não há uma pulsão que age sozinha porque ambas estão sempre juntas, embora em proporções variáveis. Quando a fusão pulsional ocorre com sucesso, os impulsos da pulsão de morte são destinados ao mundo externo. Todavia, quando há desfusão e a pulsão de morte ganha maiores proporções, estando em seu estado "puro", terá os destinos mais autodestrutivos.

É a partir de todo terreno construído até aqui – no vaivém da pulsão, nas características masoquistas e sadistas observadas nos movimentos da pulsão, na relação da perspectiva dinâmica do aparato com o par sadismo-masoquismo, no sentimento de culpa inconsciente e na compulsão à repetição – que, em 1924, Freud teoriza as três modalidades de masoquismo e suas implicações na vida psíquica.

3 O Masoquismo Enquanto Estruturante

Neste capítulo, exploraremos o conceito de masoquismo em Freud como um processo psíquico fundamental e indispensável para o sujeito. Ao abordar o masoquismo erógeno primário, o estudaremos como uma disposição que, longe de ser autodestrutiva, sustenta o indivíduo frente à dor e ao sofrimento. Investigaremos como essa capacidade de suportar o desprazer assume um papel estruturante, permitindo ao sujeito atravessar momentos cruciais da vida, assim como os desafios e tensões envolvidos no processo analítico. A partir desse ponto de vista, mostraremos que o masoquismo não é apenas uma inclinação ao sofrimento, mas também um componente essencial à saúde psíquica**.**

Para expandir essa compreensão, dialogaremos com o conceito de "masoquismo guardião da vida" a partir de Rosenberg (2003) e a noção de positividade de pulsão de morte, que interpreta o masoquismo erógeno como um processo e essencial para o equilíbrio psíquico. Através desse prisma, veremos que a capacidade de encontrar alguma forma de prazer na dor pode sustentar a continuidade do Eu, mesmo sob pressões externas e internas.

3.1 Abrindo caminho para o masoquismo

As noções de prazer e desprazer são capitais para a psicanálise, uma vez que a formação do psiquismo se dá a partir das quantidades de excitação que o atravessam. Isso porque o aparelho psíquico filtra e descarrega a energia que circula e, na medida em que modifica essas excitações, deixa marcas que aos poucos vão constituindo a singularidade do sujeito (Fortes, 2012). Dessa forma, manejar diferentes níveis de excitação, pela descarga radical ou gradual, é a função da elaboração psíquica (Fortes, 2012).

Freud, por muito tempo, associou desprazer e prazer ao par tensão-distensão, vinculando o desprazer ao acúmulo de energia e o prazer à sua descarga. Nesse sentido, antes dos questionamentos levantados em 1920 e em 1924, a sensação de prazer seria sentida quando há diminuição das quantidades de excitação e o desprazer, quando há um aumento delas. Assim, a priori, o ser humano buscaria sempre a obtenção de prazer e evitaria o desprazer. Para Freud (1911/2010), há um princípio que rege o aparelho psíquico segundo esta lógica: o princípio do prazer. Ele é a regulação automática de prazer e desprazer, sempre visando descarregar a

tensão, assim, evitando o desprazer e buscando o prazer. Para isso, exige por uma satisfação imediata.

Contudo, não é possível sempre obter prazer de forma imediata, uma vez que o contato com o mundo externo impossibilita isso. Nesse sentido, Freud (1911/2010) estabelece o princípio de realidade, que justamente representa, no psiquismo, a influência do mundo externo. Ele modifica o princípio do prazer, protegendo-o de frustrações, e, para isso, adia a satisfação. O princípio de realidade funciona segundo o processo secundário e imprime um empecilho na obtenção de prazer. Todavia, como Freud (1920/2020) discorre, este mesmo princípio que adia o prazer, funcionando como obstáculo, também pode proporcionar o prolongamento de prazer. O princípio de realidade impede o imediatismo do princípio do prazer, mas para que este possa, em seguida, obter satisfação com mais segurança e, possivelmente, em maior proporção[7]. Assim, a instância prazer-desprazer tem por objetivo fazer com que as quantidades de excitação não sejam insuportáveis para o organismo (Fortes, 2012). Dessa forma, o próprio evitamento da dor e a necessidade de modulação da excitação mostram-se como regulados pelo princípio do prazer, como destaca Fortes (2012, p. 66), "o caminho do evitamento da dor implica, pois, em sujeitos regulados pelo princípio do prazer".

Ao retornar ao texto "Formulações relativas aos dois princípios do funcionamento mental" (Freud, 1911/2010), Rosenberg (2003) destaca uma nota de Freud, na qual ele coloca a organização psíquica como escrava do princípio do prazer: "Com razão se objetará que tal organização, que se abandona ao princípio do prazer e negligencia a realidade do mundo externo, não poderia se manter viva por um tempo mínimo, de modo que nem sequer chegaria a nascer" (Freud, 1911/2010, p. 85). A formulação de Freud destaca a impossibilidade de um psiquismo que opere exclusivamente sob a lógica do princípio do prazer, indicando a necessidade de um ponto de regulação que leve em conta a realidade. O que essa formulação traz à discussão do masoquismo é a necessidade de se pensar a relação entre prazer e sofrimento como um jogo econômico no qual o psiquismo se organiza. Se, por um lado, o princípio do prazer visa evitar o desprazer, por outro,

[7] Freud discorreu e modificou vários princípios econômicos que participariam em conjunto da regulação psíquica, porém este trabalho não se propõe a destrinchar em maiores detalhes esta parte da teoria freudiana e aqui foram e serão citados de forma objetiva somente os que contribuem para a discussão presente.

o masoquismo evidencia que a satisfação pode se dar por vias das experiências de dor e de sofrimento. Assim, a ideia de um psiquismo que não pode ser escravo do prazer sem colapsar permite entrever a função estruturante do sofrimento em determinadas configurações psíquicas, abrindo espaço para pensar o masoquismo não como um desvio, mas como um fenômeno psíquico fundamental. Dessa forma, essa discussão se faz necessária para compreender o lugar do masoquismo na economia psíquica. A partir dessa formulação de Freud, pode-se avançar para suas elaborações posteriores sobre a pulsão de morte e o masoquismo, entendendo-o como um elemento essencial da dinâmica psíquica.

Destacamos que o par prazer-desprazer se manteve como descrito aqui até 1920, quando ocorre uma grande virada na teoria freudiana, a qual, como vimos anteriormente, é a reformulação da teoria das pulsões. Assim como, em 1920, Freud percebe fenômenos que agem independentemente do princípio do prazer, como a compulsão à repetição, em 1924 adiciona a esse grupo o masoquismo. Em "Além do princípio do prazer", Freud admite um prazer concomitante à tensão, mas isso ganhará maior força em "O problema econômico do masoquismo" com a noção de masoquismo erógeno primário. O problema econômico tem mais ênfase à medida que Freud aprofunda sua compreensão sobre o modo como o aparelho psíquico administra a energia pulsional, especialmente no que diz respeito ao equilíbrio entre prazer e desprazer. Especialmente, o masoquismo se torna um problema econômico para a metapsicologia justamente por colocar em xeque o par desprazer-prazer vigente até então. Em 1924, Freud analisa como, no masoquismo, o indivíduo encontra prazer na dor, o que aparenta contradizer o princípio do prazer, que governa a busca pela satisfação e a evitação do desprazer. Esse problema econômico surge da necessidade de compreender como a energia psíquica é transformada e investida em formas que incluem dor e sofrimento. Assim, o masoquismo ilustra um paradoxo: a capacidade do psiquismo de encontrar satisfação mesmo em experiências que, à primeira vista, seriam fonte de desprazer.

Segundo Freud, no ensaio de 1924, quando a dor e o desprazer não são mais consequências de uma elevação de tensão que o aparelho psíquico, pelo princípio de nirvana, tenta abaixar, mas os objetivos em si mesmos – alvos da pulsão –, o princípio do prazer é posto fora de ação (Freud, 1924/2011), entrando em cena o motor psíquico do masoquismo. Freud (1924/2011) afirma que existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas, portanto, prazer e desprazer não podem mais

ser referidos ao aumento ou diminuição de tensão no psiquismo, como havia discorrido anteriormente. Nesse trabalho, Freud propõe que pode existir prazer e dor concomitantemente, isto é, o prazer pode ser sentido com o aumento da tensão de estímulos.

O problema econômico a que Freud se refere diz respeito à tendência masoquista não fazer parte de um processo psíquico regido pelo princípio do prazer. Se o prazer, que antes era associado à diminuição da tensão, agora é também associado ao aumento de tensão, há um problema e a necessidade de uma reformulação teórica do que estava em vigor até então na teoria freudiana. A grande questão do masoquismo para Freud (1924/2011) é que o psiquismo mantém e busca o aumento da tensão – dor e desprazer – e extrai disso uma satisfação (Schneider, 1980). Nesse sentido, há nessa configuração uma "figura teórica de excesso" (Fortes, 2007, p. 38) e não de diminuição dos estímulos. Tal excesso possibilita a reformulação da segunda teoria pulsional freudiana, permitindo a ideia de uma mescla pulsional entre Eros e pulsão de morte.

Para além do quantitativo, Freud também entende que há uma questão qualitativa, embora essa em si seja obscura:

> Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso. Parece que não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica dele que só podemos designar como qualitativa. Estaríamos bem mais adiantados na psicologia, se soubéssemos indicar qual é esse traço qualitativo. [...] não o sabemos. (Freud, 1924/2011, p. 167).

Como vimos, a compreensão do princípio do prazer muda a partir de 1920 e 1924. Para Freud (1924/2011), é a partir da fusão entre Eros e pulsão de morte que ocorre uma transformação do princípio de Nirvana e obtemos, por consequência, o princípio do prazer. "Em todo caso, devemos reparar que o princípio do Nirvana, que pertence ao instinto de morte, experimentou no ser vivo uma modificação que o fez tornar-se princípio do prazer, e de ora em diante evitaremos tomar os dois princípios por um" (Freud, 1924/2011, p. 167). Em 1911, Freud entende que o princípio do prazer é a primeira lei de funcionamento dos processos mentais e é a partir dele que o princípio de realidade é desenvolvido, que é uma modificação desse último. Em 1924, Freud compreende o princípio do prazer como uma modificação do princípio de Nirvana, sendo este então precedente aquele. Como assinala Freud (1924/2011), a força para esta modificação é a libido,

ao lado da pulsão de morte, assim, essa é uma modificação que a libido traz ou impõe à lei de funcionamento (princípio de Nirvana) da pulsão de morte.

Freud modifica a conceituação do princípio do prazer enquanto exclusivamente quantitativa. Antes[8] definido somente pela quantidade de excitações, dessa forma, caracterizando-se como princípio de Nirvana, o princípio do prazer surge a partir da primeira intrincação entre pulsão de vida e pulsão de morte. É a partir desta ligação que o princípio de Nirvana é modificado e se obtém o princípio do prazer. O princípio de Nirvana rege o funcionamento do aparelho psíquico antes da primeira fusão pulsional, expressando a tendência à redução completa da tensão. Dessa forma, ele pode ser compreendido como a manifestação do funcionamento da pulsão de morte em sua forma pura, antes da primeira intrincação com a pulsão de vida. Com isso, é por meio da primeira ligação que se tem o princípio do prazer.

Antes de 1920, o prazer era entendido como o que realizava os objetivos da pulsão, o prazer como redução da tensão de excitação. A partir da segunda teoria pulsional e da primeira intrincação pulsional, o prazer pode também ser entendido como "equivalente à excitação, à autodestruição, à morte"[9] (Rosenberg, 2003, p. 81). De acordo com Rosenberg (2003), o prazer envolve uma mistura de prazer e desprazer, contendo inevitavelmente uma dose, variável em intensidade, de masoquismo. Assim, como assinala Rosenberg (2003), o prazer masoquista passa a ser o modelo de prazer para Freud.

Com isso, a intrincação pulsional dá origem ao princípio do prazer. Somado a isso, como veremos detalhadamente no próximo item, um outro evento ocorre nesse primeiro entrelaçamento das pulsões, o masoquismo erógeno. Assim, a partir da fusão primária, obtém-se o "núcleo masoquista erógeno primário" e a "lei que rege seu funcionamento" (Rosenberg, 2003, p. 81).

A hipótese antes estabelecida de que o princípio do prazer sempre atenderia a redução da tensão passa a ser entendida, a partir de 1920 e 1924, como um princípio do prazer que se transforma em função do masoquismo na primeira

[8] Essa concepção pode ser encontrada em seus primeiros escritos, como o "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895/1990) e "Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911/2010). No entanto, a partir de "Além do Princípio do Prazer" (1920/2010), essa formulação se modifica: o princípio do prazer surge da primeira intrincação entre pulsão de vida e pulsão de morte.

[9] Neste capítulo, trataremos do masoquismo erógeno, portanto, dor e prazer andam juntos, todavia, a faceta autodestrutiva das outras formas de masoquismo será explorada no próximo capítulo.

intrincação pulsional e que, portanto, a sustentação da tensão é relevante e positiva ao ponto que faz a manutenção da existência e da duração da organização psíquica, pois isso só é possível com um mecanismo masoquista. A partir disso, pode-se entender como foi se dando a construção e reconstrução teórica do princípio do prazer e do masoquismo, pois Freud (1911/2010) já sinalizava algo nas consequências destrutivas e mortíferas[10] da concepção original do princípio do prazer, mas só consegue se dar conta mais profundamente, a ponto de retificar sua definição, a partir da segunda teoria pulsional e de uma reformulação da teoria do masoquismo (Rosenberg, 2003).

A partir desta nova relação observada entre prazer e desprazer, observando os fenômenos e seus entrelaçamentos (pulsão de morte, compulsão à repetição e o próprio masoquismo), Freud (1933/2010) conclui que o masoquismo (juntamente com o sadismo) foi o fenômeno que impulsionou a segunda teoria pulsional na medida em que coloca em xeque a dinâmica do princípio do prazer antes estabelecida.

Assim, Freud (1924/2011) estabelece três modalidades de masoquismo, no qual se observa tal dinâmica. Para entender os masoquismos e suas origens, é necessário perpassar pelo processo de surgimento do que Freud chamou de masoquismo primário e secundário.

3.2 A origem do masoquismo erógeno

Como vimos, a partir da mescla pulsional, a libido pode neutralizar a destrutividade da pulsão de morte. Ainda no início da vida, na tentativa de amansar os impulsos destrutivos, a libido faz a *primeira* fusão com uma parte da pulsão de morte que está direcionada para dentro do psiquismo, o que dá origem ao masoquismo erógeno primário – um movimento libidinal, mas não de descarga, e, sim, de aumento de tensão (Freud, 1924/2011). Nesse sentido, "o masoquismo erógeno é o resíduo da liga de Eros com a pulsão de morte" (Fortes, 2012, p. 161). Ele é este movimento de retorno sobre o eu, por meio do suporte de um outro, que marca, no corpo pulsional, uma impressão (Fortes, 2012). Essa volta sobre a própria pessoa é simultânea à formação de um eu originário, de pura intensidade, o qual não é regulado pelo registro da representação característico do eu-prazer (Fortes,

[10] A busca desenfreada por redução de tensão imediata.

2012). Nesse sentido, a dor representa a primeira marca de um sujeito. O eu-real originário se constitui por meio dessa dor sentida na constituição do masoquismo erógeno, nesse sentido, o momento originário do eu é, portanto, uma experiência de dor (Fortes, 2012).

Dessa forma, ao apresentar o masoquismo erógeno primordial, Freud (1924/2011) reformula a teoria, antes vigente, de um sadismo primário anterior ao masoquismo, postulando agora um masoquismo primário. Ainda na capacidade da libido de aglutinação, uma parte da pulsão de morte, posterior ao masoquismo primário (mas que não foi fusionada com Eros), é extraviada para o externo, com a ajuda da musculatura (Freud, 1924/2011), constituindo o sadismo. A pulsão de morte que é direcionada para fora – na tentativa da libido de amortecer suas forças destrutivas – tem uma parte sua que retorna para dentro novamente, uma vez que recebe barreiras da cultura que não aceitam essa destrutividade voltada para o externo, dando possibilidade ao masoquismo secundário (Freud, 1924/2011).

A partir do masoquismo erógeno e da dor sentida, a meta sádica de infligir dor pode ter seu lugar. Somente a partir disso podemos falar em masoquismo secundário (moral e feminino), uma vez que é o retorno do sadismo sobre a própria pessoa que dá origem a ele (Freud, 1924/2011). Assim, primeiro temos o masoquismo primário a partir da primeira intrincação pulsional, depois temos parte da pulsão de morte sendo lançada para fora – sadismo –, e, somente então, podemos ter parte dela, rejeitada pelo externo, retornando para dentro – masoquismo secundário. Dessa perspectiva, o sadismo emerge como uma manifestação da pulsão de morte externalizada, enquanto o masoquismo secundário reflete o retorno dessa energia para o próprio sujeito. O sadismo é secundário ao masoquismo erógeno, portanto, não apenas antecede o masoquismo *patológico*, mas também dialoga com ele em uma relação dinâmica que ressalta a intrincada relação entre prazer e desprazer (nos atentaremos mais ao sadismo e masoquismo secundário no próximo capítulo). Essa dinâmica é essencial para compreender como o masoquismo erógeno se diferencia das formas patológicas de masoquismo.

3.3 Prazer e desprazer lado-a-lado

O masoquismo erógeno se estabelece enquanto não adoecimento na medida em que o sujeito não se refugia na servidão ao outro (masoquismo feminino) ou na

autodestruição moral (masoquismo moral)[11]. Assim, o masoquismo é circunscrito na experiência de erotismo, uma vez que a coexcitação – a coexistência da dor e do prazer – é experenciada sem a busca por formas de autodestruição, mas como meio pelo qual o psiquismo, também, se desenvolve e se sustenta, fazendo a primeira fusão entre as pulsões de vida e de morte.

Não se configura enquanto patológico porque o masoquismo primário não se aproxima da depreciação do ser, não se oferece enquanto escravo de um outro, assim, o sujeito tem a possibilidade de experenciar a vida pela via desejante. O masoquismo erógeno primário proporciona ao sujeito a aceitação do desamparo, da dor, da angústia e de todo sofrimento que precise ser sustentado. É o entendimento de que a própria fragilidade humana é "aquilo que move o erotismo e o desejo" (Fortes, 2012, p. 159).

Essa forma masoquista que é "resíduo" (Freud, 1924/2011, p. 172) é "resto da operação de amansamento da pulsão de morte pela libido" (Hasky, 2016, p. 87). Dessa maneira, se a pulsão de morte é ligada por Eros, baixando sua proporção, as tentativas insistentes e enfáticas de autodestruição também diminuem sua proporção. Eros gera transformação e proporciona uma criatividade que com o masoquismo se torna algo belo.

A partir daqui, neste capítulo, desenvolveremos a importância do masoquismo erógeno para o psiquismo e a beleza que pode ser observada nele no que tange ao seu trabalho de salvar, criar e energizar uma vida.

O movimento do masoquismo erógeno sequencia o aumento de tensão, e isso, para o psiquismo, pode chegar a um ponto insuportável. Para Rosenberg (2003), é o núcleo *masoquista* do Eu que possibilita a ligação da tensão, sustentando o desprazer. Já sem a excitação, não há vida e a pulsão de morte ganha a luta, assim sendo, o masoquismo erógeno – e sua capacidade de sustentação e investimento na dor – é um "masoquismo guardião da vida" (Rosenberg, 2003, p. 108).

"Masoquismo guardião da vida" é como Rosenberg nomeia o movimento que o masoquismo erógeno faz de proteção do ser. Sendo guardião, guarda a vida e a vida psíquica, que são co-dependentes no que tange em seus efeitos, seja de autodestrutividade ou de criatividade. Nesse sentido, a permanência do núcleo masoquista primário no Eu sustenta e faz a manutenção da excitação por meio do

[11] Conceitos que serão abordados no próximo capítulo.

impedimento da descarga imediata e impede que ela rompa a vida psíquica (mantendo o mínimo de excitação na própria descarga). Nomeia-o desta forma pela observação do caráter positivo no masoquismo, que salienta não ser uma novidade. Baseado, também, em P.-C. Racamier e o "papel contra depressivo do masoquismo" e em E. Kestemberg que trabalha o masoquismo na psicose.

Embora não saliente diretamente em sua nota explicativa do termo (Rosenberg, 2003, p. 71), mas o faz durante seu trabalho, vale ressaltar que o nome dado ao masoquismo erógeno por Rosenberg, o qual compõe o título de seu livro, veio do próprio Freud (1924/2011) em "O problema econômico do masoquismo": "se a dor e o desprazer podem ser eles mesmos objetivos, e não mais sinais de alarme, o princípio de prazer é paralisado, o *guardião da vida* psíquica fica como que sob o efeito de um narcótico" (Freud, 1924/2011, p. 166); "Somos tentados a chamar o princípio do prazer de *guardião da nossa vida*, não apenas de nossa vida psíquica" (Freud, 1924/2011, p. 166); "O que concluímos dessa discussão é que não se pode recusar a denominação de *guardião da vida* para o princípio do prazer" (Freud, 1924/2011, p. 168). Embora, Freud (1924/2011) tenha nomeado com ênfase o princípio do prazer enquanto guardião da vida, não o masoquismo, a proposta e a argumentação, a partir disso, feita por Rosenberg sustenta o masoquismo, este que está relacionado por definição com o princípio do prazer, enquanto isso que guarda a vida.

3.4 O masoquismo como sustentação da dor

Como vimos, o princípio do prazer, inicialmente compreendido como redução de excitação, é reformulado por Freud a partir de 1920 e 1924. Ele passa a ser entendido como uma modificação do princípio de Nirvana, resultante da fusão entre Eros e pulsão de morte. Essa transformação, impulsionada pela libido, estabelece o prazer como uma experiência que combina prazer e desprazer, e assim, nesta primeira intrincação, dá-se o masoquismo. Se o aparelho psíquico dependesse exclusivamente do princípio do prazer enquanto redução da tensão, não iria durar ou mesmo existir. O princípio do prazer muda em função do masoquismo e a *existência* e *duração* do psiquismo *dependem* do masoquismo.

O masoquismo carrega consigo um paradoxo, sendo prazer perante o desprazer. Nesse sentido, é provável que primeiro se pense em um masoquismo que adoece o indivíduo, visto que se sente prazer na dor e, com isso, se pode entrar em

um ciclo compulsivo de autodestruição que é sustentado pela satisfação inconsciente sentida com a elevação da tensão. Todavia, se por um lado o masoquismo é capaz de manter a dor, ainda que para autodestruição do ser, com maior força da pulsão de morte, por outro, o masoquismo investido pela libido pode suportar a dor para outros fins não autodestrutivos. Mais do que isso, e isto gostaríamos de destacar, "o masoquismo é a melhor proteção contra a destrutividade, e em primeiro lugar contra a destrutividade interna" (Rosenberg, 2003, p. 118). Vamos agora destrinchar melhor essa proposta e entender, em seguida, sua importância para o início e a manutenção de uma análise.

Até 1924, Freud entendia o masoquismo enquanto masoquismo feminino ou masoquismo libidinal, referido à co-excitação e à satisfação sexual. Em 1924, não só passa a trabalhar o masoquismo moral, ainda pensando neste lado de caráter destrutivo, como se vê de frente com um formato que sai deste espectro: o masoquismo erógeno primário. Fica evidente que ter formulado e destrinchado a pulsão de morte em 1920 preparou o terreno para a construção da noção de masoquismo erógeno, ao pensar não só nesta força mortífera, mas na sua fusão e no seu caráter positivo.

Assim, além de não se estabelecer como adoecimento, o masoquismo é aqui considerado enquanto estruturante. Quando a intrincação pulsional ocorre e a pulsão de morte ganha um contorno, seu caráter criativo vem à tona. Se por um lado, o masoquismo é o que faz o sujeito abraçar e se afundar na dor, por meio da coexistência do prazer, para se autodestruir, por outro, o masoquismo obtém a capacidade de sustentar o desprazer para atravessá-lo.

Para que a excitação seja possível, é indispensável um tempo de adiamento, pois "toda espera, todo adiamento, é da ordem da excitação e do desprazer" (Ibid., p. 84). Nesse contexto, o desprazer, ao sustentar o adiamento, está intrinsecamente ligado ao masoquismo, elemento fundamental para a existência e duração do aparelho psíquico. Assim, tanto o adiamento quanto a capacidade de suportar o desprazer pertencem "certamente, à ordem do princípio de realidade" (Ibid., p. 84).

Para Rosenberg (2003), o princípio de realidade emerge como uma transformação do princípio do prazer, mas apenas na medida em que este último já contém, em sua forma mais primitiva, a capacidade de suportar o desprazer e adiar a satisfação. Nessa dinâmica, o princípio do prazer não é anulado pelo princípio de realidade, mas modificado por ele, incorporando a capacidade de postergar a

gratificação imediata. Como Rosenberg afirma, "o princípio do prazer engloba o prazer masoquista" (Ibid., p. 85), evidenciando que o masoquismo, ao sustentar a tensão e o desprazer, é uma condição indispensável para essa transformação.

3.4.1 A beleza que há na dor

A partir das sessões com uma paciente, a qual constantemente falava sobre suas séries preferidas, percebi um ponto em comum entre as produções que ela mais admirava: a beleza que gostava de observar na dor. Se interessava pelos mais variados gêneros; histórias e ficções muito diferentes umas das outras, mas não importava quão grande era o trauma sofrido por um personagem, o quanto fizesse o espectador sofrer, aquela série ainda estava entre suas favoritas. A questão que a fazia assistir não era o trauma sofrido e o quanto a série expunha aquilo – para aquela paciente –, mas o trabalho de elaboração do trauma e os percalços disso no meio do caminho dessa travessia. Estamos falando aqui da repetição do desagradável, não de forma autodestrutiva, mas para tentativa de elaboração, como o *Fort-Da* (Freud, 1924/2011).

O exemplo do *Fort-Da* de Freud é uma das mais conhecidas análises que faz no ensaio "Além do Princípio do Prazer" (Freud, 1920). O exemplo surge a partir da observação que Freud fez de seu neto de um ano e meio, que repetidamente jogava um carretel para longe, acompanhado pela palavra "fort" (que em alemão significa "fora" ou "longe"[12]) e depois o puxava de volta, dizendo "da" (que significa "aqui" ou "presente"[13]). É importante destacarmos que este exemplo não foi o decisivo para a postulação da pulsão de morte, mas fez parte da exploração para chegar à segunda teoria pulsional. Como discorrido no capítulo anterior deste trabalho[14], o exemplo decisivo foi a compulsão à repetição do desagradável que está para além do princípio do prazer[15]. Nesse sentido, como aponta Hasky (2016), o *Fort-Da*, entre outros fenômenos, foram entendidos por Freud como repetições desagradáveis que não contradizem o princípio do prazer.

A partir disso, destacamos aqui o caráter paradoxal da repetição, que permite dois modos de entendimento. Ainda em 1920, Freud comenta que há casos de compulsão à repetição que não se opõem ao princípio do prazer. Dessa forma, é

[12] Michaelis. (2015). *Dicionário Alemão-Português*. Melhoramentos.
[13] Michaelis. (2015). *Dicionário Alemão-Português*. Melhoramentos.
[14] O qual pode ser localizado na página 36.
[15] Este exemplo decisivo e todos os outros foram citados no capítulo anterior.

possível pensar em duas manifestações da compulsão: (1) a compulsão como tentativa de elaboração de uma situação traumática ou (2) a impossibilidade desse processo, uma vez que a via representacional incidindo sobre o traumático se mostrou insuficiente (Hasky, 2016).

Assim, na faceta de elaboração, a compulsão é uma tentativa de dar destino às tensões excessivas, de lidar com o traumático. Aqui ela é a tentativa de ligar a pulsão de morte, simbolizando, uma vez que "a não-inscrição confere seu caráter repetitivo, que insiste até encontrar uma significação" (Hasky, 2016, p. 68). Roussillon (2001) chama essa compulsão à repetição de "compulsão à simbolização", pois é uma tentativa do aparelho psíquico de ligar a energia móvel do trauma sofrido, de simbolizar, porque, como explica Minerbo (2013) a partir de Roussilon (2001),

> O sujeito repete partes de sua história emocional que, em função da desproporção entre a intensidade do estímulo e as condições de metabolização psíquica na época, foram subtraídas ao processo de subjetivação (Minerbo, 2013, p. 77).

Essa repetição, embora frequentemente associada ao sofrimento, representa um esforço para transformar essas experiências em elementos simbolizados e integrados ao Eu. Segundo o autor, o que se repete é o "negativo em ato" (Roussillon, 2012, p. 36), uma manifestação não simbolizada de traumas que ainda carecem de uma elaboração psíquica. Por outro lado, o conceito de pulsão de morte, historicamente ligado à destrutividade, também pode ser compreendido em sua dimensão criativa e transformadora. A partir de seus estudos em Green, Roussillon[16] (2012) destaca como o trabalho do negativo, inerente à pulsão de morte, desempenha um papel crucial na elaboração e integração de experiências traumáticas, uma vez que a pulsão de morte, ao destruir antigas formas de organização psíquica, cria a possibilidade de novas articulações internas. Esse processo ocorre por meio de um enfrentamento com o que é inassimilável, permitindo que traços sensório-motores e afetivos sejam simbolizados e, assim, promovam uma reorganização subjetiva.

A pulsão de morte, frequentemente compreendida como um elemento destrutivo, apresenta uma dimensão paradoxal essencial para a constituição psíquica e a transformação subjetiva. Segundo Oliveira, Winograd e Fortes (2016),

[16] Infelizmente, não conseguiremos aprofundar nestes autores neste trabalho, uma vez que não faz parte dos objetivos determinados, mas não poderíamos deixar de abordá-los e, possivelmente, preparar terreno para discuti-los mais densamente em outro momento.

é necessário questionar se, na ausência de qualquer ruptura na estabilidade energética ou transgressão dos limites já conhecidos, seria possível a existência de um trabalho psíquico que ultrapassasse a mera conservação de uma estrutura previamente estabelecida. Sem essas rupturas, poderiam surgir processos genuínos de criação e diferenciação? Essa questão aponta para a relevância das tensões e desconexões que, embora desestabilizem o aparato psíquico, abrem espaço para a transformação.

Oliveira et al. (2016) destacam a negatividade inerente à pulsão de morte, a qual desempenha um papel fundamental ao gerar desligamentos, divisões e vazios necessários para a complexificação do psiquismo. Tradicionalmente associada ao trauma e à compulsão à repetição, ela opera como um agente desestruturante que, paradoxalmente, impulsiona os processos de subjetivação e simbolização (Freud, 1920/2020; Oliveira et al., 2016). Segundo Freud (1920/2020), os movimentos de desligamento e vazio gerados por essa pulsão são indispensáveis para a reorganização psíquica, permitindo a emergência de novas configurações representacionais e a complexificação do aparelho psíquico. Esses movimentos possibilitam a proliferação de processos de simbolização e a criação de novos limites psíquicos. Esse paradoxo ilustra que, ao mesmo tempo em que desorganiza, a pulsão de morte é indispensável para a reconstrução e a diferenciação do aparato psíquico.

André Green aprofunda a análise da pulsão de morte ao introduzir o conceito de "trabalho do negativo", que designa as operações psíquicas fundamentais para a constituição dos limites internos e externos do sujeito. Esse trabalho inclui mecanismos como o recalque, a negação e a clivagem, todos impulsionados pela pulsão de morte. Esses processos têm a função de negativizar o excesso pulsional, protegendo o psiquismo e permitindo sua organização (Green, 1988/2010). Para Green, a pulsão de morte atua como uma força desobjetalizante, desfazendo vínculos e criando os espaços necessários para a formação das representações psíquicas e do pensamento (Green, 1966-1967/1988).

“O que marca Thanatos é a carga afetiva que induz ou acompanha o gosto pela mudança, pela errância, pela marginalidade; é o valor de luta que estas mudanças têm contra organizações de vida aprisionantes” (Zaltzman, 1994, p. 33). Portanto, a pulsão de morte, longe de ser apenas um elemento destrutivo, apresenta uma função transformadora indispensável. Conforme Green (1988/2010), ela opera

em favor da vida ao introduzir *rupturas necessárias*, promovendo a diferenciação e a complexificação psíquica. A negatividade gerada pela pulsão de morte é essencial tanto para a constituição quanto para a transformação do psiquismo, evidenciando seu papel central na dinâmica subjetiva.

Assim, a pulsão de morte pode ser compreendida como uma força que possibilita a reorganização psíquica. Segundo Klautau, Kislanov e Winograd (2014), essa pulsão desempenha um papel essencial ao desestruturar formas anteriores de subjetividade, criando espaço para novas configurações psíquicas. Essa dinâmica é observável em casos de desfiguramentos faciais ou sequelas neurológicas, nos quais o rompimento de barreiras psíquicas favorece processos de elaboração e reconstrução.

Zaltzman (1994) propõe o conceito de "pulsão anarquista" para descrever a expressão da pulsão de morte em situações de experiência-limite. Segundo o autor, essa força desagregadora pode ser mobilizada para enfrentar a ameaça de destruição total, contribuindo paradoxalmente para a preservação da vida. Nas palavras de Zaltzman, a "pulsão anarquista guarda uma condição fundamental da manutenção em vida do ser humano: a manutenção para ele da possibilidade de uma escolha, mesmo quando a experiência-limite anula ou parece anular toda escolha possível" (Zaltzman, 1994, p. 64). Assim, essa perspectiva amplia o entendimento da pulsão de morte que, em vez de apenas destruir, pode operar como uma força libertadora, permitindo que o sujeito encontre novos caminhos de sobrevivência psíquica.

No campo clínico, esse movimento pode ser observado no manejo de pacientes submetidos a situações traumáticas intensas. Ana, uma jovem que sofreu grave desfiguramento facial após um acidente automobilístico, exemplifica essa dinâmica. Diante de perdas severas que impactaram sua identidade e autoestima, Ana utilizou os recursos proporcionados pelo atendimento psicanalítico para ressignificar sua experiência. Durante as sessões, foi possível observar um movimento distinto da compulsão à repetição paralisante, típico de traumas. Em vez disso, Ana demonstrou a capacidade de mobilizar sua pulsão de morte em direção à reconstrução de vínculos e narrativas, fortalecendo-se para encarar as dificuldades impostas pela nova realidade (Klautau et al., 2014).

A pulsão de morte, nesse contexto, não se limita ao colapso; ela pode atuar como um agente de renovação. Conforme Zaltzman (1994), sua energia desagregadora é capaz de trabalhar contra formas estabelecidas de destruição,

contribuindo para recriações psíquicas. Essa dinâmica foi evidente em Ana, que conseguiu estabelecer novas relações com seu corpo e sua história, inclusive ao solicitar à analista gestos que simbolizavam cuidado e acolhimento. Esse processo transferencial possibilitou a criação de um espaço simbólico que, como apontam Klautau et al. (2014), é essencial para transformar o traumático em experiência elaborada.

Conforme Green (1988), enquanto as pulsões de vida objetalizam e criam laços, a pulsão de morte promove o desligamento e, em momentos críticos, abre caminho para novas formas de investimento libidinal. Essa dinâmica evidencia que, mesmo em momentos críticos, a pulsão de morte pode atuar como um agente de renovação, contribuindo para a construção de novas possibilidades de subjetivação e sobrevivência psíquica.

No caso de uma repetição, ela pode ser uma "tendência restitutiva" (Garcia-Roza, 2003, p. 92), de corrigir uma situação do passado, não se opondo ao princípio do prazer. Com isso, podemos pensar a compulsão à repetição "como uma espécie de mecanismo de domínio do excesso que engendrou o trauma" (El-Jaick, 2017, p. 25). Já um segundo entendimento da compulsão, a faceta da impossibilidade de simbolização, a qual Freud atribui então o caráter demoníaco ao fenômeno, aponta para um além do princípio do prazer (Hasky, 2016). Repetir o desagradável é uma das formas de expressão da pulsão de morte e é o que leva à sua postulação. Todavia, retomando o que Hasky (2016) destaca, essas duas formas de expressão da compulsão, embora pareçam contraditórias, não são auto excludentes, uma vez que são caminhos que tentam a simbolização, mas, o excesso pulsional nem sempre pode ser trabalhado suficientemente bem pela via da significação. Portanto, há esses dois desdobramentos para esse fenômeno.

A pulsão enquanto força que insiste é excesso para o psiquismo. Assim, para manejá-la, é necessário dar destinos a ela. A pulsão pode ter diversos destinos que levam a diferentes processos de subjetivação (Fortes, 2012). Como vimos anteriormente, Freud (1915/2010) elege quatro destinos possíveis: o recalque, a reversão ao seu contrário, o retorno em direção à própria pessoa e a sublimação. Assim, se a representação recalcada não é o único destino de uma pulsão, a simbolização não é o único trabalho psíquico possível (Fortes, 2012). A pulsão precisa escoar, mas não necessariamente este escoamento se une ao simbólico (Fortes, 2012). A força da pulsão impele ao trabalho, sua pressão impõe ao aparelho

psíquico que encontre uma forma de subjetivação – que não necessariamente a simbolização.

Nesse sentido de buscar por escoamento para o sofrimento causado pelo excesso pulsional, David-Ménard (2001) e Fortes (2012) destacam a positividade da pulsão de morte. Assim, a pulsão de morte apresenta duas facetas: a criativa e a destruidora. Ambas se referem ao combate no dualismo, mas quando Eros se funde com a pulsão de morte, a neutralizando parcialmente, possibilita a criação de novas ligações. Isso coloca a pulsão de morte num âmbito transformador, que gera renovação. Assim, ela pode ganhar um destino que propicie uma mudança – para que o psiquismo consiga escoar o sofrimento e encontrar novas maneiras de viver. Como no exemplo das brincadeiras infantis analisadas por Freud, o *Fort-Da* é uma tentativa de elaboração do sofrimento – "jogar sempre consiste em transformar sofrimentos em prazeres" (David-Ménard, 2001, p. 24) – mostrando a positividade que a pulsão de morte pode apresentar ao manejar o sofrimento.

Dessa forma, o sujeito pode ter tanto um impulso mortífero e destruidor quanto um criativo e transformador. Nesse sentido, esse destino será dado a partir da singularidade de cada um (Fortes, 2012). Assim, a teorização da compulsão à repetição talvez apresente o seu caráter mais paradoxal:

> Se a repetição nos torna doentes, é também ela que nos cura; se nos aprisiona e nos destrói, é ainda ela que nos liberta, dando, nos dois casos, o testemunho de sua potência "demoníaca". Todo tratamento é uma viagem ao fundo da repetição (Deleuze, 2006, p. 43).

Com isso, a repetição, ao se manifestar na análise, oferece a possibilidade de um trabalho de simbolização que confere significado e promove a subjetivação. Nesse contexto, a compulsão à repetição é vista como um imperativo psíquico: o de "tornar-se sujeito daquilo em que se foi assujeitado" (Roussillon, 1999, p. 106). No espaço analítico, a repetição e o trabalho do negativo não apenas podem resgatar conteúdos clivados, mas também favorecem o processo de transformação psíquica. O sofrimento, nesse sentido, torna-se um campo de trabalho criativo (Roussillon, 1999, 2001). O potencial transformador da pulsão de morte se manifesta na reorganização do psiquismo e na criação de novos significados para experiências anteriormente traumatizantes. Desse modo, o negativo deixa de ser apenas um operador destrutivo e assume um papel essencial no crescimento emocional e na constituição de uma subjetividade mais autêntica e integrada (Minerbo, 2013).

3.5 Glamourização do sofrimento

Diferente de uma romantização da catástrofe, na qual pode haver uma certa gratidão pela dor sofrida e o entendimento de que ela foi para um bem maior, um aprendizado, a beleza na dor aqui discutida se trata da própria força em sustentar *certas* dores para elaborá-las e se reconstruir a partir disso. Há uma diferença significativa entre sustentar uma relação abusiva, as dores dela e, por consequência, ir se autodestruindo, e sustentar a dor do desamparo e atravessar um processo longo e árduo de análise para não cair nas armadilhas da repetição de se submeter a um carrasco. Supomos que a diferença está nos efeitos da ação de sustentar uma dor.

Tomemos essa configuração de relacionamento como exemplo para nossa discussão. Como assinalam Oliveira, Ávila, Bastos e Vasconcelos (2016), existe uma linha tênue que é criada culturalmente entre a relação tóxica e a idealização do amor romântico. Sendo ela perigosa, uma vez que os resultados psicológicos, sexuais, morais, patrimoniais e/ou físicos do abuso são graves e devastadores.

> Um relacionamento abusivo é caracterizado pelo excesso de poder de uma pessoa sobre a outra dentro de um relacionamento afetivo, no qual um parceiro extremamente ciumento quer controlar as atitudes e decisões do outro, tentando isolá-lo do restante do mundo (Moreira, 2016).

A transformação da violência em romance, torna-o poético, aceitável, permitido e desejável (Oliveira et al., 2016). Entra-se em uma cultura que "sexualiza, perdoa, tolera e glorifica situações abusivas e a violência da vida real" (Oliveira et al., 2016). Quando o abuso é romantizado a ponto de parecer justificável, cria-se a percepção de que essa idealização é suficiente para ignorar a condição abusiva de um relacionamento, o que leva as pessoas a confundirem uma relação destrutiva com uma fantasia romântica.

Quando não há elaboração, repete-se. Culturalmente, mulheres não são ensinadas a questionar as ações do parceiro amoroso, mas a aceitar, desculpar, justificar e servir. A falta de questionamento e de provocação é solo fértil para uma repetição desenfreada. Assim, quando o analista proporciona um espaço que faz um furo na dinâmica do paciente, pode-se obter uma entrada em análise, ou a resistência a ela. Como veremos no capítulo seguinte, a resistência que se torna desistência ou, de alguma outra forma, empecilho para o andamento de uma análise pode estar associada ao masoquismo patológico. Por ora, precisamos ressaltar a importância da dor na análise. Assim, esperamos ter traçado brevemente aqui, na construção de

um masoquismo em sua positividade, a diferença entre ele e a romantização do sofrimento.

3.6 Sustentar a dor para sustentar a si mesmo

O que é uma análise?

> "Evidentemente, não teremos por objetivo refinar todas as especificidades humanas em benefício de uma normalidade esquemática ou até mesmo exigir que aquele que foi 'analisado em profundidade' não possa sentir paixões ou não desenvolva conflitos internos. A análise deve criar as condições psicológicas mais favoráveis para as funções do Eu; de tal modo, a sua tarefa estaria cumprida." (Freud, 1937/2021, p. 358).

Ao explicar o objetivo de uma análise, Freud propõe que a permanência de algum conflito e a possibilidade de sustentá-lo. Freud (1937/2021) aponta a força pulsional e a defesa do Eu como grandes obstáculos para a análise e, com isso, o trabalho do analista é árduo, sempre enfrentando resistências. A resolução duradoura de uma exigência pulsional não se refere ao seu desaparecimento, sendo isso impossível e indesejado (Freud, 1937/2021). Nesse sentido, a domação da pulsão estaria inclusa no objetivo de uma análise, isto é, a possibilidade de a pulsão ser acolhida em harmonia com o Eu, trilhando outros caminhos (Freud, 1937/2021). Somado a isso, Freud entende que o objetivo na análise é que o sujeito possa ter uma vida mental restituída à saúde, na qual possa transformar seu sofrimento em uma infelicidade comum e, assim, se armar melhor contra ela (Freud, 1895/1990). Em uma entrevista concedida a George Sylvester Viereck, Freud afirmou que "a psicanálise cria uma nova ordem para o labirinto onde estão perdidos certos impulsos, e tenta conduzi-los para o lugar ao qual pertencem. Ou, usando outra metáfora, ela é o fio que conduz o homem para fora do labirinto do seu próprio inconsciente" (Freud, 1930/1995, p. 95).

O processo de se deparar com partes inconscientes e fazer algo novo com elas é doloroso. É na análise que somos colocados de frente com nós mesmos, com nossas facetas, angústias, traumas, conteúdos inconscientes, desejos, objetos, pulsões, relação com o outro, enfim, tudo aquilo que compõe a nossa subjetividade. Para o bom neurótico, esconder-se de si mesmo é uma especialidade. Deparar-se consigo mesmo em análise, é deparar-se com tudo aquilo que tentou fugir até então.

Kehl descreve a análise em sua dureza ao dizer que

> O psicanalista não aconselha, não promove o ego de ninguém, não alivia (quase) nada [...]. No terreno do desejo, o sujeito é um eterno sem-teto: vive acampado, nômade, mudando sua tenda de cá para lá de acordo com os ventos e as chuvas [...].

> O efeito de uma análise é propiciar que se suporte desejar; ao sair de uma análise o sujeito deve ser capaz de se responsabilizar pela sua condição desejante (Kehl, 2007 apud Hasky, 2016).

Com base simplificada, uma vez que não é a proposta destrinchar aqui o que é uma análise, porém que acreditamos ser suficiente para a discussão, podemos pensar a necessidade do masoquismo e sua positividade no processo analítico. Freud (1926/2019) entende que, durante o processo analítico, a resistência que precisa ser superada vem do Eu, que se apega às suas defesas e contrainvestimentos. O Eu encontra dificuldades em dirigir sua atenção para ideias e percepções que, até então, ele havia evitado ou em reconhecer como próprios certos impulsos que contradizem sua imagem habitual. O trabalho contra a resistência, na análise, se baseia nessa compreensão: o objetivo é tornar a resistência consciente, esta que atua de forma inconsciente devido à sua ligação com o reprimido. Quando isso acontece, usamos argumentos lógicos para confrontá-la e recompensamos o Eu quando ele renuncia à resistência. Ainda assim, o Eu enfrenta dificuldades em reverter as repressões, mesmo quando tenta abandonar as resistências. Freud (1926/2019) chama de "elaboração" o esforço contínuo, o "exaustivo empenho" (p. 79), que se segue a essa decisão. Esse processo é necessário porque, mesmo após a superação da resistência consciente, resta ainda a força da compulsão à repetição, ou seja, o que Freud (126/2019) chama de resistência inconsciente.

Supomos que não seja incomum que em uma supervisão, quando o supervisionando está relatando um caso que parece não se movimentar para algum outro lugar, um paciente que parece mais resistente, que parece nada se implicar com sua análise, o supervisor diga: "mas ele continua voltando". Então, sim, talvez este paciente seja resistente, ou melhor dizendo, talvez seu analista não tenha sabido manejar sua resistência (Lacan, 1958/1998[17]), mas algo nele continua insistindo – da maneira que pode – se apresentando em análise – da maneira que consegue. Essa

[17] "[...] não há outra resistência à análise senão a do próprio analista (Lacan, 1958/1998, p. 601). A resistência ser sempre do analista (Lacan, 1955/2010, p. 308) é a proposta de Lacan para pensar que é obvio que o paciente será resistente, a novidade é o analista que se propõe a manejá-la para que o processo de análise possa ocorrer – ao invés de reclinar-se em sua poltrona apenas aceitando que o paciente é resistente e, portanto, nada pode fazer. Assim, é o analista que a provoca (Araújo, 2022. Recuperado de https://www.fauzyaraujo.com.br/post/a-resist%C3%AAncia-%C3%A9-do-analista-considera%C3%A7%C3%B5es-a-partir-de-uma-defini%C3%A7%C3%A3o-lacaniana, recuperado em 24 de novembro, 2024): "a resistência, no sentido em que vocês entendem, a saber uma resistência que resiste, só resiste porque vocês a pressionam" (Lacan, 1955, p. 308).

insistência pulsional que sustenta o desconforto do início de uma análise e da resistência psíquica dá-se por meio do masoquismo.

Como veremos melhor no capítulo seguinte, o masoquismo pode se apresentar como uma resistência à melhora e, portanto, à análise. Em contrapartida, a faceta dele trabalhada neste capítulo pode ser sua aliada. Quando falamos do fenômeno da repetição, ao pensar no que Freud (1920) trabalha em "Além do princípio do prazer", e seu caráter autodestrutivo que repete experiências sempre desagradáveis e a insistência no desprazer e no sofrimento, pensamos no que há de fundamental, isto é, não o fato de se repetir, mas o que se repete (Hasky, 2016). Se a análise busca sempre o "fundo falso" (Kehl, 2007 apud Hasky, 2016) do conteúdo, o que vai além do que é dito, o que se repete no que se repete é o que nos interessa. O que se repete *dentro* ou *por trás* das faltas constantes, dos atrasos, nos assuntos aparentemente banais, nos esquecimentos etc., é o que nos interessa enquanto analistas.

Ao pensar nas definições que compõe uma análise aqui trazidas, a análise carrega consigo uma certa dureza, mais especificamente, um desprazer, e sustentá-lo é essencial para que ela ocorra. Nesse sentido, precisamos ser capazes de sustentar a dor. Se o masoquista adoecido é capaz de sustentar o desprazer para seu mal, pode sustentá-lo para seu bem, ainda que esta segunda opção seja terrivelmente mais difícil para aquele que se autodestrói.

> "O masoquismo erógeno evidencia a ética da psicanálise, que não pensa o homem como um ser que quer o seu próprio bem" (Hasky, 2016, p. 87). Quando alguém inserido na sua dinâmica masoquista procura uma análise, sabemos a penosidade que é o trabalho. O sujeito amarrado à posição masoquista requer um trabalho violento e insistente, em análise, de ligação de Eros. Violento porque o labor requerido em análise para desconstruir e construir novas significações e criar novos circuitos para as pulsões demanda uma postura severa, forte e constante (na medida em que é possível em cada processo analítico) do analista e do analisando.
>
> Muitas vezes, é pelo sofrimento masoquista que um paciente procura uma análise; também é pela força do movimento masoquista que o paciente a abandona (entre outras razões). Na contramão, é pela função masoquista de suportar o desprazer que um paciente consegue sustentar os incômodos de uma análise, os quais advêm de sua própria dor. Assim, a sustentação da dor apresenta um caráter masoquista não autodestrutivo e guardião da vida.

Abrir mão do masoquismo implica em aceitar sua condição de desamparo e para isso, precisamos do masoquismo estruturante, para sustentar a dor do processo de se ver no espelho, de abraçar sua fragilidade humana. Logo, precisamos dele para atravessar o a dor e a delícia de se fazer uma análise, para aceitar, neste processo, "a dor e a delícia de ser o que é"[18].

Portanto, se o masoquismo assegura a "continuidade interna" (Rosenberg, 2003, p. 86), assegurando a duração e existência do psiquismo, também o faz – pode fazê-lo – por meio da análise. Permitindo não somente o início ou a sustentação do processo, mas a evolução, permitindo no detalhe que se aprofunde mais a cada sessão, com o tempo, que se sustente mais tempo de sessão, que se sustente o silêncio, o corte, o não saber, as provocações, e, no caso do masoquista, a melhora e até mesmo a escuta acolhedora do analista. O núcleo masoquista primário guarda a vida dentro de uma análise, possibilitando a sustentação da dor para sua travessia, indo em direção a movimentos de transformação.

3.7 *Turning Red*: honrar a si mesmo

"*Turning Red"* (ou "*Red*: crescer é uma fera", no Brasil) foi indicada à 95ª edição do Oscar na categoria "Melhor Animação de Longa Metragem" no ano de 2023. Com direção de Domee Shi e roteiro de Julia Cho e Domee Shi, a animação foi lançada em março em 2022 pela Walt Disney Pictures e pela Pixar Animation Studios.

A escolha de compor um capítulo com uma produção cinematográfica se dá para que possamos elucidar a teoria referente aos pontos aqui debatidos e servir de apoio aos estudos de quem lerá este trabalho. Já a escolha deste filme em específico se dá por dois motivos: o primeiro refere-se à narrativa apresentada, a qual nos dá margem para pensar dois caminhos possíveis para a personagem que muito dizem respeito ao que trabalhamos até aqui; o segundo vem do lugar do afeto, pensando que as animações do grupo Disney são para o público infantil e, ao mesmo tempo, para o público adulto, podendo divertir e emocionar as crianças e tocar na angústia mais profunda de um adulto. Não faria sentido, para quem escreve com afeto, não colocar um pouco dele aqui. Como pontua Ana Suy (2022, p. 15), o infantil pode

[18] Caetano Veloso. Dom de iludir. Compositor: Caetano Veloso. Ano de lançamento: 1977.

ser “o lugar em mim (talvez em você também) onde tocam as coisas que mais importam”.

A primeira fala do filme é de Mei, contanto a regra número um da família Lee: “honre os seus pais”:

> “Eles são os seres supremos que te deram a vida, que suaram e se sacrificaram tanto pra por um teto sobre sua cabeça, comida no seu prato, uma quantidade épica de comida. O mínimo que pode fazer para retribuir é... todas as coisas que eles pedirem! Claro que algumas pessoas dizem, honrar os seus pais parece ótimo, mas se levar isso a sério demais... bom, pode acabar não honrando a si mesmo. Por sorte, eu não tenho esse problema!”.

A história gira em torno de Meilin "Mei" Lee, uma adolescente sino-canadense de treze anos, vivendo em Toronto nos anos 2000. Mei é uma garota inteligente e contro(lada)dora, que se esforça para equilibrar suas responsabilidades na escola com o forte movimento de agradar sua mãe superprotetora, Ming. Mostrando ser confiante e boa em demasiado, nas primeiras cenas do filme podemos ver como outras pessoas ao redor de Mei se incomodam com seu jeito sabe-tudo. Mei diz já se considerar uma adulta que faz o que quer e quando quer, tentando se portar como tal. Para ela, tarefas de uma adolescente tornam-se tão importantes e indispensáveis quanto as de um adulto, como abrir mão de ir para o karaokê com as amigas para limpar a casa com a mãe todos os dias, sem exceção, ou fazer cálculos matemáticos a caminho da escola no ônibus, cercada por adultos ocupados com suas próprias rotinas.

Um lado não perfeito de Mei que se apresenta desde o início é o fato de amar seus amigos, se interessar por *boybands* e se interessar por meninos – lado não acolhido por sua mãe. Embora ame suas amigas, Mei não investe tanto nestas relações em detrimento da relação com Ming; bem como reprime o interesse por meninos e por uma vida social. Contudo, Mei e suas amigas compartilham a paixão pela “banda *4*Town*” e aqui começa a frustração de Mei com as idealizações e projeções da mãe. Ao tentar convencer seus pais de deixá-la ir ao show de uma banda de meninos com suas amigas, Ming nega prontamente o seu pedido, rejeitando qualquer situação que possa escapar do seu controle. Essa repressão e julgamento deixam Mei profundamente incomodada.

Podemos observar no início do filme, pré-aparecimento do panda, o quanto Mei se encontra desvitalizada. Sendo serva das regras da mãe, Mei trabalha incansavelmente para ser filha, aluna e amiga perfeita, a tal ponto que, com exceção da mãe, as pessoas que se cansam desse esforço enorme. Enredada em agradar a

mãe, Mei tenta abafar seus desejos próprios, os quais são rechaçados pela mãe, todavia, na passagem da infância para a adolescência, tem de se haver de alguma maneira com as pulsões que insistem. O ponto de virada que dá início à aventura da animação ocorre quando as pulsões de Mei ganham mais força. Mei, um certo dia, cede à atração que sentia por um menino, mas quando a mãe descobre, não só atravessa Mei nos seus novos prazeres e no descobrimento de novas experiências, como a constrange e a expõe para colegas de turma. Mei direciona a culpa para si mesma, briga consigo, sente que deixou escapar algo não-perfeito da faceta que tanto se esforçava para aperfeiçoar. Em vez de se irritar com sua mãe pela reação exagerada, invasiva e nada acolhedora, ela se culpa por ter deixado suas pulsões saírem do controle. Em seguida, tenta voltar ao eixo emocionalmente falando, promete que não fará algo como aquilo de novo e vai dormir. Durante a noite, Mei se transforma em um grande panda vermelho.

Turning Red é ser acometida por suas pulsões, perder o controle de si, perceber partes suas que não queria que existissem, mas também queria. Mei acorda como um panda vermelho, o qual acha feio, assustador e fedorento. A primeira reação da adolescente ao aparecimento do panda é tentar reprimi-lo e escondê-lo da mãe. Estando enquanto panda, esconde-se das pessoas, mas depois descobre que para fazer o monstro desaparecer e se tornar humana novamente – lê-se perfeita, sem divisões, sem furos –, Mei descobre que não pode sentir emoções com intensidade, tendendo a controlá-las, sejam as prazerosas, sejam as desprazerosas. Dessa maneira, basta perder a vitalidade que o panda desaparece.

Ela segue nesta dinâmica em prol de manter tudo como estava, mas, ao descobrir sobre o panda, sua mãe revela que se trata de uma característica herdada pelas mulheres da família. Todas as mulheres da família se tornam o panda em algum momento, mas realizam um ritual na noite de lua vermelha para tirar o panda delas e o esconder em uma pequena pedra, a qual carregam consigo a vida toda, como um pingente. Com isso, para se livrar definitivamente do panda, Mei precisaria realizar o mesmo ritual, em uma data específica, para prender o panda em uma pedra, não precisando se haver com ele mais. Ming, no entanto, faz um alerta: a filha deve evitar transformar-se em panda, pois quanto mais vezes Mei se transformar em panda, mais difícil seria prendê-lo na pedra depois, isto é, reprimi-lo.

Meilin segue as orientações da mãe, até que, aos poucos, vai experenciando satisfações por meio do panda. Propomos pensar o panda como as pulsões e, com elas, a agressividade que Meilin precisa se haver. O panda é isto que impulsiona Meilin a ser não-toda, ao que é feio, peludo, bagunçado, estranho, assustador, agressivo, mas, também, tão peludo que é macio e sua amiga gosta, tão estranho (diferente) que vira atração na escola, tão vermelho e grande que pode saltar distâncias muito maiores que a antiga Mei podia, tão agressivo que pode atender seus próprios desejos e não sucumbir às expectativas alheias – sobretudo às do superego materno.

Meilin passa a viver experiências prazerosas quando se transforma em panda, o que a faz querer repetir as experiências, transvestindo-se em panda diversas vezes, ignorando a advertência que a mãe lhe fez. Meilin deixa os impulsos agressivos saírem, saltando, rindo, se divertindo, amando. Com eles, ela deixa a bagunça existir, começa a se divertir, suas notas caem, passa a mentir para os pais e renuncia à imagem perfeita. Ganhando vitalidade, as amigas de Meilin, que permaneceram antes, embora incomodadas com as tentativas de Meilin ser completa, agora continuam ao seu lado celebrando mais a vida que nasce na amiga. No meio do caminho, Mei também percebe o lado agressivo do panda quando contrariado e os danos que pode causar a outras pessoas por causa da repressão. Mei vai conhecendo e tentando entender como lidar com cada expressão dos seus impulsos, a de caráter destrutivo ou criativo.

Com as constantes transformações do panda, os impulsos agressivos tornam-se mais fortes e, assim, o panda que repetidamente aparece insiste como uma pulsão (Garcia-Roza, 2003). Com isso, Meilin também encontra desafios, nos quais fere os amigos e a família e tem que se haver com eles. Com a oportunidade, Ming demoniza o panda, quase convencendo a filha a finalmente ceder aos seus comandos e, assim, aprisioná-lo. Mei, sentindo-se culpada por ter ferido pessoas, vendo as consequências, agora desprazerosas, da agressividade que havia posto para fora, encontra-se em um conflito entre prender o panda em uma pedra para sempre ou aceitar conviver com ele. Na angústia entre servir a si mesma e servir às vontades da mãe, Meilin precisa escolher entre uma vida desvitalizada e uma vitalizada. O que se destaca dessa experiência vital de Mei, enquanto passou um mês com o panda, é que ela põe a agressividade para fora e observa as consequências disso. Podemos observar sua própria reflexão quando ela e seu pai

conversam sobre a possibilidade de manter o panda, tendo um pai que lança luz sobre a criatividade desse panda. Meilin contrapõe que, ao mesmo tempo em que fez coisas que foram incômodas para alguns, ela viveu. Meilin se endereça para o ritual que abafaria o panda, mas, durante o processo, se rebela e quebra a pedra onde ele seria contido. Talvez seja possível dizer que Meilin entende algo crucial para uma neurose melhor dissolvida: desviar os impulsos destrutivos para fora lhe traz vitalidade, e, com ela, o saber de que a vida em sociedade propiciará represálias do mundo externo ao entrar em contato com a agressividade que é posta nele, mas, como salienta Caetano Veloso, "faz parte da dor e da delícia de ser o que é".

Nesse sentido, Meilin passa da infância para a adolescência, subvertendo a lógica do superego materno, lidando com seus próprios desejos, lidando com a agressividade. "[...] Somente através dos desligamentos, dos vazios, das divisões e das separações gerados pela pulsão de morte os processos de simbolização podem proliferar, se enriquecer e o psiquismo pode se complexificar" (Oliveira et al., 2016, p. 69).

Como Fortes (2012, p. 113) salienta, "a valorização da morte, no entanto, paradoxalmente conduz a um modo tonificante de conceber a vida". Nesse sentido, abraçar a destrutividade trouxe criatividade para Meilin. Eros, e sua tendência à ligação, neutraliza a pulsão de morte ao se fusionar com Tânatos. A agressividade, que poderia ter tomado caminhos tão diferentes para a menina, ganhou um caráter transformador. Assim, podemos afirmar que "morrer a nossa própria maneira é também viver a nossa própria maneira" (Fortes, 2012, p. 113). Mei honra a si mesma e escolhe manter seus impulsos sem reprimi-los, e, assim, eles se tornam menos destrutivos e mais transformadores.

3.7.1 Uma linha tênue entre os masoquismos

Mei vai renunciando à culpa e à submissão conforme vai virando o panda de novo e de novo, dando-lhe mais espaço e mais força. Ao abraçar suas pulsões, criativas ou destrutivas, Mei não é mais tomada por seu Supereu. Nesse sentido, destacamos aqui um masoquismo estruturante. Ao abraçar o sofrimento de ser quem é e de desapontar sua mãe interna e externa, Mei sustenta quem é e o que está se tornando. A personagem que é casa para o panda não se torna refém da culpa e da repressão e, com isso, não se torna serva de um outro.

Outro caminho possível seria o de reprimir o panda. Podemos imaginar como o psiquismo de Mei poderia ter lidado com os excessos a ponto de produzir sintoma, sobretudo, um sintoma autodestrutivo. Em contraponto, observamos uma resolução mais vitalizante na obra: a elaboração do excesso pulsional e das regras superegoicas que forçam para serem internalizadas. O excesso pulsional, que inicialmente se manifesta como agressividade na forma de panda, ganha, ao longo da narrativa, um caráter transformador no psiquismo de Mei. Nesse sentido, a partir do cenário em que a personagem se encontra, o caminho transformador tomado por ela poderia ter se dado de uma maneira completamente diferente, com uma pulsão de morte tomando maiores proporções. Enquanto Mei não fica presa aos ideais e cobranças do Supereu, ela o poderia ter feito e o Eu poderia ter se entregado e buscado as mais diversas punições. A forma como a história se desenrola mostra uma linha tênue ao lidar com a pulsão de morte, uma vez que o resultado foi transformador, mas que, fora da animação da *Disney*, pode tender a ser destrutivo. Este outro caminho poderia ter sido o masoquismo enquanto adoecimento.

Como vimos, o masoquismo guardião da vida – erógeno – impede que a descarga imediata gere uma ruptura na vida psíquica, sustentando a tensão. Todavia, quando esse movimento não é bem-sucedido e há uma ruptura no psiquismo, o masoquismo investido vem à tona no aparato. O masoquismo investido é, portanto, o masoquismo secundário.

4 O Masoquismo Enquanto Adoecimento

Até aqui, discutimos como Freud foi desenvolvendo as noções de pulsão e masoquismo pela sua teoria até a grande virada de 1920. Com essa base, chegamos aos três masoquismos discutidos por ele em 1924, no ensaio "O problema econômico do masoquismo". No capítulo anterior, revisitamos esse ensaio e estudamos o surgimento do primeiro masoquismo, sua função para o psiquismo, seus efeitos (estruturantes e transformadores) e como podemos pensar nesses aspectos para além da primeira fusão pulsional. Nesse capítulo [antecedente], também ressaltamos que o masoquismo erógeno é primário ao sadismo e que isso foi uma retificação do próprio Freud, o qual, em 1905, entendia ainda o sadismo como primário[19].

Neste capítulo, entenderemos como o masoquismo se dá de uma forma patológica, a sua relação com o dualismo pulsional e os efeitos disso no psiquismo e na vida do sujeito masoquista. Todavia, até aqui entendemos que o primeiro masoquismo não busca e não gera autodestruição. Assim, comecemos entendendo como surge o masoquismo em forma de adoecimento.

4.1 O surgimento do masoquismo secundário

Não retornaremos a explicar o masoquismo primário em seu detalhe, mas lembremos que o masoquismo surge a partir da primeira fusão entre Eros e Tânatos. Ainda na capacidade da libido de aglutinação, uma parte da pulsão de morte, posterior ao masoquismo primário (mas que não foi fusionada com Eros), é extraviada para o externo com a ajuda da musculatura (Freud, 1924/2011). Essa pulsão de morte direcionada para fora – na tentativa da libido de amortecer suas forças destrutivas – representa um movimento de externalização da agressividade, buscando um objeto externo como alvo para a destruição. No entanto, essa energia destrutiva não encontra uma expressão ilimitada. A cultura, por meio de suas normas, interditos e barreiras simbólicas, reprime a expressão direta dessa destrutividade voltada para o externo, levando a um retorno parcial dessa energia para o sujeito. Assim, enquanto o sadismo é agressividade voltada para fora que toma no externo algo como objeto, o masoquismo secundário é o retorno sobre a

[19] Como abordado no primeiro capítulo: o sadismo primário; e, no segundo: a sua retificação, o masoquismo como primário, seguido, somente então, pelo sadismo.

própria pessoa dessa agressividade e a própria pessoa que vira o objeto, ocorrendo assim a transformação do objetivo pulsional ativo (sadismo) em passivo (masoquismo) (Rosenberg, 2003). Esse retorno da agressividade é uma das forças constituintes do sadismo, que mantém um movimento ambivalente entre o desejo de destruição do outro e a implicação dessa destrutividade no próprio sujeito (Freud, 1924/2011).

Além disso, o sadismo pode ser compreendido como um ponto de convergência entre as pulsões de vida e de morte, como evidenciado na noção de pulsões fusionadas. A agressividade sadista, ao mesmo tempo que busca a destruição, depende da existência do outro como objeto, evidenciando a interação entre Eros e Tânatos. Essa interação no sadismo é evidenciada porque, embora a pulsão de morte seja a força primária que move o desejo de destruição, a manifestação do sadismo exige a presença de um objeto externo, o que implica a atuação de Eros. O princípio do sadismo não se limita à destruição absoluta; ele depende da manutenção do outro como objeto para que a agressividade tenha um alvo.

Eros, enquanto pulsão de vida, busca a preservação, o vínculo e a ligação com o outro. No contexto do sadismo, a ação destrutiva da pulsão de morte não aniquila completamente o objeto, mas o utiliza, mantém e até protege em certo grau, para que a relação sadista continue. Essa dinâmica sugere que as pulsões de vida e de morte não atuam isoladamente, como bem sabemos, mas se entrelaçam. No sadismo, o desejo de destruição (Tânatos) coexiste com o impulso de manter o vínculo (Eros), que assegura que o objeto da destruição continue existindo como alvo da agressividade.

Freud (1923/2011), ao discutir a relação entre as pulsões, indica que essas forças não são polaridades opostas que se anulam, mas sim aspectos complementares que podem operar em conjunto. Em sintonia com essa perspectiva, embora não seja nosso foco, Klein (1933/1991), ao investigar a dinâmica agressiva e amorosa nas relações de objeto, desenvolve essa ideia ao propor que, mesmo em impulsos destrutivos, há um vínculo fundamental com o objeto que sustenta a agressividade. Ela introduz o conceito de posição depressiva, que reflete o estado em que o sujeito começa a reconhecer o outro como um objeto total, capaz de conter aspectos bons e maus. Nesse contexto, Klein (1933/1991) destaca que, mesmo em impulsos destrutivos, há uma ligação essencial com o objeto, que não é

completamente aniquilado, mas preservado para sustentar o vínculo. Isso ressoa diretamente com a dinâmica descrita no sadismo, onde Tânatos manifesta a agressividade, mas Eros assegura a continuidade do objeto como alvo. Klein (1933/1991) também aponta que o vínculo agressivo pode servir como uma forma de reparação inconsciente. No contexto do sadismo, essa reparação pode ser entendida como o equilíbrio entre destruir e preservar o objeto, garantindo a continuidade do relacionamento agressivo. A partir disso, entendemos como uma dimensão relacional mais complexa, onde as pulsões de vida e de morte não apenas coexistem, mas influenciam mutuamente as dinâmicas interpessoais.

No sadismo, a fusão se manifesta de forma evidente, pois a pulsão de morte está subordinada a uma organização libidinal que preserva o objeto, possibilitando a continuidade da relação agressiva. Portanto, A interação entre as pulsões evidencia o caráter relacional do sadismo, que não é apenas a destruição do outro, mas a manutenção de um vínculo para que essa destruição seja exercida.

Freud, em "O problema econômico do masoquismo" (1924/2011), aponta que o sadismo é uma manifestação direta da pulsão de morte em sua forma externa. Nesse contexto, o sadismo não é apenas um fenômeno psíquico, mas também uma dinâmica relacional em que o sujeito busca alívio de suas próprias forças destrutivas ao destiná-las ao outro. Entretanto, esse processo é mediado pela civilização, que impõe limitações à destrutividade irrestrita. Para Freud, a civilização funciona como um sistema regulador das pulsões, transformando-as e gerando defesas. Como resultado, o sadismo é moldado tanto pela economia psíquica individual quanto pelos condicionantes culturais.

Freud (1930/2010), discorre que, com a civilização, houve a perda da felicidade em razão do sentimento de culpa em excesso agora vigente na sociedade. O sentimento de culpa se deve a dois fatores, sendo eles a internalização da agressividade e o medo da perda do amor da autoridade. O sujeito na civilização encontra no mecanismo de interiorização uma maneira de inibir sua agressividade, retornando à agressividade direcionada ao mundo externo agora para o Eu. A violência direcionada aos objetos externos volta-se para dentro. Nesse processo, a figura do Supereu surge e se torna representante do combate à agressividade (Fortes, 2012). Com isso, a culpabilidade é resultado da tensão entre as exigências do Supereu e os anseios do Eu, o qual reage com o sentimento de culpa. Com a

agressividade internalizada e voltada para o Eu, o sentimento de culpa decorrente disso dá vazão a necessidade de autopunição, na qual o Supereu castiga o eu.

Somado a isso, a cultura molda o sadismo não apenas ao reprimi-lo, mas também ao reorganizá-lo em expressões que se tornam socialmente aceitáveis ou legitimadas. A internalização de normas culturais faz com que o sadismo seja incorporado de maneira velada em dinâmicas de poder e dominação. Por exemplo, estruturas hierárquicas e relações de autoridade frequentemente perpetuam formas simbólicas de sadismo, onde a submissão do outro reforça o poder do sujeito. Essas dinâmicas podem gerar consequências significativas para o sujeito, tanto no exercício do sadismo quanto em sua experiência como alvo de agressividade.

Freud, em "O mal-estar na civilização" (1930/2011), observa que a civilização depende de mecanismos que regulam e redirecionam as pulsões destrutivas, promovendo sua sublimação em atividades compatíveis com a ordem social. No caso do sadismo, essas pulsões podem ser transmutadas em comportamentos que, embora aceitáveis ou até valorizados culturalmente, carregam o mesmo núcleo de agressividade. A internalização de normas culturais transforma essa força pulsional, tornando-a funcional dentro de estruturas sociais, como dinâmicas de poder e relações hierárquicas.

Em contextos organizacionais ou institucionais, a agressividade sadista frequentemente se manifesta de maneira simbólica. Relações de autoridade, por exemplo, muitas vezes perpetuam dinâmicas de dominação onde a submissão do outro reforça o poder do sujeito. Nessas interações, o exercício do poder pode funcionar como uma via de expressão para pulsões destrutivas, mascaradas pelo papel social do sujeito em uma posição de comando. Essa dinâmica é pode ser observada em ambientes corporativos, sistemas judiciais e instituições de ensino, onde as hierarquias frequentemente criam oportunidades para a perpetuação de microagressões ou humilhações sutis que satisfazem a pulsão agressiva de maneira culturalmente autorizada.

Han (2021), em "A Sociedade Paliativa", acrescenta uma camada contemporânea a essa análise ao discutir como a sociedade moderna, ao evitar confrontar diretamente a dor e a negatividade, transforma práticas sadistas em formas de controle mais suaves e invisíveis. Ele sugere que a dominação não se exerce mais por coerção explícita, mas por meio de estruturas que envolvem o outro em uma teia de autoexploração. Por exemplo, o mercado de trabalho

contemporâneo, com suas exigências de produtividade e meritocracia, opera como um campo onde o sujeito muitas vezes exerce o sadismo contra si mesmo, internalizando a lógica do desempenho como uma obrigação contínua. Alguns desses casos chegam na clínica do analista nomeados já, pelo paciente ou por terceiros, como Síndrome de Burnout[20], na qual a cobrança por produtividade, a excelência, a servidão, o destaque e, em alguns casos, até o assédio moral são internalizados na forma superegoica levando a pessoa à exaustão.

Nesse sentido, a cultura moderna, ao moldar o sadismo, cria mecanismos que perpetuam o sofrimento psíquico. A repressão pulsional, essencial à vida coletiva, tende a gerar mal-estar no sujeito, pois as pulsões redirecionadas ou sublimadas nunca desaparecem completamente, permanecendo como fontes de tensão interna (Freud, 1930/2011). Han (2021) complementa essa ideia ao sugerir que a negação contemporânea da negatividade intensifica a alienação e reduz a capacidade dos sujeitos de enfrentarem os aspectos conflituosos e destrutivos de seu próprio psiquismo. Assim, o sadismo, ainda que disfarçado em práticas culturais legitimadas, continua a operar.

Isso não vem da sociedade produtiva do século 21. O masoquismo sempre foi cultural nas alianças hierárquicas tradicionais que impunham uma posição de servidão. Todavia, "o declínio da figura paterna de autoridade levou ao imperativo de gozo" (Fortes, 2012, p. 123) que se traduz em não ser mais necessário oferecer obediência a um poder superior hierarquicamente, então, o sujeito, em um novo arranjo social, se oferece por vontade e imposição próprias aos seus pares nas suas relações (Fortes, 2012). Isso acontece porque, com a queda da sociedade tradicional de hierarquias, o sujeito se encontra de frente com o desamparo – sem um outro autoritário – e passa a colocar em posição de submissão para as pessoas com quem antes não tinha nenhuma relação hierárquica, apenas fraterna. Desse modo, a servidão não desaparece com o desmoronamento das alianças hierárquicas tradicionais, a valer, ela se torna mais periculosa, pois torna o gozo um dever individual (Fortes, 2012). Veremos mais adiante o quanto o desamparo pode guiar os movimentos masoquistas, mas, por ora, destacamos que é no laço com o outro que o sujeito se constitui, a partir das marcas pulsionais que traçam sua subjetividade. Assim, no contexto cultural, a repressão das pulsões destrutivas é

[20] A Síndrome de Burnout, descrita por Freudenberger (1974), é um estado de esgotamento físico e psíquico ligado ao excesso de trabalho – sendo uma condição marcada por exaustão emocional.

essencial para a manutenção da civilização. Freud (1930/2011) observa que a cultura exige a renúncia de certas satisfações pulsionais, especialmente as de caráter agressivo, em favor da vida coletiva.

Assim, se a repressão, no entanto, não elimina a agressividade; ela a redireciona. Quando essa energia não encontra um destino adequado para aquele sujeito, isto é, que minimamente permita com que ele possa direcionar sua pulsão para algum lugar e se haver com ela, pode retornar ao sujeito como sistema de culpa e punição e desenvolver-se em formas destrutivas patológicas, isto é, o sadismo direcionado para fora, mas rejeitado pelo externo, pode voltar para dentro, para o Eu, e que, embora não necessariamente, pode então se tornar um masoquismo propriamente dito. Assim, surge a agressividade contra si mesmo, o masoquismo secundário.

4.2 Masoquismo mortífero

Ao trabalharmos, ao longo do capítulo anterior, o masoquismo erógeno primário e sua função guardadora da vida, iniciamos implicitamente a discussão do seu contrário, o masoquismo mortífero. Como vimos, para o masoquismo, em sua positividade, existir e abrir espaço para transformação e reconstrução, Eros precisa neutralizar Tânatos na intrincação. A destruição começa quando a pulsão de vida perde a luta constante com a pulsão de morte, isto é, quando há desfusão, a pulsão de morte ganha maiores proporções, estando em seu estado "puro". Dessa forma, é a partir do resultado dessas constantes batalhas entre as pulsões duais que se faz terreno para a construção teórica da força destruidora que leva ao adoecimento psíquico observada no sujeito.

A força pulsional abre espaço para a "falência da solução representacional em casos marcados pelo excesso e pelo traumático" (Hasky, 2016, p. 51). Em 1920, Freud redefine o que é traumático, redirecionando como o processo é gerado no aparelho psíquico. É por meio da reflexão sobre o trauma que Freud (1920/2020) se aproxima da conceituação da pulsão de morte. Ao descrever processo primário e secundário, e energia livre e ligada, Freud (1920/2020) explica como excitações podem ser suficientemente intensas a ponto de romper a camada protetora do aparelho psíquico, sendo, então, excitações traumáticas. O psiquismo necessita de um escudo protetor contra estímulos, para evitar sua destruição. Para isso, tem uma barreira que o protege contra quantidades excessivas de energia. O trauma se dá

quando há uma ruptura nesse escudo protetor, devido à hiper estimulação de energias muito intensas e em pouco espaço de tempo (no qual o psiquismo não pode se preparar para o evento excessivo). Esse excesso – traumático – coloca o princípio de prazer fora de ação e é também ele, um susto ao aparelho psíquico e uma energia não ligada, que é terreno para uma compulsão à repetição. Dessa forma, o trauma é fundamental na discussão da pulsão de morte, pois expõe o psiquismo a um choque que o desorganiza. Freud (1920/2020) redefine o trauma não mais como algo essencialmente ligado ao conteúdo do evento, mas como uma falha no escudo protetor do aparelho psíquico diante de estímulos excessivos. Assim, o trauma também deixa de ser definido por seu conteúdo – como na via da representação –, sendo agora energia que excede, energia não ligada e que, portanto, é mais um abalo ao recurso da interpretação e do representacional, escancarando a força pulsional. É nesse ponto que o princípio de prazer é subjugado, sendo incapaz de regular a dinâmica psíquica. Como aponta Hasky (2016), "o excesso traumático escancara a força destrutiva da pulsão, impossibilitando a ligação simbólica e intensificando a compulsão à repetição" (p. 51). A pulsão destrutiva rompe a rede de significantes do psiquismo, instaurando o vazio e o colapso representacional (Oliveira et al., 2016). Assim, o trauma fragmenta o sujeito, evidenciando a incapacidade da representação psíquica de abarcar plenamente a intensidade e o impacto do real da pulsão (Oliveira et al., 2016).

A pulsão de morte se manifesta como uma negatividade irredutível, que resiste à simbolização e desafia as funções organizadoras do aparelho psíquico (Safatle, 2006). Green (1988) descreve o estado "morto-vivo" como a expressão última da destrutividade da pulsão de morte: um colapso da vitalidade psíquica que é acompanhado pela retração dos investimentos libidinais e pela dissolução das ligações. Portanto, ao pensar na pulsão de morte como excesso traumático e energia disruptiva, percebe-se como ela desestrutura o aparelho psíquico e compromete a organização subjetiva. Essa negatividade não apenas desorganiza, mas também ameaça a própria continuidade do sujeito como unidade psíquica. Esse movimento, em sua forma mais pura, é o que fornece a base para o desenvolvimento do masoquismo patológico, cujas dinâmicas e manifestações serão abordadas na sequência deste trabalho.

Freud, em 1915, entende que "a meta de um instinto é sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte do

instinto" (Freud, 1915/2010, p. 33), sendo ela sempre parcial. No entanto, no caso do masoquismo erógeno, considerando a pulsão de morte, trata-se de não satisfazer essa pulsão. O masoquismo erógeno é posto por Freud como o meio de não realizar diretamente a satisfação da destrutividade. Como Rosenberg (2001) aponta, antes de 1920 e 1924, o masoquismo era uma outra via de satisfação libidinal, mas depois se tornou o único meio para impedir a satisfação da pulsão de morte, uma vez que coloca masoquismo erógeno e intrincação pulsional como o mesmo fenômeno. Diferentemente de outros mecanismos de defesa, ele não é um meio de impedimento da satisfação direta da pulsão, mas o que permite uma satisfação indireta pela via sintomática. Assim, para o masoquismo impedir a satisfação de uma pulsão, ele se volta para outra pulsão (Rosenberg, 2003).

A partir do desligamento do excesso pulsional, a pulsão de morte passa a reinar e, como vimos, nesse cenário, a dor e o desprazer são alvos dessa pulsão. Dessa forma, Rosenberg (2003) discorre a passagem do masoquismo guardião da vida para o masoquismo mortífero. Em termos da psicopatologia no masoquismo, quando ele não mais impede a satisfação direta da pulsão de morte, mas se aplica a ela, o masoquismo passa a ser destrutivo. Quando a pulsão de morte assume maior intensidade, podemos pensar nos quadros de violência psíquica (Gantheret, 1980; Ricci, 1977; Costa, 1986). No masoquismo, há algo da ordem do perigo, isto é, o desprazer pode acabar impedindo a satisfação das necessidades vitais e assim que põem a vida em risco (Rosenberg, 2003) diretamente relacionado à morte ou a constituir uma vida mortificada.

"O masoquismo mortífero é um masoquismo que deu certo demais" (Rosenberg, 2003). Rosenberg destaca seis definições do masoquismo mortífero. A primeira diz respeito ao investimento masoquista do sujeito no sofrimento e na sua própria destruição. A segunda, que explica melhor a primeira, entende o masoquismo como esse movimento que encontra prazer na dor a tal ponto que certas dores passam (quase) ilesas, como nos casos de automutilação em que o sujeito não sente a dor do corte, mas sim o prazer – o qual é geralmente relacionado a não sentir a dor emocional. Assim, sua segunda definição percebe o masoquismo como o prazer da tensão mais evidente e buscado do que o prazer da descarga

(satisfação libidinal objetal[21]). Assim, diferente do masoquismo erógeno que não impede a descarga, o mortífero, sim. Com isso, o masoquismo patológico configura-se como o investimento na tensão.

Para a terceira definição, Rosenberg pensa no psiquismo a partir de suas relações objetais e na descarga relacionada ao objeto, portanto, a descarga seria a satisfação libidinal objetal. Se o masoquismo mortífero abandona essa satisfação, também o faz para com o objeto. Todavia, não há vida e vida psíquica sem objeto, logo, sua terceira definição é o abandono progressivo do objeto, tornando-se "letal" (Rosenberg, 2003, p. 110).

Sua quarta definição é referente ao movimento de paralisar o funcionamento de amansamento da libido, feito pela pulsão de morte. Assim, enquanto no masoquismo estruturante, Eros contém Tânatos, no masoquismo destrutivo, Tânatos contém Eros e, portanto, contém a autopreservação. A quinta definição, como destacada por Rosenberg (2003), a mais fundamental, refere-se ao masoquismo em seu extremo como tendência a anular o mecanismo de projeção e, assim, a relação de objeto, ratificando a destruição interna. Sem a possibilidade de projetar seus impulsos, o masoquismo guardião da vida torna-se masoquismo mortífero. Rosenberg (2003) destaca a importância do sadismo na diferenciação entre os dois masoquismos. No mortífero, o sadismo não se configura apenas como a serviço da pulsão, como vinha sendo pensado por Freud até a grande virada, mas um sadismo ligado à "pulsão de destruição, a pulsão de apossar-se e a vontade de poder" (Freud, 1924/2011, p. 291). Freud, 1924/2010, descreve o sadismo nesse contexto como um componente ativo que se desdobra na dinâmica do masoquismo mortífero. Nessa lógica, o sadismo não mais atua apenas como uma manifestação da pulsão de morte, mas como um elemento que amplifica a destrutividade, transformando o masoquismo em um mecanismo de autossabotagem radical. No contexto do sadomasoquismo moral, o sadismo é preponderante devido à sua função na economia pulsional: ao ser projetado, equilibra as forças destrutivas do masoquismo. No entanto, uma inversão ocorre quando há uma introjeção massiva do sadismo, transformando-o em um elemento interno que intensifica a

[21] Rosenberg (2003), a partir de Freud, entende o sadismo como masoquismo projetado, isto é, o que é direcionado para o externo não é a pulsão de morte pura, mas o masoquismo (a pulsão de morte já ligada). Com isso, o masoquismo projetado (sadismo) o faz por meio de um objeto e pode obter satisfação libidinal objetal. Dessa forma, sem objeto, se isola o Eu e se obtém a configuração mortífera.

destrutividade do masoquismo, levando-o a se tornar mortífero. Como sexta definição do masoquismo, isso reflete a importância do sadismo como defesa contra o próprio masoquismo e, sobretudo, contra sua potencialidade mortífera, onde o predomínio do sadismo sobre o masoquismo, nos casos "neurótico-normal" (Rosenberg, 2003, p. 111), pode explicar por que Freud considerou o sadismo primário em relação ao masoquismo.

Diante disso, a introjeção do sadismo não necessariamente o transforma em masoquismo secundário (Rosenberg, 2003). Assim, essa introjeção pode, primeiramente, transformá-lo em um autosadismo, com outras consequências para o Eu. Como veremos mais adiante, a culpa é um motor para o retorno do sadismo contra a própria pessoa, gerando o autosadismo. Para Rosenberg (2003), o autosadismo é o ponto de partida da culpa e o masoquismo ocorre, enfim, quando ela regressa, se ressexualizando.

Com essas definições em mente, é possível entender como o masoquismo mortífero opera não apenas como um elemento de adoecimento psíquico, mas como um mecanismo que transforma a dor e o sofrimento em finalidades em si mesmas. O que entendemos por masoquismo secundário – patológico, mortífero – são as outras duas modalidades que Freud (19241911) nomeia: masoquismo moral e masoquismo feminino. Vamos agora entender cada um separadamente, entendendo sua dinâmica, sua forma de aparentar no sujeito e as noções que o costuram.

4.3 Masoquismo moral

"Uma norma de conduta de vida (*behaviour*)": é assim que Freud (1924, p. 168) primeiro introduz e define o masoquismo moral em seu ensaio, "O problema econômico do masoquismo", e é tomado por ele como o mais importante das três formas. O masoquismo moral chama a atenção porque sua condição se dá no sofrimento pelo sofrimento, não precisando este ser causado por uma pessoa amada. Assim, não faz diferença quem infringe o sofrimento nesta forma de masoquismo, mas, sim, apenas o sofrer.

Então, de onde vem o sofrimento? Pode vir da pessoa amada ou um outro qualquer, bem como pode ser causado por "poderes ou circunstâncias impessoais" (Freud, 1924, p. 173). Esse "outro" pode ser mais bem esclarecido para nós com o auxílio da noção de Outro em Lacan. O Grande Outro é uma das noções centrais de sua teoria, vinculada à ordem do simbólico e à linguagem. Ele define o Grande

Outro como “o lugar onde o discurso se inscreve” e “o tesouro dos significantes” (Lacan, 1953/1998, p. 321), ou seja, a instância que organiza o campo simbólico e onde se constituem as leis e as regras que regem o sujeito e sua relação com o desejo. Para Lacan, o Grande Outro é uma alteridade radical, um lugar que está sempre “fora” do sujeito, mas que determina sua subjetividade ao fornecer os significantes necessários para que ele se posicione no mundo. Como explica Lacan em “O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”, o Grande Outro é também o lugar onde o sujeito busca reconhecimento e onde seu desejo é articulado, funcionando como “a ordem que antecede e estrutura o próprio sujeito” (Lacan, 1963-1964/1985, p. 235). Assim, ele não é uma entidade concreta, mas uma instância simbólica que regula a linguagem e as leis do inconsciente. Está referido à instância simbólica que estrutura a linguagem, as normas e as leis que organizam o desejo e a subjetividade do sujeito. Segundo Fink (1997, p. 52), o Grande Outro é “o lugar de onde a fala é proferida, mas que nunca é diretamente ocupado por ninguém em particular”, representando a alteridade radical e o tesouro dos significantes que precedem o sujeito. Dylan Evans (1996) complementa essa definição, destacando que o Grande Outro funciona como um reservatório da linguagem e da cultura, onde o sujeito encontra os significantes que sustentam sua identidade. Žižek (1989) amplia a ideia ao situar o Grande Outro como o suporte simbólico que regula a realidade social e o desejo, incorporando as expectativas que moldam o sujeito. Assim, o Grande Outro não é uma entidade concreta, mas uma estrutura simbólica fundamental para a constituição da subjetividade e para o funcionamento do laço social. Com isso, não queremos misturar duas linhas teóricas e entrar nos seus por menores, porém acreditamos que, pedagogicamente, o Outro de Lacan ajuda a elucidar mais ricamente esse outro impessoal no masoquismo moral.

Retomando, é nesse sentido que a frase clássica do Freud se refere: “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada” (Freud, 1924, p. 173) – com tanto que apanhe, não importa tanto de quem ou de onde vem. Com isso, o sofrimento pode ser interpretado pela pessoa como resultado de forças malignas do acaso e do destino, sem que ele reconheça que a verdadeira origem da dor não está no mundo externo, mas em si mesmo. Nesse sentido, mais do que ter um sofrimento infligido pelo outro, o masoquista se oferece como cobaia.

O masoquismo moral, nesse sentido, não aparece diretamente na relação com o outro, como veremos no masoquismo feminino. O masoquista, aqui, se entrega ao sofrimento na vida. É a pessoa que se atrapalha, se pune, se sabota, nas relações sociais, na carreira, na própria saúde física ou emocional, na vida financeira etc. Assim, não se coloca como servo de um outro amado, mas como podendo ser sofredor de qualquer coisa. O masoquista busca seu próprio mal e foge de seu próprio bem. Assim, por exemplo, mesmo querendo passar para medicina, com movimentos inconscientes, perde o interesse nos estudos e não consegue mais ter foco e atenção na rotina diária de estudos no pré-vestibular. Mesmo querendo passar na prova, conseguindo estudar com dedicação, o bacharel em direito sempre se atrapalha durante a prova e reprova no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), simplesmente confundindo as respostas, as quais tinha conhecimento[22]. O estrago do movimento masoquista pode ser grandioso, mas seus movimentos são sutis. O masoquista disfarça que se atrapalha, para si mesmo, enquanto se causa os piores maus.

O masoquismo tem dois principais pontos: sentimento de culpa inconsciente, que teoricamente se desdobra em uma necessidade de punição, e a reação terapêutica negativa. O primeiro ponto, por sua vez, está atrelado ao Supereu e à sua função de consciência moral, enquanto o segundo ponto está atrelado ao primeiro. Nesse sentido, aprofundemos nas noções que compõem o masoquismo moral.

4.3.1 Culpa e masoquismo

Embora os masoquismos moral e feminino se expressem de maneiras diferentes, ambos são regidos pelo mecanismo da culpa. Sabemos que parte da pulsão de morte é direcionada para fora, mas que essa agressividade pode e será rejeitada pela civilização. Assim, a saída que o psiquismo pode encontrar é interiorizar essa pulsão, redirecionando-a para o Eu. Nesse movimento, surge o Supereu, o representante do externo que rejeitou a agressividade. Em 1930, no ensaio “Mal-estar na civilização”, Freud debruça-se sobre a origem da consciência moral e do sentimento de culpa e, tendo como base a segunda teoria pulsional,

[22] Não necessariamente esses exemplos dizem respeito a um masoquismo. Aqui fizemos um recorte, um dos possíveis olhares para situações como essas, a título de exemplo.

entende que o sentimento de culpa advém da internalização da agressividade e do medo da perda do amor da autoridade.

A culpa surge no conflito entre as exigências supergóicas e os anseios do Eu, este que passa a se encontrar enlaçado no sentimento de culpa quando não atende às exigências criteriosas do Supereu. Assim, o Eu fecha-se para o Isso, devido à repressão, e se mantém à disposição para o Supereu (Freud, 1926/2019b). "O Eu, que, por um lado, sabe-se inocente, deve, por outro lado, perceber que tem um sentimento de culpa e carregar uma responsabilidade que não pode explicar para si mesmo" (Freud, 1926/2019b, p. 40).

Desta forma, o sentimento de culpa inconsciente aparece como necessidade de punição, uma vez que é uma resposta egóica de internalização da agressividade devido às exigências severas do Supereu, este que castiga o Eu por meio da consciência moral. A autoridade faz parte da constituição desse esquema, visto que ele obtém este poder sobre o Eu de tal maneira que, ainda que o Eu não faça algo de errado de acordo com as normas superegóicas, mas apenas deseje, é suficiente para que sinta a culpa e a necessidade de ser punido por aquele que o vigia e que tudo sabe. O Supereu assume o papel similar a algumas interpretações do deus bíblico – onipotente, onipresente e onisciente – que, sobretudo no velho testamento, é bastante punitivo com tudo e todos que o desobedecem:

> "Se, porém, não obedeceres à voz do Senhor, teu Deus, nem cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições e te alcançarão. Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo. Maldito o teu cesto e a tua amassadeira. Maldito o fruto do teu ventre e o fruto da tua terra, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares e maldito serás ao saíres. O Senhor enviará sobre ti maldição, confusão e vergonha em tudo o que empreenderes, até que sejas destruído e repentinamente pereças, por causa da maldade das tuas obras, com que me abandonaste" (Deuteronômio, 28:15-20, Bíblia Sagrada Cristã);

Ou que simplesmente pensam em desobedecer: "ouvistes que foi dito: 'Não cometerás adultério'. Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher com intenção impura no coração já cometeu adultério com ela" (Mateus 5:27-28, Bíblia Sagrada Cristã). Assim, o Supereu ganha poderes sobre o Eu, o qual é colocado no seu lugar de servo e de inferior perante tamanha autoridade.

Por que o Supereu ganha tanto poder? O Supereu é a internalização das figuras parentais que, por meio dele, assumem um caráter extremamente punitivo. A criança é atravessada pelos pais, que a educam e mandam nela, o que se traduz em provas de amor, e a ameaçam de castigo, que provoca nela o medo da perda

desse amor. Como Freud (1933/2010) sinaliza, isso leva a angústia moral, que abre espaço para o processo no qual ela internaliza e, assim, o Supereu assume o papel dos pais, vigiando, mandando, ameaçando e punindo.

Essas figuras pertencem ao mundo externo e terão representações suas na realidade, estando mais próximos e parecidos com as figuras parentais ou não. A partir disso, o que iniciou como poder parental agora torna-se o destino. Com isso, um certo poder impessoal na realidade consegue substituir o poder parental. Quando um problema parece ter acontecido de forma aleatória, por coincidência infeliz da vida, é, na verdade, nestes casos, o movimento dessa necessidade de punição a partir do Supereu parental e sua consciência moral. O masoquista obedece a essas figuras parentais internalizadas e provoca o próprio castigo por meio do representante parental – o destino –, vendo-se obrigado a se atrapalhar na vida e causar seu próprio mal (Freud, 1924/2011).

Como salienta Fortes (2012), agir de acordo com a consciência moral não é suficiente para deixar a pessoa em paz, afinal, a pulsão de morte é anterior à consciência moral. Se a consciência moral tivesse o papel de primeira organizadora da cultura, não haveria algo anterior a ela para conflitar. Todavia, uma vez que houve uma pulsão que insiste, mas que foi renunciada pelo Eu para atender ao Supereu, o conflito se inicia, causando a insatisfação.

No masoquismo, há a culpa *investida*, a qual distinguiremos da culpa em casos não circunscritos no masoquismo (Rosenberg, 2003). Nele, o sujeito busca desobedecer para que possa ser punido, mas o faz sem saber e atribui as consequências de sua busca pelo sofrimento ao destino e à má sorte. Segundo Freud,

> A fim de provocar o castigo por este representante dos pais, o masoquista tem de fazer coisas inadequadas, de agir contra seus próprios interesses, arruinando as perspectivas que para ele se abrem no mundo real e, eventualmente, destruindo a sua própria existência real (Freud, 1924/2011, p. 178).

Em muitos sujeitos, podemos observar atos de pura crueldade consigo mesmo, como sinaliza Freud, esses movimentos perpassam pelo Supereu (1923/2011, p. 48): “o ideal do eu exibe uma severidade especial, muitas vezes enfurecendo-se com o Eu de uma forma cruel”. Embora o Supereu provoque essas crueldades, o Eu está mais entrelaçado no movimento da punição no caso do masoquismo. Nesse sentido, precisamos traçar uma diferença entre a culpa e a culpa específica do masoquismo. Como Freud (1924) pontua, a culpa é o motor para a consciência moral ser posta como autoridade sádica, a qual o Eu se submete; já no

masoquismo, a culpa incide no masoquismo do Eu, que não se submete aos castigos Supereu, mas que, de fato, busca por punição seja do Supereu ou advinda do externo. No segundo caso, o Eu extrai uma satisfação ao buscar por uma punição. Assim, é uma satisfação patológica que "consiste em castigar a si mesmo, humilhar-se, acusar-se, desprezar-se. Indubitavelmente é uma satisfação masoquista, e trata-se sem dúvida de masoquismo moral" (Rosenberg, 2003, p. 46). Na culpa não circunscrita no masoquismo, a satisfação é libidinal e ela [culpa] aparece após a satisfação (cometer um pecado ou imaginar-se cometendo, movido pela pulsão, e depois sentir culpa pela desobediência). Já no masoquismo, a satisfação está na culpa, é o sentimento de culpa investido (Rosenberg, 2003). Com isso, precisamos destacar que o masoquismo não pode ser definido pela transformação do sadismo em masoquismo, pois o que há de fundamental nele é a culpa erotizada. Nesse sentido, com a culpa investida, buscar a cura torna-se inviável a priori:

> A satisfação desse sentimento de culpa inconsciente é talvez o mais poderoso bastião da "vantagem da doença" (vantagem normalmente composta), da soma das forças que lutam contra o restabelecimento e não querem renunciar ao estado doentio; o sofrimento que acompanha a neurose é justamente o fator que a torna valiosa para a tendência masoquista (Freud, 1924, p. 174).

Ademais, o masoquismo pode ser compreendido como uma falha na organização neurótica que impede o sujeito de lidar adequadamente com a culpa, levando-o a investir masoquistamente nela (Rosenberg, 2003). Esse processo está intrinsecamente ligado à revivência do complexo de Édipo, no qual o Supereu assume a posição de uma representação internalizada da figura do pai. No sujeito que não desenvolve tendências masoquistas, a culpa não é completamente resolvida, mas pode ser manejada de forma que não impeça o funcionamento psíquico não autodestruitivo. O masoquismo, por outro lado, representa uma falha nesse manejo, onde a culpa se torna um objeto de investimento libidinal e fonte de sofrimento repetitivo. Esse movimento está ligado a uma certa revivência do complexo de Édipo, em que o Supereu assume uma posição de severidade exacerbada, representando a figura do pai como uma autoridade crítica e punitiva.

Na dinâmica neurótica típica, a angústia de castração gerada pelo Édipo é parcialmente elaborada, permitindo ao sujeito lidar com a culpa de forma menos destrutiva. Entretanto, no masoquismo, a dificuldade em simbolizar essa culpa resulta em um ciclo autodestrutivo: o sujeito busca sofrimento causado pela punição

do Supereu, punição esta que é experimentada como uma forma de expiação que reforça o ciclo de dor e prazer.

"O masoquismo 'finge' para manter a aparência da neurose pela aparência de uma culpa (pós)-edipiana" (Rosenberg, 2003, p. 50). Se a neurose é o que torna possível ao sujeito suportar a culpa do desejo por meio dos seus sintomas, uma falha ocorre quando não possibilita ao sujeito suportar sua culpa. Assim, como pontua Rosenberg (2003), a solução é investir masoquistamente na culpa, fazendo com que fique suportável pela via da erotização. Como estamos estudando, o resultado desse processo é um ciclo autodestrutivo em que a culpa não é apenas tolerada, mas investida inconscientemente. Essa falha na organização neurótica revela o quanto o masoquismo pode ser compreendido como uma patologia, tornando-se um veículo de sofrimento contínuo para o sujeito.

Somado a isso, faz parte do masoquismo ser inconsciente para a pessoa e, por isso, ela entende como ações do destino ou má sorte. "[...] Só há masoquismo moral enquanto o artifício masoquista for mantido" (Rosenberg, 2003, p. 51), ou seja, enquanto uma aparência não masoquista é guardada – o movimento de busca por punição e satisfação com ela é velado. Além disso, a própria culpa é disfarçada, visto que o paciente não se sente culpado, mas doente. Todavia, ainda que doente, o masoquista faz a manutenção da doença e resiste à cura, mesmo que esteja em tratamento – isso é o que Freud entende como reação terapêutica negativa.

4.3.2 Reação terapêutica negativa

Como aponta Rosenberg (2003), a reação terapêutica negativa em sua forma mais branda é inerente ao processo da análise, podendo ir até sua forma mais aguda e masoquista. Como Freud (1924, p. 174) sinaliza, a reação terapêutica negativa é "uma das mais sérias resistências e o maior perigo para o êxito" das intervenções de uma análise e, consequentemente, na melhora do sintoma. Movida pelo sentimento de culpa, a reação terapêutica negativa se expressa na sua atitude contrária aos efeitos da análise pessoal. Ela refere-se ao paciente que apresenta uma piora no quadro conforme a análise avança, ao invés de melhorar, opondo-se ao menor sinal de uma melhora. Freud (1923/2011) observa que certos indivíduos não apenas demonstram uma dificuldade em tolerar elogios e reconhecimento, mas também reagem de maneira contrária aos avanços na terapia. Para esses pacientes, os progressos que, em outros casos, resultariam em alívio ou melhora temporária,

frequentemente provocam um agravamento do sofrimento, levando-os a piorar durante o tratamento, em vez de apresentar progresso.

Uma pessoa que começa a análise trabalhando intensamente, investida no processo, pode, *de repente*, recuar. Esse "de repente" é o detalhe que não pode passar despercebido ou disfarçado. Imagine um sujeito que busca a análise porque está frustrado com como sua carreira profissional não progride, buscando a análise para tratar sua tristeza profunda ou depressão previamente diagnosticada. No decorrer, descobre que não veio tratar a depressão, mas que, sem perceber, vem produzindo seu fracasso profissional[23]. Questões vão surgindo daí, sua história, suas construções, seus ideais, sua culpa, seu Supereu, seus traumas, seu desejo etc. O paciente aqui pode já resistir, ou pode seguir investido ativamente até que os efeitos da análise começam a aparecer em sua vida. Neste momento em que é levado a observar alguma melhora em sua vida e nos seus sintomas, o sujeito resiste e não só retoma com toda a sintomática como tende a fazê-lo em um estado pior que o anterior.

Para essas pessoas, o movimento é de opor-se à cura. Nelas "não prevalece a vontade de cura, mas a necessidade de doença" (Freud, 1923/2011, p. 47). Somada a isso, há uma atitude negativa com o analista e uma fixação no benefício da doença (Freud, 1923/2011). Como vimos, o sentimento de culpa inconsciente é mais bem nomeado e descrito como necessidade de punição, e esta é um dos piores inimigos do tratamento.

Da mesma maneira, sintomas que resistiram à análise podem se dissolver por completo quando a pessoa se envolve em uma outra situação que gera sofrimento, como exemplifica o próprio Freud (1924), um casamento insatisfatório, ruína financeira ou uma grave enfermidade física. Nessas situações, os sintomas anteriores desaparecem, uma vez que uma maneira de sofrer é substituída por outra, assim, o que importa mesmo é a manutenção de algum sofrer.

Para manejar a reação terapêutica negativa, Freud (1923/2011), por meio da relação entre Eu e inconsciente, entende que o paciente que resiste não se deu conta dessa resistência. A necessidade da punição é inconsciente e é o que engendra a

[23] Quando aplicado ao caso. Não esqueçamos que as condições econômicas e corporativas no Brasil e no mundo são problemáticas e delicadas e que muitas pessoas não conseguem trabalhar com o desejado ou a posição desejada por questões alheias a elas. Não nos referimos aqui a esses casos, mas aos casos em que o sujeito, masoquistamente, se atrapalha muito antes de qualquer intervenção externa.

resistência nesse caso. Freud (1923/2011) entende que o sentimento de culpa resiste a abandonar a punição do sofrimento e encontra satisfação no estado de doença e a essa resistência atribui um fator "moral" (Ibid, p. 47) – isto é, o fator culpa (Fortes, 2012). Assim, a reação terapêutica negativa torna-se facilmente atraente para o sentimento de culpa e a necessidade de punição. Com base no que vimos sobre o Eu e sua relação com a culpa no item anterior, a reação terapêutica negativa desenvolve-se a partir da função de defesa do Eu, o qual tenderá a se colocar em situações que o colocam em uma posição de destruição, repetindo uma cena original – para isso e juntamente a isso, recusa a melhora. A cura pode até surgir como um perigo para o Eu, mas um tipo não familiar para ele, um perigo que escapa do caráter destrutivo, e sua tendência é, então, fugir disso e se entrelaçar ainda mais ao familiar, à destruição. Assim, um trabalho psíquico para além do princípio do prazer é fortemente mantido e a compulsão à repetição, proficuamente, enlaça o sujeito ao não elaborado, o fazendo rejeitar qualquer cena que seja diferente (Freud, 1920/2020; 1937/2021b). Como afirma Freud já ao final da teoria que construiu,

> Se tivermos em mente essa imagem em sua totalidade, que se forma a partir das manifestações do masoquismo imanente de tantas pessoas, da reação terapêutica negativa e da consciência de culpa dos neuróticos, não poderemos mais nos aliar à crença de que os acontecimentos psíquicos são dominados exclusivamente pela aspiração ao prazer. Esses fenômenos são sinais evidentes da presença de um poder na vida psíquica que chamamos de pulsão de agressão ou pulsão de destruição, dependendo de seus objetivos, e que deduzimos a partir da pulsão de morte original da matéria animada (Freud, 1937/2021b, p. 252).

Assim, a reação terapêutica negativa aparece no masoquista como recusa aos efeitos de uma análise, para que possa continuar se destruindo, tendo como força motriz a culpa inconsciente. O masoquista oferece a face para a bofetada e recusa tudo que possa o atrapalhar de conseguir isso.

4.3.3 A Baleia: o masoquismo moral em sua forma mortífera extrema

O filme "A Baleia" (2022), dirigido por Darren Aronofsky, é uma obra que traz à tona questões sobre culpa, redenção (como divulgado pelo Brendan Fraser) e autodestruição, permeadas por uma narrativa de dor e isolamento. Estrelado por Brendan Fraser, cuja atuação poderosa lhe rendeu o Oscar de Melhor Ator, o filme também recebeu outras indicações ao prêmio, como Melhor Maquiagem e Penteado e Melhor Atriz Coadjuvante para Hong Chau.

A história gira em torno de Charlie, um professor de inglês recluso e obeso mórbido, que enfrenta seus últimos dias de vida em um misto de arrependimento e

busca por redenção, enquanto lida com as consequências de suas escolhas passadas. Destacamos que não nos interessa diagnosticar a estrutura ou fazer uma análise de um personagem, mas usar – somente – o conteúdo que é apresentado no roteiro para pensarmos como um possível exemplo do fenômeno que estamos discutindo aqui, a fim de clarificar e enriquecer a discussão teórica.

Como aponta Rosenberg (2003), a evidenciação da culpa recobre o masoquismo e podemos observar isso em Charlie que tem uma culpa por suas escolhas, e as consequências, que constitui a perfeita amarração para que insista na autodestruição. Desde o início do filme, somos apresentados a Charlie em um estado de profundo abandono de si mesmo. Ele vive isolado em um apartamento desorganizado, imerso em um ciclo de compulsão alimentar e autopunição. Essa configuração inicial já aponta para um possível masoquismo moral, em que o sofrimento autoimposto emerge como uma forma inconsciente de expiação de uma culpa insuportável. Para Charlie, a culpa está intrinsecamente ligada ao abandono de sua família para viver um relacionamento com Alan, um homem cuja morte trágica intensificou ainda mais a culpa de abandono de sua família anterior (esposa e filha), lançando luz sobre as consequências de ter feito uma escolha ao encontro de seu desejo e entendendo, culposamente, como uma escolha ruim. Charlie carrega a culpa de ter se divorciado e se afastado de sua filha para casar-se com Alan. Quando ele morre, Charlie culpa-se por suas escolhas, culpa-se pela morte, vivendo um luto culposo da(s) pessoa(s) perdida(s), pelo afastamento da filha, por se afastar dela para viver um amor com essa outra pessoa. Assim, quando parece que a vida que Charlie escolheu pra si desmorona, possivelmente isso se apresenta para seu psiquismo como uma punição, na qual Charlie se afunda e busca por mais.

Assim, Charlie é abraçado pela culpa de suas escolhas e a abraça de volta. Essa dinâmica de culpa e punição é evidente em sua busca desenfreada por comida em grandes quantidades, até passar mal, e sua recusa em procurar ajuda médica, tanto para tratamento da compulsão quanto para as consequências físicas dela. Com isso, apesar de sua condição de saúde alarmante, aceita passivamente a proximidade da morte, sendo a sentença de morte um sofrimento lento e a sua maneira psíquica de lidar com o não elaborado e com a culpa. Charlie decide deixar o dinheiro que poderia usar para tratar sua condição de obesidade para sua filha, escolhendo morrer. Permanece não buscando qualquer ajuda e se isolando de todos, se

afundando na culpa que alimenta sua compulsão alimentar e, por consequência, sua obesidade, que, por consequência, fomenta sua morte.

Uma das cenas mais emblemáticas dessa autossabotagem ocorre quando Charlie recusa insistentemente a assistência médica sugerida por sua amiga e cuidadora, Liz. Mesmo quando ela implora que ele vá ao hospital após um episódio quase fatal, Charlie insiste em permanecer em casa, como quem está decidido a consumir-se na dor. Aqui, o sujeito busca não apenas o sofrimento, mas a destruição total, movido por uma pulsão inconsciente que ultrapassa a autopunição e se dirige à aniquilação, o masoquismo mortífero fatal. Essa dimensão mortífera do masoquismo é evidente em vários momentos do filme, como na compulsão alimentar de Charlie, que parece funcionar não apenas como um método de conforto temporário, mas também como um instrumento de autodestruição lenta e deliberada.

O sofrimento de Charlie é também atravessado por uma relação ambivalente com sua filha, Ellie. Ele busca desesperadamente uma reconexão com ela, ao mesmo tempo em que parece aceitar os insultos e ataques emocionais que ela dirige contra ele. Em uma das cenas mais dolorosas, Ellie o confronta sobre seu abandono, acusando-o de ser um pai egoísta e negligente. Charlie, em vez de se defender, reafirma sua crença de que Ellie é “incrível” e de que ele deseja apenas ajudá-la, mesmo que isso signifique suportar sua raiva e desprezo. Essa dinâmica reflete o masoquismo moral em sua forma mais explícita: Charlie não apenas aceita a dor emocional infligida por Ellie, mas parece buscar ativamente esses momentos de confronto como uma forma de expiar sua culpa por tê-la abandonado. Aqui podemos pensar em uma forma de se afundar mais na culpa, por um lado, e, por outro, Charlie assumindo a responsabilidade de tê-la abandonado e sustentando seus ataques, compreensíveis, de uma adolescente que cresceu desamparada pelo pai. Todavia, mais que assumir essa responsabilidade, Charlie usa as consequências e os ataques da filha para se punir e se afundar na culpa. Sua insistência em ver o bem em Ellie, mesmo diante de sua hostilidade, pode ser entendida como uma tentativa de resgatar uma relação que ele acredita ter destruído, a fim de ajudar a filha em suas outras relações sociais para que tenha uma vida mais digna após sua morte, ainda que isso lhe custe um sofrimento causado pelo ódio dela.

Charlie busca o sofrimento ativamente e recusa a melhora, mesmo tendo recursos para isso. Ele não tem seu sofrimento causado por uma pessoa amada em

específico, mas a partir da culpa de escolhas que tomou no passado, suas consequências e o trauma de uma perda e em seguida um luto inesperado, a pulsão de morte volta-se para Charlie em sua forma mais destrutiva. Embora Ellie seja uma pessoa amada que humilha e maltrata Chalie, o masoquismo moral predomina em relação ao feminino, uma vez que o sofrimento que Charlie busca independe de Ellie o atacar.

O masoquismo mortífero paralisa o funcionamento da autoconservação, uma vez que o masoquismo implica o desintrincamento pulsional e incita da pulsão de vida "um reforço defensivo do polo conservador" (Rosenberg, 2003, p. 35). Todavia, para Rosenberg (2003), essa defesa vital não tem sucesso contra um masoquismo destrutivo e não consegue uma fusão para manter ou retornar ao masoquismo guardião da vida. Nesse sentido, o deslocamento de energia no interior da pulsão de vida em direção ao polo conservador também enfraquece o polo da libido objetal. O desinvestimento no objeto e no mundo objetal torna-se um verdadeiro risco à vida, uma vez que não há vida psíquica sem objeto. Assim, como assinala Rosenberg (2003), "não é por falta de esforços, algumas vezes desesperados, no sentido da autoconservação", mas pelo foco na própria conservação e na incapacidade de investir em qualquer outra coisa, inclusive, no mundo objetal. Assim, opostamente, o masoquismo guardião da vida se sustenta também pelo investimento libidinal-objetal. O desinteresse pelo objeto e pelo mundo objetal é claramente observado em Charlie, há um descolamento, e, nesse sentido, quanto mais se distancia do investimento objetal, mais facilita a mortificação do ser em seu extremo.

Como foi amplamente divulgado por Fraser, de maneira bastante romantizada, o filme aborda a redenção – ela que aparece para remediar a culpa de Charlie antes de sua morte. Charlie não consegue recursos psíquicos para lidar com as consequências de suas escolhas de uma forma menos autodestrutiva e vai direto para a pulsão de morte em seu extremo: uma morte lenta e dolorosa, um castigo digno do grande sofredor masoquista que merece pagar por seus erros. Sua redenção, em um primeiro olhar, é ajudar sua filha antes e depois de sua morte, mas, podemos pensar que sua redenção, como resposta à culpa, foi se autopunir por anos até se levar à sua morte.

Outro elemento importante na narrativa é a relação de Charlie com Alan, que, embora já falecido, mantém sua presença no psiquismo de Charlie. Alan, que

também sofreu sob o peso da culpa e das pressões religiosas impostas por sua família, representa para Charlie tanto uma fonte de amor quanto um catalisador de sua própria culpa. A morte de Alan, provocada por um estado depressivo que culminou em sua recusa em se alimentar, ecoa na compulsão de Charlie de consumir grandes quantidades de comida, como se tentasse, paradoxalmente, preencher o vazio deixado pela perda e punir-se por sua incapacidade de salvá-lo. Essa dinâmica é aprofundada na cena em que Liz, irmã de Alan, confronta Charlie, acusando-o de ter "matado" seu irmão ao encorajá-lo a desafiar as crenças religiosas de sua família – assim, para atender ao seu desejo no passado, Charlie abandona sua família e incentiva seu parceiro a fazer o mesmo, para que fosse possível a constituição de uma vida juntos. A acusação intensifica o peso da culpa de Charlie, reforçando seu ciclo de autodestruição.

Em outro momento significativo, vemos Charlie se engajar em atos de extrema generosidade, como quando insiste em dar todo o seu dinheiro para Ellie, apesar de ter mentido para Liz sobre não ter dinheiro para pagar um tratamento para sua condição física, assim, revelando que escolheu morrer. Esse comportamento altruísta, que pode parecer nobre à primeira vista, é uma expressão do masoquismo moral que implica um sacrifício pessoal extremo que serve tanto para aliviar sua culpa quanto para reafirmar sua posição de sofredor. Um pai vivo e saudável poderia amparar financeiramente e emocionalmente sua filha, mas aqui não estamos falando mais desse pai, mas um pai mortificado, no qual a necessidade de punição comanda.

A cena final do filme, em que Charlie se levanta e caminha em direção a Ellie antes de sucumbir, é a pulsão de morte conseguindo o retorno ao inorgânico e pode ser entendida aqui como uma culminação simbólica de sua trajetória de autossacrifício. Charlie não busca apenas o perdão de Ellie, mas podemos supor que ele deseja alcançar uma espécie de redenção final, onde sua morte simbolizaria a entrega total ao outro e a resolução de sua culpa definitivamente. "A Baleia" é, portanto, um retrato pungente e visceral do funcionamento do masoquismo moral, mortífero em seu extremo, ilustrando como a culpa investida pode levar o sujeito não apenas a suportar, mas a buscar ativamente o sofrimento e a autodestruição como formas de alívio e reconciliação com seus próprios conflitos internos.

4.4 Masoquismo feminino

Se, no masoquismo moral, a intensa pulsão de morte no aparelho psíquico se transveste de um sentimento de culpa inconsciente que assola o eu, direcionando-o à autodestruição, esse mesmo princípio se reorganiza de outra maneira no masoquismo feminino. Como vimos, no primeiro caso, o sujeito procura por situações penosas ou humilhantes, a partir de um outro qualquer, e se compraz nelas, sustentado por um sentimento de culpa inconsciente, em que supõe ter infringido algo e, portanto, deve ser punido (Freud, 1924/2011). Já no masoquismo feminino, embora ainda esteja o campo da autodestruição, sua configuração se diferencia, como veremos a seguir.

O masoquismo feminino se estabelece na relação com o outro (Fortes, 2007), na qual, a partir da fantasia, o sujeito está em uma posição de humilhação, submissão e escravidão que leva a depreciação de si mesmo (Fortes, 2012). Segundo Freud, esta posição surge como uma fantasia nas relações, fantasias que trazem a tonalidade da violência.

> Os desempenhos são, afinal, apenas a realização das fantasias em forma de jogo — o conteúdo manifesto é: ser amordaçado, amarrado, golpeado, chicoteado de maneira dolorosa, maltratado de algum modo, obrigado à obediência incondicional, sujado, humilhado. Muito mais raramente, e com grandes restrições, veem-se incluídas também mutilações nesse conteúdo (Freud, 1924/2011, p. 189).

Freud (1924, p. 169) entende que o masoquista deseja "ser tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especialmente como uma criança malcomportada". Nesse sentido, o sujeito masoquista não se encontra somente dependente do outro, uma vez que todo ser humano é, mas completamente "à mercê do outro", se oferecendo como "objeto de seu gozo" (Fortes, 2012, p. 137). Como Fortes (2012) destaca, sendo o masoquismo característico da perversão, o sujeito faz de sua meta de vida o desejo de ser escravizado. É necessário para o reconhecimento do masoquismo propriamente dito que haja o gozo, uma satisfação com o sofrimento. Todavia, o que há de fundamental no masoquismo é o sujeito ocupar uma posição de servidão ao outro, como forma de se refugiar perante a angústia do desamparo. O prazer na dor é necessário para definir o masoquismo, mas não é suficiente, uma vez que nem a punição nem o sofrimento moral são suficientes para localizar a peculiaridade do masoquismo. O sofrimento sentido passa a ser masoquista quando o sujeito deseja que seja causado por um outro ou

quando se dispõe a sofrer nas mãos de um outro, na tentativa de que este suspenda a dor, "como um deus" (Fortes, 2012, p. 122).

Além disso, há uma "verdadeira maquinaria do gozo" (Fortes, 2012, p. 139), pela qual se atualiza a fantasia de ser humilhado. Nesse sentido, há uma teatralidade na relação masoquista a fim de vivenciar na realidade algo da ordem da fantasia. Para isso, são utilizadas vestimentas, ambientes, e tudo que possa servir de estereótipo da violência (Fortes, 2012). O monótono e o repetitivo são caraterísticos do masoquismo em uma relação, uma vez que "o masoquismo manifesta o desejo de ser amordaçado, maltratado, espancado, de ser objeto de xingamentos e humilhações e ser submetido a uma obediência incondicional" (Fortes, 2012, p. 154).

Segundo Birman (1996), o masoquismo é o meio pelo qual o sujeito evita a experiência do desamparo e afasta a angústia advinda dele, entretanto, para isso, se submete ao outro. Desse modo, o masoquismo é um mal menor, para o sujeito, pois impossibilita que um mal catastrófico ocorra a ele, a angústia do desamparo. O masoquismo feminino, portanto, é uma defesa contra a angústia. O sujeito, frente ao desamparo, se submete a um carrasco, em uma posição servil. Ele depende do outro para ser o seu algoz, mas o outro depende dele para gozar, assim, o sujeito masoquista nunca será abandonado nessa lógica de dependência. Isso é um alívio, uma vez que ser abandonado é o maior medo do masoquista. Para ser ilusoriamente amparado pela presença do outro, o sujeito escolhe a submissão servil para não se deparar com a solidão e o desamparo.

O entrelaçamento masoquismo, desamparo e angústia é importante para nossa temática. A angústia do desamparo advém da perda do amor alheio que outrora aconteceu e não foi elaborada. Em "Inibição, Sintoma e Angústia", Freud (1926/2014) discorre acerca da angústia e o perigo do desamparo. A situações de perigo relacionadas ao desamparo induzem o Eu a reagir com angústia não somente no momento e na situação adequada na vida infantil, como também em fases posteriores. Nesse sentido, Freud (1933/2010) ressalta que aqueles que não obtiveram escoamento da angústia da perda do amor permanecem dependentes do amor do outro, mantendo, dessa forma, um comportamento infantil. Somado a isso, evidencia especialmente o caso dos neuróticos, que seriam pessoas que permanecem infantis diante do perigo, não tendo superado as condições de angústia já ultrapassadas (Freud, 1926/2014). Com isso, para não sucumbir a essa angústia

do desamparo, o sujeito busca um outro que lhe proteja desse mal e, assim, pode se estabelecer em uma posição masoquista. Ainda sobre a perda do amor do outro, mas já pensando em uma lógica masoquista de relação, esse alguém ao qual o sujeito masoquista se entrega para obter proteção, especificamente no masoquismo feminino, deve ser uma pessoa amada pelo sujeito masoquista (Freud, 1924/2011), como já mencionamos enquanto percorríamos pelo masoquismo moral. Além disso, tem seu papel já definido, em uma posição de autoridade, superior ao sujeito, lhe fazendo mal, mas um mal aceitável por ser menor que a grande angústia do desamparo. Como pondera Souza, a partir de seus estudos das relações abusivas entrelaçados com o masoquismo: "ruim com ele, pior sem ele" "parece ser a lei que [...] guia" o sujeito que está assujeitado ao outro (Souza, 2011, p. 85).

O ser humano adere à submissão quando se entende dependente dela para lidar com os maus momentos da vida. Segundo Freud (1930/2010), se o sujeito deixa de ter um outro a quem é dependente, perdendo seu amor, também deixa de ser protegido por ele. O estado de desamparo, sendo gerador de angústia, mostra uma relação direta entre a perda do objeto e a situação traumática que é resultante do aumento de tensão no aparato psíquico (Fortes, 2012). Nesse sentido, a perda do objeto, na perspectiva do desamparo, é debatida a partir de um ponto de vista econômico (Freud, 1926/2014), bem como o próprio fenômeno masoquista que é uma tensão prazerosa (Freud, 1924/2011). Dessa forma, o medo da perda do amor e, por conseguinte, da angústia de desamparo, é a base que estrutura o masoquismo no sujeito.

> Uma das saídas mais prováveis que se apresentam então ao sujeito é a busca desesperada e sempre recomeçada de encontrar um outro a quem oferecer o seu corpo e sua alma, para poder gozar com violência de si mesmo, pois ele se distanciaria assim imaginariamente de sua condição originária de desamparo (Birman, 1996, p. 47).

Como discorre Fortes (2012), na servidão ao outro, há dor e um prazer concomitante a ela, mas não é a intenção do sujeito obter esta configuração pulsional, é uma consequência. O fundamental para o analista não é saber se o masoquista goza com seu sofrimento, mas localizar sua posição no par amoroso – a posição servil. Não há busca direta pela dor, não é servir para sofrer, mas como proteção e como resultado da dinâmica masoquista que se estabelece com o outro que há dor e, por conseguinte, há satisfação nesta configuração. Em troca da proteção e amparo do outro, o sujeito masoquista serve – e sofre. Aquele que é

servil, recebe os favores do rei, mas a liberdade, “que gosto ela tem, como ela é doce, nada sabe” (La Boétie, 1562/1993, p. 100). Para La Boétie (1562/1993), a submissão não é medo do tirano, mas uma escolha voluntária. O sujeito busca no outro como se ele não pudesse fornecer a si próprio, pois não pode dizer que pertence a si mesmo (Fortes, 2012).

Há uma escolha de um mal menor para fugir de um malefício maior que, segundo Birman (1999b), foi produzido pela modernidade. O masoquismo sempre foi cultural nas alianças hierárquicas tradicionais que impunham uma posição de servidão. Todavia, “o declínio da figura paterna de autoridade levou ao imperativo de gozo” (Fortes, 2012, p. 123) que se traduz em não ser mais necessário oferecer obediência a um poder superior hierarquicamente, então, o sujeito, em um novo arranjo social, se oferece por vontade e imposição próprias aos seus pares nas suas relações (Fortes, 2012). Isso acontece porque, com a queda da sociedade tradicional de hierarquias, o sujeito se encontra de frente com o desamparo – sem um outro autoritário – e passa a colocar em posição de submissão para as pessoas com quem antes não tinha nenhuma relação hierárquica, apenas fraterna. Desse modo, a servidão não desaparece com o desmoronamento das alianças hierárquicas tradicionais, a valer, ela se torna mais periculosa, pois torna o gozo um dever individual (Fortes, 2012). Na subjetividade contemporânea, submeter-se de forma masoquista ao outro passa a ser voluntário, na tentativa de se proteger contra o desamparo dos tempos modernos (Birman, 1999b).

É no laço com o outro que o sujeito se constitui, a partir das marcas pulsionais que traçam sua subjetividade. Nesse sentido, Freud (1924/2011) associa o masoquismo às relações interpessoais de dependência. Dessa maneira, renunciar ao masoquismo é aceitar sua condição de desamparo e ficar de frente com a angústia, sendo digno da própria dor, como salienta Fortes (2012). Mas como simplesmente fazer isso? Por que certas pessoas não conseguem deixar de permanecer em relações de humilhação e servidão? Segundo Fortes (2012), a procura por uma análise se dá frequentemente devido à queixa de um masoquismo. Todavia, a posição servil é bastante aderente no sujeito, devido ao temor frente ao desamparo, como já dito. A exigência compulsiva e o gozo muitas vezes fixam o sujeito na posição masoquista, e sair dela é enfrentar a sua condição de desamparo.

Retomemos, também, a discussão sobre a culpa, como elemento central do masoquismo, que está presente tanto no masoquismo moral quanto no feminino[24], mas assume características específicas neste último, especialmente em sua vinculação com relação à figura da pessoa amada. O mecanismo de culpa se associa diretamente à servidão e esses dois sentimentos nutrem a relação masoquista do sujeito com o outro (Fortes, 2012). Esse sentimento de culpa é impresso no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas, uma vez que o sujeito imagina ter infringido alguma regra e, portanto, deve sofrer as consequências (Freud, 1924). Assim como no masoquismo moral, o Supereu exerce um papel punitivo, mas no masoquismo feminino, essa dinâmica de culpa frequentemente se mistura à necessidade de proteger o vínculo afetivo e evitar o desamparo.

Aqui podemos ver uma relação de maior preocupação com esse outro amado, o qual aparece como um cristal intocável. O masoquista coloca o seu algoz no pedestal de maneira que ele pareça frágil, ao mesmo tempo em que é forte o suficiente para comandá-lo. A necessidade de proteger o vínculo aparece quando o masoquista pisa em ovos para não desagradar e acredita fielmente que, se fizer algo errado, machucará profundamente a pessoa – sendo difícil negar pedidos feitos pela pessoa ou até mesmo o que o masoquista supõe que o outro está pedindo a ele. Uma cena clássica disso está presente na animação “Enrolados” da Disney.

Nessa releitura do desenho Rapunzel, a personagem Rapunzel tem uma mãe extremamente controladora e manipuladora, que a impediu de ter uma vida durante 18 anos, a prendendo *totalmente* a ela. Rapunzel é psiquicamente controlada, obedecendo as ordens da mãe, das tarefas domésticas ao seu ir e vir, assim, viveu 18 anos sem sair, sem por um pé para fora da torre onde mora, mesmo que o pudesse fazer escondido. Ainda presa nas amarras psíquicas da mãe, Rapunzel começa a pulsar mais fortemente por uma vida, querendo sair da torre, mas quando isso é cruelmente negado pela mãe, Rapunzel decide fugir escondido de casa. A cena que destacamos aqui ocorre quando Rapunzel sai da torre pela primeira vez, dançando e cantarolando: “completamente livre, como sempre sonhei” e “e enfim declarando: minha vida começa aqui”. Todavia, em seguida, a culpa interrompe o momento. Rapunzel vai e vem entre sua pulsão de vida e de morte, entre o seu desejo e sua culpa:

[24] Item: 4.3.1 Culpa e masoquismo

"Eu não acredito no que eu fiz!" *(tom de excitação)*.

"Eu não acredito no que eu fiz." *(tom de preocupação)*.

"Eu não acredito no que eu fiz!" *(tom de excitação)*.

"Mamãe vai ficar furiosa." *(tom de preocupação)*.

"Mas o que os olhos não veem, o coração não sente, né?" *(tom de esperança)*.

"Puxa, e agora? Ela vai sentir, sim." *(dentro de uma caverna, em tons frios, com tom de culpa e chateação*).

"Isso é tão legal!" *(sorrindo, gritando e correndo)*.

"Eu sou uma péssima filha. Eu vou voltar." *(cabisbaixa, encostando a cabeça em uma árvore)*.

"Eu não vou voltar nunca mais!" *(sorrindo, gritando e fazendo piruetas)*.

"Eu sou um ser humano horrível." *(deitada de bruços na grama com tom de culpa)*.

"Uhul! O melhor dia da minha vida!" *(gritando e se balançando em uma árvore)*.[25]

Assim, existe uma preocupação maior com o fazer mal ao outro amado, enquanto o outro faz mal. O sentimento de culpa e necessidade de punição alimentados geram essa posição da criança travessa que fez algo errado e precisa ser punida, ao passo que se sente culpada pelo próprio erro e por desapontar a figura superegóica. Como vimos, a formação do Supereu está intrinsecamente ligada ao medo da perda de amor por parte das figuras parentais (Freud, 1930/2010). Essa dinâmica é central no desenvolvimento do masoquismo feminino, uma vez que o vínculo afetivo ganha contornos prioritários na organização psíquica. No caso da culpa feminina, a necessidade de reparação diante do outro adquire relevância: o Eu não apenas busca atender às exigências supergóicas, mas também sofre diante da percepção – real ou imaginária – de que falhou com o outro.

No masoquismo feminino, essa culpa é erotizada de forma distinta, enlaçando o sofrimento à reafirmação de um lugar no vínculo amoroso. Como pontua Rosenberg (2003), a satisfação masoquista decorre da culpa erotizada e da busca inconsciente por punição, que reforça um ciclo autodestrutivo. No caso do masoquismo feminino, essa dinâmica pode ser observada na manutenção de papéis

[25] Disney, 2010. A descrição das falas é nossa.

culturais, como o de cuidadora, submissa ou sacrificada, que conferem ao sofrimento uma função relacional e social. É um sofrimento que confirma, embora falsamente, o valor do Eu na dinâmica relacional, mesmo que às custas de sua própria autonomia ou bem-estar.

Assim, essa configuração, embora inconsciente, é sustentada pela ideia de que o sofrimento é necessário para preservar o amor do outro, e o é porque a configuração na relação se estabelece também porque a dinâmica de um se enlaça com a do outro, e porque o masoquista entende que é um mal menor frente a estar desamparado. Com isso, a servidão é nutrida pela culpa, fazendo assim a constituição e manutenção da relação masoquista. Uma das ramificações da reconstrução em análise da relação do masoquista com seu algoz é entender que ele já se encontra no desamparo, primordial e de sua pessoa amada.

Além disso, a dimensão cultural amplifica esse cenário. Existe um investimento social na culpa do masoquista: o filho que é cobrado para ser "o filho que nunca dá trabalho", a filha que é cobra para ser "boazinha", a filha mulher que é ensinada a servir aos outros, sobretudo ao seu futuro marido. Expectativas socioculturais sobre o papel feminino – como o dever de servir, cuidar ou sacrificar-se pelos outros – reforçam o investimento masoquista na culpa. O sujeito, em muitos casos, sente-se culpado por colocar suas próprias necessidades à frente das dos outros, perpetuando o ciclo de sofrimento autoinfligido e satisfação inconsciente – e isso pode ocorrer independentemente do seu gênero.

A culpa, portanto, é um elemento estruturante no masoquismo feminino, mas assume contornos específicos em sua dinâmica relacional. Enquanto no masoquismo moral, a busca pela punição decorre da agressividade internalizada e dirigida ao Eu; no masoquismo feminino, somado a isso, a culpa é vivida como um sacrifício necessário para sustentar o vínculo com o outro para que possa fugir do desamparo. É um movimento que revela não apenas as forças do psiquismo, mas também a complexidade dos laços afetivos e culturais que moldam a subjetividade.

4.4.2 O masoquismo feminino se refere às mulheres?

É importante destacar que a definição de masoquismo feminino não está ligada diretamente a uma especificidade da mulher. Fortes (2012) chama atenção para o fato de isso ser um preconceito da época de Freud. O feminino a que Freud se refere está mais relacionado com uma posição de gozo do que com o sexo

biológico (Fortes, 2012). A posição feminina se associa a uma posição de passividade manifestada no desejo de ser maltratado, humilhado, objeto de xingamentos e ser submetido a uma obediência incondicional. Segundo Freud (1924/2011), a interpretação imediata é a de que o masoquista quer ser tratado como uma criança desamparada, dependente e, sobretudo, malcomportada. “Mas, tendo-se podido estudar casos em que as fantasias masoquistas sofreram elaboração particularmente rica, é fácil perceber que elas põem o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina, isto é, significam ser castrado, ser possuído ou dar à luz” (Freud, 1924/2011, p. 189).

Freud (1919, p. 239), ao se referir aos homens masoquistas, diz que “seu masoquismo, portanto, coincide com uma atitude feminina”. Tal posição se refere à ideia de fazer-se bater, na qual Soler (1998, p. 210) complementa: “para se fazer tratar como o objeto do pai — expressão que Freud faz equivaler a se fazer tratar como uma mulher — o masoquista não tem outro recurso senão o de fazer-se bater. Vemos que aí o termo de posição feminina merece ser precisado”. Além disso, acrescenta que “o masoquismo substitui, segundo ele [Freud], uma fórmula de gozo por outra, é uma quase metáfora: ‘ser batido’ é substituído por ‘ser amado’” (Soler, 1998, p. 210). Soler (1998) questiona o que é comum entre o masoquista e a mulher, respondendo que tanto um quanto o outro “no casal que formam com o parceiro suposto desejante colocam-se no lugar do objeto” (p. 214). Dessa forma, o masoquismo não só pode aparecer tanto no homem como na mulher como dentre os 23 casos de masoquismo feminino descritos por Freud, somente um é uma mulher, o que faz com que a posição masoquista seja uma fantasia que pode ocupar tanto homens como mulheres.

4.4.3 O masoquismo cultural

Han (2021), em “Sociedade Paliativa”, argumenta que a busca incessante por evitar a dor e a negatividade cria um ambiente onde o controle se estabelece de forma sutil, promovendo uma cultura de positividade que incentiva a autoexploração. Nesse contexto, os indivíduos internalizam normas sociais e passam a explorar a si mesmos, acreditando estar exercendo liberdade, mas, na realidade, reproduzem um sistema que os submete a um poder invisível. Han (2021) denomina esse fenômeno como “sociedade do desempenho”, onde a obsessão pela

produtividade transforma os sujeitos em trabalhadores exaustos e submissos, mascarando essa condição como realização pessoal.

Esse movimento de submissão voluntária pode ser compreendido, do ponto de vista psicanalítico, como um processo de internalização das exigências sociais, onde o sujeito busca atender às expectativas do outro, sacrificando suas próprias demandas pulsionais. A positividade excessiva, nesse sentido, atua como uma forma de repressão, evitando a confrontação com a dor e o sofrimento necessários para o processo de subjetivação. Essa dinâmica evidencia a articulação entre o psíquico e o social, pois o sujeito não apenas é moldado pelo mundo externo, mas também contribui para a perpetuação dessas normas ao internalizá-las.

Como destacamos anteriormente neste capítulo, o masoquismo sempre esteve presente nas estruturas culturais das alianças hierárquicas tradicionais, que impunham a servidão como condição. Assim, a obediência a um poder hierarquicamente superior passou a não ser necessária. No contexto social atual, o próprio sujeito se submete, de maneira voluntária, aos seus semelhantes (Fortes, 2012). Na subjetividade contemporânea, essa submissão masoquista torna-se voluntária, como forma de defesa diante do desamparo característico da modernidade (Birman, 1999b).

A partir desse cenário mais amplo, é possível afunilar a análise para compreender como essas dinâmicas impactam as relações de gênero e se manifestam no que estamos chamando de masoquismo (neste caso, feminino) cultural. Em uma perspectiva social, Tesche e Weinmann (2018) destacam a existência de uma divisão hierárquica entre os gêneros feminino e masculino, onde a necessidade de demarcar essa diferença frequentemente recorre à opressão e ao controle das mulheres, "como forma de garantia da virilidade e do poder masculinos" (Tesche & Weinmann, 2018, p. 206). Essa opressão se manifesta, segundo os autores, pela imposição da feminilidade como uma ferramenta de controle, composta por atributos que valorizam a passividade e a subserviência, reforçados desde o nascimento por meio de "coerção ao uso de signos culturalmente tidos como femininos" (Tesche & Weinmann, 2018, p. 206). Em consonância, De Beauvoir (1949/2009, p. 267) afirma que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", evidenciando a construção social do gênero e as expectativas que moldam a experiência feminina.

Embora este trabalho não se dedique a uma discussão aprofundada sobre gênero e patriarcado, vê-se necessário pontuar como a passividade atribuída ao gênero feminino alude à passividade observada em posições masoquistas. A partir disso, a articulação entre o externo (a inculcação da subserviência) e o interno (o sujeito masoquista) é fundamental para tornar seres passivos: a condição social frequentemente limita as possibilidades das mulheres de lidarem com suas pulsões de forma mais plena, resultando em violências psíquicas decorrentes do caráter destrutivo da pulsão de morte.

Essa articulação é corroborada pela psicanálise como um todo, que entrelaça o interno e o externo para investigar o psiquismo, uma vez que ele é estruturado a partir da interação com o outro. Daniel e Souza (2006) destacam que a psicanálise é uma ferramenta ágil para compreender a subjetividade a partir da relação entre o psíquico e o social. A satisfação pulsional não é imediata devido às imposições externas, e o contato com o outro gera marcas pulsionais que atravessam e constituem a subjetividade. Assim, o sofrimento psíquico não deve ser compreendido apenas como uma questão interna, mas como um fenômeno também social, uma vez que o interno se relaciona com o externo e é afetado por este. Nesse sentido, a psicanálise se diferencia da psiquiatria tradicional que tende a individualizar o sofrimento psíquico, ignorando os processos sociais que impactam profundamente a construção subjetiva (Nathan & Stengers, 1995) – essa vertente tradicional que, muitas vezes, corrobora com a sociedade do desempenho.

Quanto ao nome dado a essa forma de masoquismo, um aspecto histórico e cultural significativo é que Freud estava inserido em uma sociedade que acreditava no feminino como servil e passivo, associado ao sacrifício e à renúncia pulsional (Narvaz, 2010, p. 52). Essa visão influenciou sua teoria, levando-o a associar o masoquismo à feminilidade (Tesche & Weinmann, 2018). Embora o termo "masoquismo feminino" não se restrinja às mulheres, Kehl (2008) sugere que poderia ser renomeado como "masoquismo infantil", pois remete ao desejo de ser punido como uma criança travessa. Para a autora, Freud equiparou mulheres e crianças, tanto pela inferioridade de seus órgãos genitais quanto pela posição de culpadas e punidas por sua sexualidade proibida.

O masoquismo feminino, portanto, não pode ser discutido sem considerar os atravessamentos sociais que ensinam e perpetuam a passividade e a subordinação. Autoras como De Beauvoir (1949/2009) e Friedan (1963) já

destacavam como a misoginia e o controle sobre as mulheres são estruturas mantidas por séculos, reproduzidas por normas sociais, culturais e simbólicas. Esses fatores não apenas delimitam os lugares atribuídos ao gênero feminino, mas também atravessam e influenciam as experiências intrapsíquicas, criando condições em que o masoquismo pode se apresentar como uma forma de subjetivação e de organização do sofrimento, seja na relação com um outro "pessoa amada" (masoquismo feminino) ou um outro "impessoal" (masoquismo moral).

4.4.4 Eu, Tonya, masoquista

Eu, Tonya (ou *I, Tonya*, no original) é um filme biográfico indicado ao Oscar de 2018 na categoria de "Melhor Atriz" pela atuação de Margot Robbie, além de vencer na categoria de "Melhor Atriz Coadjuvante" com Allison Janney. Dirigido por Craig Gillespie e com roteiro de Steven Rogers, o longa foi lançado em 2017 e explora a controversa história de Tonya Harding, uma das figuras mais polêmicas da história da patinação artística nos Estados Unidos, marcada tanto por seu talento quanto pelos escândalos que envolveram sua carreira.

Para nós, o que interessa são as dinâmicas estabelecidas na vida de Tonya. O filme "Eu, Tonya" é uma obra que transcende o relato biográfico para revelar uma dinâmica psíquica profundamente marcada, no nosso entendimento, pelo masoquismo feminino. A partir da trajetória de Tonya Harding, o longa explora as relações permeadas por abuso, dependência emocional e uma insistência na busca pelo olhar e validação do outro, que se configura em um ciclo auto perpetuante de sofrimento. Ao longo do filme, Tonya encarna essa dinâmica em suas relações familiares, românticas e sociais, evidenciando os diferentes aspectos do masoquismo feminino.

Desde os primeiros momentos do filme, somos introduzidos à relação entre Tonya e sua mãe, LaVona Golden, uma mulher dura e abusiva que exerce um controle quase absoluto sobre a filha. Essa dinâmica se revela como um alicerce central na construção da identidade de Tonya, marcando profundamente suas escolhas e modos de relação ao longo da vida. LaVona opera como uma encarnação do Supereu severo, cuja crítica incessante e desaprovação moldam a experiência subjetiva de Tonya, levando-a a associar o valor pessoal ao desempenho e ao sofrimento. O controle exercido por LaVona é atravessado por um paradoxo: enquanto ela demanda perfeição e resultados de Tonya, também parece se regozijar

com o fracasso da filha, alimentando um ciclo de submissão onde Tonya tenta, de forma constante, conquistar um reconhecimento que nunca chega ao tentar alcançar esse ideal superegoico. Essa relação materna conturbada não só constitui um modelo para as futuras relações abusivas de Tonya, como também insere a dor como elemento fundamental na sua subjetividade, perpetuando um mecanismo masoquista de busca pelo amor através do sofrimento.

LaVona representa a figura do algoz, cruel e impiedoso, cuja voz é incorporada por Tonya como uma marca psíquica indissociável. A violência física e emocional infligida pela mãe vai além de uma manifestação externa de poder; ela se torna um elemento central na formação da subjetividade de Tonya. Em várias cenas, como quando agride Tonya com uma escova de cabelo, LaVona articula seu amor por Tonya de maneira perversa, associando-o diretamente ao sacrifício e à dor. Essa relação estabelece, desde cedo, que para Tonya o afeto e a violência são indissociáveis, configurando um padrão psíquico onde a dor se torna a linguagem do afeto. “Eu fiz você forte”, LaVona afirma em uma das cenas mais emblemáticas, ao justificar seu comportamento abusivo, indicando que o sofrimento infligido não é apenas uma expressão de controle, mas também um método de moldagem da subjetividade da filha.

Esse paradoxo é aprofundado quando Tonya, mesmo ao contestar sua mãe, permanece presa a uma busca incessante por reconhecimento. Ela retorna repetidamente à figura materna, como na cena em que LaVona tenta uma reconciliação manipuladora enquanto usa um gravador, traindo mais uma vez a confiança de Tonya. A associação entre amor e sofrimento que estrutura essa relação lança luz no conceito de masoquismo feminino, onde a dor se torna uma via de expiação inconsciente de uma culpa difusa. Essa culpa, por sua vez, está profundamente enraizada nas demandas impossíveis do Supereu, encarnado pela crítica incessante e pelas expectativas destrutivas de LaVona. Para Tonya, a busca por aprovação materna reflete uma tentativa de superar o desamparo primordial, mesmo que isso implique na repetição do sofrimento.

A dinâmica entre Tonya e sua mãe também revela como LaVona age como um espelho distorcido para a identidade da filha. Ao criticar constantemente sua aparência, desempenho e escolhas, LaVona impõe uma visão de mundo onde o valor de Tonya é sempre insuficiente, mas, ao mesmo tempo, essencial para o próprio sentido de poder materno. Esse ciclo de abuso, sustentado por falas como

“Eu fiz todos os sacrifícios por você”, reforça a posição de Tonya como serva da mãe, perpetuando uma estrutura psíquica de submissão ao outro. Assim, a relação não é apenas uma repetição de padrões abusivos, mas um teatro psíquico onde amor, ódio e servidão se misturam, consolidando a dor como eixo central da subjetividade de Tonya.

Essa busca incessante por validação e reconhecimento, que Tonya procura na figura materna, transita também para sua relação com Jeff Gillooly, seu parceiro romântico. A relação de Tonya com Jeff expõe uma repetição direta da dinâmica abusiva e dependente estabelecida com sua mãe. O filme apresenta cenas emblemáticas que reforçam essa conexão, como as brigas físicas explosivas entre Tonya e Jeff, que frequentemente terminam com reconciliações que perpetuam o ciclo de violência, o que reflete, em essência, o padrão psíquico já configurado nela. Em uma das cenas, Jeff agride Tonya fisicamente, e, mesmo após momentos de separação, ela retorna ao relacionamento. Podemos observar essa insistência da pulsão de morte, na compulsão à repetição e no masoquismo mais especificamente, que busca repetir o que não está ligado, se autodestruindo.

Em uma cena específica, Jeff justifica sua violência como uma resposta ao “temperamento difícil” de Tonya, e ela, por sua vez, parece aceitar a culpa, consolidando o ciclo. A violência, neste contexto, torna-se uma linguagem psíquica familiar para Tonya, que associa amor a dinâmicas destrutivas. Podemos supor que essa repetição compulsiva que insiste na autodestruição é também uma tentativa de elaboração de uma cena anterior, a relação com LaVona, onde a crítica incessante e o abuso guiam sua forma de se posicionar nas relações.

Além disso, a relação de Tonya com Jeff é atravessada por dinâmicas culturais que reforçam o papel da mulher como serva emocional e sacrificial. Em várias cenas, como na reconciliação após um episódio de violência, podemos entender que o filme sugere como Tonya internaliza não apenas as exigências do parceiro, mas também as pressões sociais que normalizam o sofrimento feminino como parte da manutenção de relações afetivas. Com isso, Jeff, sendo violento e manipulador, exerce uma espécie de poder paternalista que ecoa a figura de LaVona, criando um ambiente onde Tonya continua presa em um estado de desamparo psíquico, onde estar sem seu algoz parece menos pior do que sem ele. A submissão e o abuso fazem um lanço que supostamente e inconscientemente a protegem do desamparo que a assola. Esse desamparo, segundo Freud (1926/2014),

é um estado psíquico primordial que impulsiona a busca de proteção e validação em figuras que representam, ainda que de maneira distorcida, segurança e controle. Supomos que, para Tonya, a repetição de relacionamentos abusivos e a insistência em manter vínculos destrutivos podem ser vistas como tentativas inconscientes de lidar psiquicamente com o desamparo original vivido na infância. No entanto, essa busca a aprisiona em um ciclo de dor, onde a submissão ao outro e a autoanulação se tornam estratégias para garantir uma segurança, mesmo que ela seja devastadora. É como se o masoquista dissesse: "em troca de sua companhia, proteção contra meu desamparo, eu aceito e me ofereço como servo". Como o fizemos até aqui, é importante destacar que o masoquismo, sendo atrelado à pulsão de morte destrutiva, é uma forma de compulsão à repetição, esta, por sua vez, que ora repete para elaborar, ora para destruir. Tonya parece brigar entre a vida e a morte, esforçando-se para a vida, mas dando em troca tudo que há de vital e criativo em si nesse movimento de esforço extremo. Isso é observado em como Tonya utiliza seu corpo como instrumento de superação e, simultaneamente, de submissão. O treinamento intenso, os machucados constantes e o esforço para realizar manobras como o Triple Axel – que exige um nível extremo de preparação – são evidências de como a dor física é incorporada à sua identidade como patinadora, servindo e cedendo às cobranças excessivas com as quais cresceu.

Tonya é constantemente colocada como alvo de julgamento, tanto pelos juízes do esporte quanto pela mídia e pela opinião pública. Ela é vista como "pobre demais", "grosseira demais" e "indigna" de representar um esporte considerado elitista. Essa posição de subalternidade é imposta a ela pelo social, a qual ela reage, aceitando o papel de "vilã" que lhe é imposto, usando-o como forma de resistência, mas também como uma confirmação de sua subordinação ao olhar do outro. Esse movimento, que foi possível para ela na relação com o outro que não nas relações de amor.

Esse processo todo que Tonya viveu reflete o paradoxo do masoquismo: a dor é tanto uma fonte de sofrimento quanto um meio de validação. No caso de Tonya, sua excelência esportiva é alcançada às custas de um corpo que é submetido à exaustão e à violência, seja a autoimposta ou a proveniente de relações abusivas. Receber o reconhecimento e não estar desamparada custa caro para ela, que está disposta a renunciar a si mesma e a servir ao outro em troca.

Eu, Tonya é uma obra que, ao retratar a trajetória de Tonya Harding, oferece um olhar profundo sobre o masoquismo feminino e suas manifestações. A submissão ao outro, seja este representado pela mãe, pelo marido ou pelo sistema social, aparece como uma constante na vida da protagonista, refletindo o sofrimento psíquico de uma mulher que busca desesperadamente fugir do desamparo, se amarrando ao sofrimento causado pelo outro amado.

5 Considerações Finais

Ao longo desta dissertação, buscamos aprofundar a compreensão sobre o masoquismo e sua relação com a pulsão de morte, examinando suas dimensões teóricas e clínicas. Revisamos a evolução do conceito de masoquismo em Freud, desde suas primeiras formulações vinculadas à teoria da sexualidade até sua integração na segunda teoria das pulsões, onde se consolidou como uma expressão da pulsão de morte.

No primeiro capítulo, retomamos a construção do conceito de masoquismo na obra freudiana, percorrendo os textos nos quais Freud o mencionou e o reformulou. Partimos com uma breve recapitulação do período pré-psicanalítico, para retomar a excitação no aparelho psíquico que Freud já observava, o que preparou o terreno para a teoria das pulsões. Revisamos a formulação do par sadismo-masoquismo em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905) e como ele aparece, avançando para "Instintos e seus destinos" (1915), onde Freud discute a reversão e o retorno sobre a própria pessoa, discutimos o masoquismo enquanto destino da pulsão. Seguimos com "Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais" (1919), que insere o masoquismo na dinâmica da fantasia infantil, até chegarmos à grande virada teórica de 1920, quando Freud postula a pulsão de morte e, a partir da segunda teoria pulsional, compreende o masoquismo dentro da compulsão à repetição. Como vimos, a noção de masoquismo foi desenvolvida paralelamente por Freud à noção de pulsão e acreditamos ter feito esse percurso no que foi necessário e relevante para a discussão do masoquismo na obra freudiana.

O percurso culmina em "O problema econômico do masoquismo" (1924), onde o conceito ganha novos contornos e se desdobra em suas três modalidades. A dividimos em dois capítulos: um sobre o masoquismo não destrutivo e, sobretudo, transformador, e outro sobre o masoquismo destrutivo e patológico. Assim, seguimos para o segundo capítulo, no qual trabalhamos o masoquismo estruturante, enfatizando sua função na capacidade de sustentar o desprazer. A partir da noção de masoquismo guardião da vida de Rosenberg (2003), exploramos como o masoquismo pode operar como um mecanismo que, longe de ser apenas destrutivo, permite a elaboração psíquica e a continuidade da vida subjetiva. Discutimos também como essa capacidade de sustentar a dor se manifesta no processo analítico,

sendo uma condição indispensável para que a análise se efetive. Para ilustrar o masoquismo em seu caráter transformador, utilizamos a animação "*Turning Red*", que simbolicamente pôde representar para nós a sustentação da dor para fins transformadores.

No terceiro capítulo, abordamos o masoquismo enquanto adoecimento psíquico, diferenciando suas modalidades moral e feminino. Diferenciamos o masoquismo primário e secundário, e como se dá o processo para que algumas pessoas se encontrem em um masoquismo secundário. Para isso, pensamos no masoquismo mortífero, de Rosenberg (2003), que se refere ao masoquismo moral e feminino de Freud (1924) e discute a destruição dessas formas de masoquismo no psiquismo. Examinamos como o masoquismo moral está relacionado com a culpa inconsciente, a necessidade de punição e a reação terapêutica negativa, explorando a dinâmica entre o Supereu e o Eu e como essa estruturação psíquica pode conduzir à autodestruição. Assim como no capítulo anterior, utilizamos um filme para exemplificar essa dinâmica, sendo "A Baleia" o escolhido para ilustrar como o protagonista encarna o extremo do masoquismo moral, mirando na autodestruição guiado pela culpa.

Além disso, ainda nesse capítulo, aprofundamos a compreensão do masoquismo feminino, explorando sua relação com o outro, que é mais direcionada que a do masoquismo moral e sua função defensiva contra a angústia de desamparo (Birman, 1999a). Assim, exploramos como se dá um masoquismo que se oferece para o sofrimento causado por uma pessoa amada e como a submissão se dá como proteção contra o desamparo. Discutimos também como o masoquismo feminino pode ser articulado com a cultura, a qual muito fomenta a submissão e o sofrimento. A partir do filme "Eu, Tonya", discutimos como a repetição de padrões de sofrimento e submissão evidencia a persistência do masoquismo feminino na dinâmica psíquica da personagem.

Assim, este estudo contribui para o campo psicanalítico ao aprofundar a compreensão do masoquismo não apenas como expressão da pulsão de morte, mas também como um recurso psíquico que pode ser mobilizado no processo analítico; além de fazer uma revisão do conceito em Freud, o que pode ser enriquecedor para outros estudiosos do tema, uma vez que a presente pesquisa se ateve ao tema do masoquismo, aprofundando-se nele. Ao examinar suas diferentes manifestações do

fenômeno, a pesquisa permite uma visão mais refinada sobre suas implicações clínicas e teóricas.

Além de sua relevância teórica, este estudo tem implicações clínicas importantes. A investigação sobre o masoquismo permite ao analista um olhar mais atento para a função que ele desempenha na economia psíquica do sujeito, seja como um entrave ao processo analítico, seja como um modo de sustentação psíquica que precisa ser trabalhado na transferência.

Outra questão que emergiu foi a função da cultura na manutenção de determinadas formas de masoquismo. Ao analisar o masoquismo feminino, podemos perceber como o discurso social reforça padrões de submissão e de sofrimento, por exemplo, tornando tão mais entrelaçada a relação entre o interno e o externo, o que evidencia que responsabilizar somente o interno é cruel.

No que tange às limitações, este estudo se concentrou na perspectiva freudiana do masoquismo, sem explorar, em profundidade, contribuições de outras vertentes da psicanálise. Assim, uma análise comparativa poderia enriquecer a compreensão do fenômeno. Da mesma maneira, a pesquisa abordou o masoquismo moral sem uma discussão em comparação com o quadro de melancolia. Rosenberg (2003) traça uma linha de pensamento entre os dois fenômenos e chega a conclusões imprecisas no que tange a masoquismo e melancolia poderem ou não estarem presentes ao mesmo tempo no mesmo paciente. Dentre as seis definições fundamentais utilizadas por Rosenberg (2003), como descritas no capítulo anterior, para a construção da noção de masoquismo mortífero, o autor pontua como uma delas a clivagem do eu, na qual há, portanto, um abandono progressivo do objeto – "não somente mortífero, mas letal" (Rosenberg, 2001, p. 110) – o que nos chamou atenção para uma possível aproximação com a melancolia. Assim, fica uma pergunta em aberto nos casos de masoquismo deixada por Rosenberg (2003): é possível pensar o masoquismo moral e a melancolia simultaneamente em um caso clínico? Na teoria e na prática, o autor percebe duas afirmações diferentes para esta pergunta e não chega a uma conclusão clara. Pensando no masoquismo erógeno e a capacidade de suportar a dor para atravessá-la, conclui que o masoquismo pode ser um fim para a melancolia. Todavia, é possível que haja também um masoquismo patológico na melancolia? Sendo o masoquismo objetal, ligado à presença de um objeto sádico (Freud, 1915/2010), em contraste com a perda do objeto na melancolia, parece haver um impasse de uma coexistência fenomenológica. O

debate fica mais interessante, sobretudo, quando o próprio autor apresenta como definição o abandono progressivo do objeto. Somado a isso, na definição dada por Pinheiro, Quintella e Verztman (2010) sobre a melancolia, observamos que há similaridade entre o masoquismo e a melancolia, com exceção da perda do objeto, a qual é o motivo da condição da melancolia. A melancolia ganha descrições como o "assassinato de si mesmo" (Pinheiro, Quintella, & Verztman, 2010, p. 149), "o ódio ao objeto" (Freud, 1917[1996], p. 250 apud Pinheiro, Quintella, & Verztman, 2010, p. 149), "autoflagelação subjetiva" como um resultado do jogo de forças (Pinheiro, Quintella, & Verztman, 2010, p. 149), "um senso crítico sempre pronto a massacrar o próprio eu" (Ibid.) e "o movimento mortífero do melancólico" (Ibid.). Não foi possível abarcar tamanha discussão neste trabalho; todavia, deixamos essa investigação em aberto para pesquisas futuras, uma vez que a clínica, sendo soberana, e a própria teoria podem sugerir a possibilidade de coexistência desses fenômenos em um mesmo caso clínico.

Assim, esta pesquisa permitiu uma revisão sistemática do conceito de masoquismo na obra freudiana e em autores subsequentes que dialogam com essa perspectiva. Buscamos demonstrar que o masoquismo, longe de ser um fenômeno unicamente destrutivo, apresenta também uma faceta estruturante que possibilita a elaboração da dor psíquica, o que o torna importante para ser pensado no contexto clínico. Por outro lado, ao investigar o masoquismo patológico, enfatizamos seus impactos na clínica e na subjetividade, contribuindo para um entendimento mais amplo de seus desdobramentos e sua relevância para o tratamento.

Ao concluir esta dissertação, percebo que o percurso percorrido foi, em si, uma experiência de travessia, tal como o próprio masoquismo transformador que explorei ao longo do texto. Chegar até aqui não foi apenas um exercício teórico, mas também um movimento de sustentar a dúvida, a angústia e os impasses da escrita e da pesquisa. Ao longo deste estudo, muitas portas se abriram e, inevitavelmente, algumas se fecharam. A maior questão que permaneceu ressoando foi a complexidade do masoquismo enquanto fenômeno psíquico: ele não se reduz a um mecanismo destrutivo ou patológico, tampouco pode ser visto apenas como estruturante e elaborativo. Há sempre um jogo de forças em tensão, e essa ambivalência me acompanhou durante toda a escrita.

Enquanto investigava o masoquismo estruturante, fui tomada pela pergunta: em que medida essa capacidade de sustentar a dor pode se transformar em algo

realmente criativo? Em um primeiro momento, parece haver uma linha tênue entre suportar o desprazer para elaborá-lo e permanecer aprisionado a ele, e a clínica nos mostra que essa fronteira nem sempre é clara, mas tende a tornar-se mais clara com um trabalho cuidadoso em análise. Um ponto de gratificação com este trabalho é dar mais ênfase ao lado que pode vir a ser bonito no jogo das pulsões, não somente o destrutivo. Escrever sobre uma dor que pode ser sustentada e que impulsiona a vida foi pulsão de vida.

Ao evidenciar a ambivalência inerente ao masoquismo – ora fonte de sofrimento, ora possibilidade de elaboração –, este trabalho reforça a necessidade de um olhar clínico atento para a singularidade de cada caso, evitando reduções simplistas ou moralizantes do fenômeno. Esperamos que este trabalho possa servir como base para futuras investigações e intervenções no campo psicanalítico, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do sofrimento psíquico e das possibilidades de sua transformação.

Ao fim deste trabalho, é possível afirmar que o masoquismo, longe de ser apenas um índice de patologia ou um impasse terapêutico, pode também ser entendido como uma via de elaboração psíquica, uma ferramenta de travessia e uma expressão da complexa relação entre pulsão de vida e pulsão de morte. Sua ambivalência não deve ser anulada, mas acolhida como parte da própria constituição subjetiva — e é justamente nessa tensão que reside a riqueza de sua análise. Ele atravessa a experiência humana de maneiras múltiplas e paradoxais, e este estudo foi apenas um primeiro mergulho nesse oceano de complexidade. Sigo com a inquietação e a certeza de que este tema ainda me conduzirá por outras investigações, e que as questões deixadas em aberto não são um fim, mas um convite para novos olhares e desdobramentos.

6 Referências Bibliográficas

Andrade, F. C. B. D. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, (36), 55-68.

Aronofsky, D. (Dir.). (2022). *A baleia* [Filme]. A24.

Assoun, P-L. (1996). *Metapsicologia Freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Birman, J. (1996). *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34.

Birman, J. (1999a). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34.

Birman, J. (1999b). A servidão na psicanálise. In Furtado, A. P. et al. (orgs.). *Fascínio e servidão*. Belo Horizonte: Autêntica.

Canguilhem, G. (1966/2011). *O normal e o patológico*. 7a. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria.

Collins, L. (Produtor) & Shi, D. (Diretor). (2022). *Turning Red* [Disney+ streaming]. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios.

Costa, J. F. (1986). *Violência e psicanálise*. Edições Graal, 2ª ed., Biblioteca de Psicanálise e sociedade, v. n. 3.

Daniel, C., & Souza, M. (2006). Modos de subjetivar e de configurar o sofrimento: depressão e modernidade. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 12, n. 20, p. 117-130.

David-Ménard, M. *Todo el placer es mio*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

Deleuze, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 2006.

Disney, W. (Prod.), & Howard, N. (Dir.). (2010). *Enrolados* [Filme]. Walt Disney Animation Studios.

El-Jaick, F. S. (2017). P*or uma Temporalidade Não Linear: o Tempo Lógico e a Intervenção do Analista* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Ellia, L. (1995). *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê.

Evans, D. (1996). *An introductory dictionary of Lacanian psychoanalysis.* Routledge.

Ferenczi, S. (1933/1992) Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). In *Obras Completas Psicanálise IV* (pp. 97-108). São Paulo: Martins Fontes.

Ferraz, F. C. (2008). Introdução. In: *Sacher-Masoch. L. Von. (1870). A Vênus das peles*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, pp. 9-19.

Fink, B. (1997). *The Lacanian subject: Between language and jouissance.* Princeton University Press.

Fortes, I. (2007). Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. Psicologia clínica, 19, 35- 44. Recuperado de https://www.scielo.br/j/pc/a/vRmKYjbsDLtLVDLSP7ZL9rc/?format=html&lang=pt

Fortes, I. (2012). *A dor psíquica*. 1a ed. Rio de Janeiro: CIA de Freud.

Foucault, M. (1976/2020). *História da sexualidade: A vontade do saber (Vol. 1): A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

Foucault, M. (1978). *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

Foucault, M. (1980). *O nascimento da clínica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria.

Freud, S. (1894/1969). As neuropsicoses de defesa. In *FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. III. Rio de Janeiro. Imago.

Freud, S. (1895/1990). Projeto para uma psicologia científica (1895). In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1897/1996). Carta 69 – 21 de setembro de 1897 – Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1950[1892-1899]). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. II*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900/2019). A interpretação dos sonhos (1900). In *Obras completas volume 4: A interpretação dos sonhos (1900)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1905/2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("o caso dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo. Companhia das Letras.

Freud, S. (1907/2015). Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In *Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1910/2013). Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da Visão (1910). In: *Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("o homem dos ratos"), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo. Companhia das Letras.

Freud, S. (1911/2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In *Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas*

sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1913/2011). Totem e tabu (1924). In *Obras completas volume 11 Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1914/2010). Introdução ao narcisismo (1914). In: *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de uma metapsicologia e outros textos (1914-1915)*. São Paulo. Companhia das Letras.

Freud, S. (1914/2010). Repetir, recordar e elaborar (1914). In *Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos* (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1915/2010). Os instintos e seus destinos (1915). In *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de uma metapsicologia e outros textos* (1914-1915). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1919/2010). "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). *In Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1920/2020). Além do princípio do prazer (1920). In *Além do princípio do prazer = [Jenseits des Lustprinzips] / Sigmund Freud (Obras incompletas de Sigmund Freud / coordenação Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares)*. 1a ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1923/2011). O Eu e o Id (1924). In *Obras completas volume 16: O Eu e o Id," Autobiografia" e outros textos* (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1924/2011). O problema econômico do masoquismo (1924). In *Obras completas volume 16: O Eu e o Id," Autobiografia" e outros textos* (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia (1926). In *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1926/2019a). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial (1926). In *inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1926/2019b). Inibição, sintoma e angústia (1926). In *inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1933/2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1933/2010). O mal-estar na civilização. In *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1937/2021a). Construções na análise (1937). In *Fundamentos da clínica psicanalítica (Obras Incompletas de Sigmund Freud)*. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Freud, S. (1937/2021b). Análise terminável e interminável (1937). In Fundamentos da clínica

Freud, S. (1995/1930). O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. In F. Altman (Org.), *A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias* (pp. 93–98). São Paulo: Scritta.

Freud, S., & Breuer, J. (1893-1895/2016). *Estudos sobre a histeria*. In S. Freud, *Obras completas, Volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)* (P. C. de Souza, Trad., pp. 25-327). São Paulo: Companhia das Letras.

Freudenberger, H. J. (1974). Staff burnout. *Journal of Social Issues, 30*(1), 159–165. https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1974.tb00706.x

Gantheret, F. (1980). *Regard psychanalyique sur la violence*. Universidade de Paris VII, Conferência pronunciada no Instituto de Psicanálise de Barcelona, outubro, 1980, p. 416. Separata.

Garcia-Roza, L. A. (1985). *Freud e o inconsciente*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana. Vol. I: sobre as afasias: O projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (1991). *O acaso e a repetição: Ensaios sobre a teoria freudiana*. Jorge Zahar.

Garcia-Roza, L. A. (2003). *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 7a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Gellis, A., & Hamud, M. I. L. (2011). Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. *Psicologia USP*, *22*, 635-654.

Green, A. (1966-1967/1988). Narcisismo primário: estrutura ou estado? In A. Green, *Narcisismo de vida. Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Green, A. (1988). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In Widlocher, D. (Org.). *A pulsão de morte*. São Paulo: Imago. pp. 58-68.

Green, A. (1988/2010). Anexo III: seminário sobre o trabalho do negativo. In A. Green, *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.

Han, B.-C. (2021). *A Sociedade Paliativa: Dor Hoje*. Vozes.

Hanns, L. A. (1997). Retornando a Freud: a teoria pulsional no texto alemão. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (19). São Paulo.

Hasky, F. (2016). *Pelas trilhas da repetição: do representacional ao pulsional no pensamento freudiano*. Novas Edições Acadêmicas.

Herman, J. L. (1992). *Trauma and recovery: the aftermath of violence from domestic abuse to political terror*. New York: Basic Books.

Jimenez, S. (2006). Considerações sobre o final de análise. In M. Lessa (Org.), *Análise com ou sem fim?* (pp. 123–145). Editora Vozes.

Keh, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.

Klautau, P., Kislanov, S., & Winograd, M. (2014). A função terapêutica do traumático. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro), 36*(31), 151-168.

Klein, M. (1933/1991). *O amor, a culpa e a reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago.

Krafft- Ebing, R. V. (1894/2012). *Psychopatia Sexualis: with especial reference to contrary sexual instinct; a medico-legal estudy*. Philadelphia, Pennsylvania: Forgotten Books.

Krafft-Ebing, R. V. (1886/2000). *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. São Paulo: Martins Fontes.

La Boétie, É. (1562/1993). *De la servitude volontaire*. Paris: Gallimard.

Lacan, J. (1953/1998). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (D. Rosa, Trad.). In J. Lacan, *Escritos* (pp. 300–343). Zahar.

Lacan, J. (1955/2010). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1963-1964/1985). *O seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Lagoas, J. M., & Chatelard, D. S. (2019). Contribuições para uma Teoria Psicanalítica da Percepção: da regressão alucinatória à coisa do desejo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *35*.

Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I - A angústia*. São Paulo: Martins Fontes.

Leriche, R. (1936). *De la santé à la maladie*. In *Encyclopédie française* (Vol. VI). Paris: Larousse.

Minerbo, M. (2013). O pensamento clínico contemporâneo. Algumas ideias de René Roussillon. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 73-84. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2013000200008&script=sci_arttext.

Moreira, I. (2016). *15 Alertas Para Identificar Um Relacionamento Abusivo*. Galileu. Recuperado de http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/09/15-alertas-para-identificar-um-relacionamentoabusivo.html.

Narvaz, M. (2010). Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de psicologia. *Psicologia: Ensino e Formação*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 47-59.

Nathan, T., & Stengers, I. (1995). *Médecins et sorciers: manifeste pour une psychopathologie scientifique*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond.

Oliveira, F. A., Ávila, F. J. P., Bastos, N. M. C., & Vasconcelos, V. L. (2016). Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a ineficácia da Lei Maria da Penha. *Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão [Internet]*, 1-14.

Oliveira, M. T. D., Winograd, M., & Fortes, I. (2016). A pulsão de morte contra a pulsão de morte: a negatividade necessária. *Psicologia Clínica*, *28*(2), 69-88. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652016000200005&script=sci_arttext

Oliveira, R. & Mendonça, H. (2022). O conceito de inconsciente na obra de Freud. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 112-131, nov. 2021 a abr. 2022.

Oliveira, S. C. (2018). Burnout e a dinâmica pulsional: Reflexões psicanalíticas sobre o esgotamento profissional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *52*(1), 45-60.

Pereira, M. E. C. (2009). Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo. *Revista latinoamericana de psicopatología fundamental*, *12*(2), 379-386. psicanalítica (Obras Incompletas de Sigmund Freud). 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica.

Radanovic, M. & Kato-Narita, E. M. (2016). *Neurofisiologia básica para profissionais da área da saúde*. São Paulo: Atheneu.

Ricci, G. (1977). *Topologie du discours de la fête*, 1977. Paris: Union Générale d'Éditions.

Ricoeur, P. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Riviere, J. (1929). Womanliness as a masquerade. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 10, 303–313.

Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta.

Roudinesco, E. *Dicionário de psicanálise* / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; [tradução Ribeiro,V. e Magalhães, L.]. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

Roussillon, R. (1999b). *Agonie, clivage et symbolization*. Paris: PUF

Roussillon, R. (2001). *Le plaisir et la repetition*. Paris: Dunod.

Roussillon, R. (2012). Deux paradigmes pour les situations-limites: processus mélancolique et processus autistique. *Le Carnet Psy*, 161(3), 37-41.

Schneider, M. (1977). Freud et le plaisir: du principe à l'expérience. Topique. *Revue Freudienne*, 20, 87-114.

Schwartz, H. (2016). Unconscious dynamics of burnout: Repetition compulsion and masochism in professional exhaustion. *Psychoanalytic Quarterly*, *85*(2), 321-345. https://doi.org/10.1002/psaq.12045

Serpa Jr, O. D. (2003). *Indivíduo, organismo e doença: a atualidade de "O Normal e o Patológico" de Georges Canguilhem*.

Shi, D. (Dir.). (2022). *Turning Red* [Filme]. Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures.

Soler, C. (1998). Posição masoquista, posição feminina. In *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Souza, T. (2011). O lugar do desejo feminino frente à violência. *Revista Reverso*, 33(62). 85- 91.

Strechey, J. (1996). *Nota do Editor Inglês*. In S. Freud O inconsciente. (pp. 165-217) Rio de Janeiro: Editora Imago.

Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Tesche, V. R. E., & Weinmann, A. O. (2018). Reflexões sobre o enredamento feminino em relacionamentos abusivos. *Caderno Espaço Feminino*, 31(1), 201-2025.

Vidal, E. A. (1992). A torção de 1920. *Revista da Letra Freudiana – Pulsão e Gozo*. Rio de Janeiro.

Viereck, G.S. (1930/1995). “Sigmund Freud”, In Autman, F. (org). *A arte da entrevista*. São Paulo: Scritta.

Zaltzman, N. (1994). *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta.

Žižek, S. (1989). *The sublime object of ideology*. Verso.